

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARIANE SOARES GENNARI

**O exílio palestino em *Homens ao Sol* (1963):
diálogos entre História e Literatura**

SÃO PAULO

2016

MARIANE SOARES GENNARI

**O exílio palestino em *Homens ao Sol* (1963):
diálogos entre História e Literatura**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Área de Concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. José Antonio Vasconcelos

SÃO PAULO

2016

Nome: GENNARI, Mariane Soares

Título: O exílio palestino em *Homens ao Sol* (1963): diálogos entre História e Literatura

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

Ao Cauê Martins, pelo amor sincero e intenso, pela parceria cotidiana, pela paciência e por me mostrar que, ao seu lado, podemos enfrentar as adversidades desse mundo, sempre reelaborando as possibilidades de sua transformação.

À minha família, pelo amor, pela paciência e pelo apoio em todas as suas formas. À minha mãe Sandra, exemplo de força e dedicação, sempre apontando o lado bom da vida. Ao meu pai Adilson, por inspirar a busca por um olhar crítico do mundo em que vivemos. Minha irmã Rafaela que, mesmo do outro lado do mundo, transmite bom humor e esperança. À Táta, Marcia, Marcos, Talita e Tamiê, por todo o carinho. À Carol, minha prima, cujo surpreendente retorno provocou deliciosas afinidades.

Ao meu querido orientador, José Antonio Vasconcelos, com o qual, felizmente, pude contar ao longo de todo o mestrado e que esteve sempre presente e comprometido com a minha formação, incentivando a autonomia e honestidade intelectuais.

Ao professor Júlio Pimentel, por realizar uma leitura sofisticada e atenta, cujas observações durante a qualificação foram essenciais para desatar os nós textuais que, diante dos prazos e exigências acadêmicas, muitas vezes não conseguimos ver.

Aos queridos professores da UNIFESP. Especialmente, Ana Lúcia Lana Nemi e Janes Jorge que insistiram para que eu continuasse meus estudos e que contribuíram com a minha formação como historiadora com suas conversas e ensinamentos. Nunca me esquecerei.

À USP, por ampliar minhas possibilidades de construir conhecimentos. Aos funcionários, colegas e professores dessa instituição que foram fundamentais no longo caminho até a finalização desta dissertação.

À FFIPP-Brasil, organização educacional que possibilitou minha ida à Palestina em 2014, onde pude ter contato com a materialidade daquilo que eu estava conhecendo por meio de textos. E por todos os amigos e todas as amigas que ganhei a partir de então. Pelas lutas e sonhos que compartilhamos na triste trajetória em busca de solidariedade e justiça para a Palestina.

Às amigas e aos amigos da vida que ajudam a dar sentido às minhas escolhas.

Esta pesquisa contou com o apoio de bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio de seu Programa de Demanda Social.

RESUMO

A partir da leitura do romance *Homens ao Sol* (1963), de Ghassan Kanafani (1936-1972), esta dissertação visa ampliar a compreensão histórica do exílio palestino. A pesquisa exigiu um diálogo entre esse texto literário e a produção historiográfica sobre o seu contexto, investigando uma condição que, desde 1948, está presente na vida da população árabe palestina. Este trabalho, por isso, foi estruturado a partir de questões levantadas ao longo do enredo do romance, proporcionando reflexão para a construção de uma História da Palestina. Diante das memórias dos protagonistas exilados e da imposta necessidade de possuir uma identidade, o texto ficcional revela-se como uma análise crítica da história e, ao mesmo tempo, como um projeto transformador da realidade, provocando ideias para uma resistência nacional na Palestina.

Palavras-chave: Exílio Palestino; Ghassan Kanafani; História e Literatura; Literatura Palestina; História da Palestina.

ABSTRACT

From the reading of the novel *Men in the Sun* (1963), written by Ghassan Kanafani (1936-1972), this dissertation aims to expand the historical understanding of the Palestinian exile. The research has demanded a dialogue between this literary text and the historiographical production on its context to investigate a condition that is present in the lives of the Palestinian Arab population since 1948. Therefore, this work was structured from issues raised throughout the novel's plot and thereby it has provided reflection about the construction of a History of Palestine. The fictional text reveals itself as a critical analysis of history and at the same time, as a transformer project of reality from the memories of the exiled protagonists and the imposed need to have an identity, thus it provokes ideas for a national resistance in Palestine.

Keywords: Palestinian exile; Ghassan Kanafani; History and Literature; Palestinian Literature; History of Palestine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	8
A MEMÓRIA DA <i>NAKBA</i> E A INTERMITÊNCIA DO PRESENTE: CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA CRÍTICA EM <i>HOMENS AO SOL</i>	19
Origens da memória sobre a <i>Nakba</i>	21
A memória consciente.....	29
Memórias justificam as escolhas do presente.....	37
O tempo intermitente.....	41
IDENTIDADE EM QUESTÃO: A PERSISTÊNCIA DO EXÍLIO PALESTINO.....	45
Em busca de identidade.....	46
Dificuldade e pluralidade no ser palestino.....	49
Entre ameaças e impedimentos.....	54
A (in) fertilidade da luta nacional.....	58
Outro sufoco.....	62
“Ainda há caminhos neste mundo?”.....	63
NARRATIVA E RESISTÊNCIA: A SOBREVIVÊNCIA HISTÓRICA DOS PALESTINOS.....	67
Uma amarga interrupção.....	67
A sobrevivência remanescente.....	72
Em exílio é preciso resistir.....	75
Literatura é resistência na Palestina.....	79
Proposta de narrativa histórica.....	85
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
ANEXO I.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	93

INTRODUÇÃO

Este texto discute as possibilidades de compreensão histórica do exílio palestino a partir da leitura de *Homens ao Sol* (1963), de Ghassan Kanafani (1936-1972), escritor palestino que foi exilado aos doze anos com sua família, morando em diferentes países árabes e conhecido pela sua militância política e produção literária. *Homens ao Sol* foi o primeiro romance publicado do autor e seu conteúdo narra a situação de três homens palestinos, Abu-Qays, Assaad e Marwan, vivendo em Basra, no Iraque, cerca de dez anos após a *Nakba*¹. Eles se conhecem por conta da tentativa comum de fugir para o Kuwait, buscando melhores condições de vida. De diferentes gerações, os três homens precisam se submeter às condições impostas pelos contrabandistas que realizam ilegalmente o cruzamento entre as fronteiras, em uma região desértica. Aparentemente sem outras alternativas, eles não conseguem o dinheiro exigido para realizar a travessia e recebem a proposta de uma quarta personagem, o motorista de um caminhão-tanque, também de origem palestina, Abul-Khayzuran, que se oferece para levá-los dentro do tanque d'água vazio do seu veículo. Apesar do receio, a falta de escolhas faz com que os três aceitem participar do plano.

Partiu-se, então, de uma análise dialógica entre História e Literatura para refletir sobre a condição dos palestinos após 1948, ano da criação do Estado de Israel. Considerado o lar nacional do povo judeu, Israel consolidou-se a partir dos esforços do movimento sionista, com apoio do Império Britânico, que promoveu, no início do século XX, um processo de colonização das terras da Palestina, gerando consequente expulsão e massacre da população árabe nativa, fato denominado como *Nakba*² – “catástrofe” em árabe. O conhecimento sobre a *Nakba* tem ganhado esforços para manter-se historicamente consolidado nas narrativas que tratam do acontecimento que levou os palestinos à condição de refugiados (interna e externamente) e, antagonicamente, o mesmo período é identificado pelo sionismo como a Guerra de Independência de Israel e da nação judaica.

1 *Nakba*, em árabe, significa “catástrofe” e refere-se ao momento histórico que, em 1948 com a consolidação do Estado de Israel, levou a expulsão e massacre da população árabe e a destruição de centenas de vilas em todo o território. Ver nota de rodapé nº 2.

2 MASALHA, Nur. *The Palestine Nakba: Decolonising history, narrating the subaltern, reclaiming memory*. London & New York: Zed Books, 2012, pp. 19-43; PAPPÉ, Ilan. *The Ethnic Cleansing of Palestine*. Oxford: Oneword Publications Limited, 2006, pp. 10-28; SAID, Edward. *A questão da Palestina*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, pp. 94-132.

A análise sobre desse contexto contemporâneo, contudo, precisa considerar a experiência histórica do imperialismo. Edward Said foi enfático na ideia de que “chegamos a um ponto em nosso trabalho em que nossos estudos não mais podem ignorar os impérios e o contexto imperial”³. Segundo o historiador Eric Hobsbawm, o imperialismo foi um processo de expansão econômica a partir da exploração ultramarina que deu continuidade ao desenvolvimento capitalista, atingindo as mais remotas regiões do mundo, envolvendo, ademais, questões políticas, ideológicas, patrióticas, raciais, emocionais⁴.

Considerando isso, Said preocupou-se com a dimensão cultural provocada pelo imperialismo, afirmando que “as ideias sobre a cultura eram explicitadas, reforçadas, criticadas ou rejeitadas a partir das experiências imperiais”⁵. E essas ideias ganhavam materialidade, entre outras coisas, em textos literários, largamente analisados pelo autor. Boa parte das narrativas produzidas no âmbito desses impérios dialogavam com uma “estrutura de atitudes e referências”⁶, que, segundo Said, significa que “devemos vincular as estruturas de uma narrativa às ideias, conceitos e experiências em que ela se apoia”⁷.

Assim, ao considerarmos tais narrativas como formas de conceber a existência e, também, como olhares sobre uma realidade, é esperado que identificaremos contraposições entre os diversos autores, em que alguns possuem um espaço de alcance maior do que outros. Assim, surgem narrativas marginalizadas e narrativas hegemônicas que estão, quase sempre, intercaladas, sem, no entanto, ocuparem o mesmo lugar numa relação de força e poder⁸.

Um caso emblemático disso e que, ademais, justifica a realização deste trabalho refere-se ao tratamento dado ao Centro de Pesquisas da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) por Israel. Em setembro de 1982, durante a Guerra do Líbano, quando as forças israelenses entraram em Beirute, um dos seus primeiros objetivos foi acessar o Centro de Pesquisas da OLP, onde eram preservadas boa parte dos arquivos com a história documental e cultural dos palestinos⁹. Essa preocupação em alcançar o Centro já havia sido manifestada em outras duas tentativas, em julho e em agosto daquele ano e com a invasão de

3 SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p. 38.

4 HOBBSAWM. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007, pp. 93-95.

5 SAID. *Op. Cit.*, p. 43.

6 *Ibidem*, p. 117.

7 *Ibidem*, p. 124.

8 Edward Said destacou essa questão no livro *Cultura e Imperialismo*, ao enfatizar que povos outrora colonizados passaram a se dar conta de que sua versão sobre a suas vidas e suas histórias eram diferentes daquelas até então disseminadas e procuraram, a partir disso, formas de expor o que haviam constatado, resistindo ao que estava posto até então. Ver: SAID, *Op. Cit.*, pp. 302-431.

9 HARLOW, Barbara. *Literatura de Resistencia*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1993, p. 34.

Beirute, itens específicos do acervo foram saqueados, confiscados ou destruídos, incluindo coleções de microfimes, manuscritos raros e livros em diferentes idiomas que compunham a biblioteca do local¹⁰. O Estado de Israel já praticava incursões imperiais desde a Guerra dos Seis Dias, em 1967, quando passou a colonizar e controlar regiões do território palestino.

É possível afirmar, com isso, que o processo de colonização estende-se à própria produção de saber. Said, sobre isso, assinalou que “o poder de narrar, ou de impedir que se formem e surjam outras narrativas, é muito importante para a cultura e o imperialismo, e constitui uma das principais conexões entre ambos”¹¹. Assim, parece que é quando há empenho em eliminar a história de uma população, que se faz necessário partir para todas as produções culturais que perduram, reconhecendo, nesse caso, o esforço da resistência palestina para assegurar a sua existência de distintas maneiras.

Cabe reforçar que “se o imperialismo avançou implacavelmente nos séculos XIX e XX, o mesmo se deu com a resistência a ele”¹², lembrou Said. Portanto, as produções culturais de resistência, dentre elas, as narrativas literárias, contribuem para a investigação da vida daqueles que têm a sua existência colocada à prova. Pois é certo que a perseguição ao rico acervo do Centro de Pesquisas da OLP constituiu um esforço de negação de uma narrativa, que, no limite, ameaçaria a consolidação de outras.

Nesse aspecto, muitas pessoas em exílio foram responsáveis por construir algum tipo de resistência externa à realidade que se concretizava com o projeto sionista. Ghassan Kanafani foi uma dessas figuras. Ele nasceu em abril de 1936 na cidade de Acre, na costa mediterrânea, ao norte do atual território israelense. Pertencente à classe média alta, seu pai era advogado e os seus estudos iniciais foram feitos em uma escola de missionários franceses. Aos doze anos, durante a *Nakba*, ele e sua família tornaram-se exilados e fugiram para o Líbano. Sua condição socioeconômica mudou significativamente. O exílio foi acompanhado de uma realidade pobre e cheia de dificuldades¹³.

A vida profissional e política de Kanafani esteve entrelaçada ao longo de sua breve vida. Aos dezesseis anos, foi professor de uma escola da UNRWA (Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina) em um campo de refugiados em Damasco e, no mesmo período, foi aluno do Departamento de Literatura Árabe na Universidade de

10 MASALHA, Nur. *The Palestine Nakba: Decolonising history, narrating the subaltern, reclaiming memory*. London & New York: Zed Books, 2012, pP. 143-144.

11 SAID. *Op. Cit.*, p. 11.

12 SAID. *Op. Cit.*, p. 27.

13 RILEY, Karen. E. “A Biographical Essay”. In: KANAFANI, Ghassan. *Palestine's Children: Returning to Haifa and Other Stories*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, Inc., 2000, pp. 1-12

Damasco. Com quase 20 anos de idade, lecionou em uma escola governamental da Cidade do Kuwait. Além de escritor de contos e romances, foi editor-chefe do jornal de Beirute *al-Muharrir* (O Libertador) e em seguida, ajudou a fundar o jornal *al-Hadaf* (O Alvo), publicação ligada à FPLP (Frente Popular para a Libertação da Palestina), organização marxista em que militou até o seu assassinato, em 1972, quando uma bomba foi colocada em seu carro, matando Kanafani e sua sobrinha de 17 anos, Lamees¹⁴.

Seu engajamento político e aprimoramento textual caminharam juntos numa luta inacabada por justiça e pelo reconhecimento histórico da Palestina. Dentre um conjunto de escritores ao redor do mundo que começaram a produzir textos conscientes de que participavam de uma batalha anticolonial e anti-imperialista por liberdade nacional e, mais do que isso, por autodeterminação¹⁵, Ghassan Kanafani foi porta-voz de uma resistência palestina que segue lembrando seus textos e sua postura militante ao reivindicar legitimidade de uma história em que sejam os protagonistas. Em 1972, o Comitê para uma Palestina Democrática de Nova York escreveu um texto introdutório para o mais conhecido dos escritos políticos de Kanafani, “A Revolta de 1936-39 na Palestina”¹⁶, em que é possível ter uma ideia da dimensão que sua figura atingiu:

*Não é de surpreender que o funeral de Kanafani foi talvez a maior manifestação política no Líbano desde a morte de Nasser. Como um mártir, porém, seu impacto sobre a situação e consciência dos palestinos é um fato sempre presente. Os israelenses tentaram silenciá-lo mas, seu sangue derramado serviu bem para nutrir a militância das atuais e das futuras gerações de palestinos*¹⁷.

Muitos autores e estudiosos da literatura reconheceram a importância de Kanafani e destacaram o entrelaçamento entre a sua produção escrita e a sua militância política. Dentre todos eles, foi essencial, neste trabalho, o diálogo com duas pesquisadoras, responsáveis por traduzir parte da sua obra para o inglês, elas dedicaram seus estudos, também, à vida do autor palestino. Hilary Kilpatrick é uma pesquisadora britânica que investiga a literatura árabe e traduziu para o inglês o romance *Homens ao Sol*, ela possui alguns artigos em que analisa o trabalho de Kanafani e foram, especialmente, lidos ao longo deste trabalho. Já a norte-

14 Idem.

15 SAID. *Op. Cit.*, pp. 302-431.

16 A versão em português foi lançada em 2015, mas não possui a introdução da versão em inglês escrita pelo Comitê para uma Palestina Democrática. KANAFANI, Ghassan. *A Revolta de 1936-1939 na Palestina*. São Paulo: Sundermann, 2015; KANAFANI, Ghassan. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. New York: Committee For Democratic Palestine, 1972.

17 “Introduction to Ghassan Kanafani”. In: KANAFANI, Ghassan. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. New York: Committee For Democratic Palestine, 1972, p. 7

americana Barbara Harlow publicou traduções, livros e artigos sobre Kanafani, destacando principalmente o lugar da resistência que ele ocupou na maior parte de sua vida e, além disso, é uma importante referência para pensar o diálogo entre texto e contexto do autor, já que ela defende a materialidade dos acontecimentos da resistência como um dos objetivos das narrativas produzidas por Kanafani¹⁸.

Especificamente sobre o romance aqui investigado, *Homens ao Sol*, além das autoras citadas, as leituras das análises de dois estudiosos foram fundamentais. Muhammad Siddiq, residente norte-americano e especialista em literatura comparada, produziu uma pesquisa publicada em 1984 sobre o processo de amadurecimento político de Kanafani em diálogo com seus escritos literários e foi considerado relevante nesta dissertação. Douglas Magrath, também dos Estados Unidos, fez um breve artigo com uma interpretação pertinente sobre o conteúdo desse livro de Kanafani.

Ademais, é oportuno mencionar ainda que Edward Said destacou a obra de Kanafani como importante interpretação da realidade palestina em seu livro *A questão da Palestina* (2012) e, também, o distinto escritor Elias Khoury reconheceu como significativo o trabalho desse autor em uma recente publicação intitulada “Remembering Ghassan Kanafani, or How a Nation was Born of Storytelling” (2012/13), revelando a contribuição para a construção da ideia de nação palestina que Kanafani ofereceu por meio de sua presença e legado.

Interessa, além disso, expor que o primeiro e principal romance de Kanafani, *Homens ao Sol*, foi traduzido para várias línguas e, inclusive, foi base de um filme, dirigido pelo egípcio Tawfiq Salih e intitulado *al-Makhdu'un/The Dupes*, oito anos após a publicação do livro¹⁹. A narrativa gira em torno dos três exilados palestinos que tentam sobreviver no trânsito entre países do Golfo Pérsico, buscando compreender suas condições cerca de dez anos após a *Nakba*. Os palestinos, após 1948, tornaram-se exilados de diversas formas. É importante, por isso, apresentar a dimensão demográfica que este trabalho aborda. O historiador israelense Ilan Pappé destacou que

A quantia de três quartos de milhão de palestinos desenraizados pode ser vista como "modesta" quando colocada no contexto da transferência de milhões de pessoas na Europa, que foi um dos resultados da Segunda Guerra Mundial, ou das desapropriações ocorridas na África no início do século XXI. Mas às vezes é preciso relativizar os números e pensar em percentuais para começar a entender a magnitude de uma tragédia que tomou conta da população de um país inteiro. Metade dos nativos que viviam na Palestina foram expulsos, metade de suas aldeias

18 HARLOW, Barbara. *After Lives: legacies of revolutionary writing*. London, New York: Verso, 1996.

19 *Ibidem*, p. 52

*e cidades foram destruídas, e apenas poucos entre eles já conseguiram retornar*²⁰.

O exílio palestino é, portanto, um aspecto relevante na história dessa população e foi escolhido aqui como objeto de pesquisa por ser uma condição de vida que contribui para refletir materialmente não apenas sobre o momento em que isso ocorreu mas, também, nos anos posteriores e, inclusive, nos presentes dias, já que uma resolução justa para a situação dos refugiados palestinos, por exemplo, ainda não foi determinada. Assim, como deve ser o trabalho do historiador, a ideia é relacionar passado e presente para buscar compreender a dinâmica dos processos históricos. A noção aprofundada sobre o exílio palestino será construída ao longo do segundo capítulo deste trabalho, no entanto, é importante introduzir uma discussão mais geral sobre ele.

A condição de exílio tem sido percebida ao longo do tempo em diferentes circunstâncias. Sua experiência é vivenciada desde que o ser humano se vê obrigado a deixar um lugar que sente como parte de si, reconhecido em suas memórias. O sentimento de perda é identificado com o afastamento e posterior lembrança desse local. A historiadora brasileira Denise Rollemberg escreveu sobre o tema e destacou que são muitos os períodos históricos em que o exílio está presente na vida de um povo, um indivíduo ou uma sociedade²¹.

Rollemberg retomou a Antiguidade com a tragédia grega que narra a trajetória de Ulisses para lembrar que “o exílio estrutura personagens mitológicos, arquétipos da cultura ocidental”²² e que outras personagens carregam esse sofrimento como marca de suas existências: Adão e Eva, Jesus, Édipo, Rute de Moabe, etc²³. Porém, o exílio não está apenas presente nos mitos de origem da sociedade ocidental, ele pode ser observado como tema de muitos textos literários que datam não só a antiguidade grega, mas também tempos contemporâneos, como é o caso de *O estrangeiro* (1942), do conhecido escritor franco-argelino Albert Camus, no qual o narrador Meursault relata, na Argélia colonial, a ausência de sentimentos diante da morte de sua mãe e a frieza com que encara o assassinato que cometeu contra um homem árabe, provocando inquietações sobre o sentido da existência humana. O título do romance e a ideia de exílio podem ser interpretados como a percepção que o narrador tem em se sentir deslocado do mundo em que vive, em não se identificar com as falas e atitudes que são dele esperadas por aqueles que o cercam. O exílio, então, ganha diversos

20 PAPPÉ, Ilan. *The Ethnic Cleansing of Palestine*. Oxford: Oneword Publications Limited, 2006, pp.8-9.

21 ROLLEMBERG, Denise. *Exílio*. Entre raízes e radares. Rio de Janeiro. Record, 1999.

22 *Ibidem*, p. 1.

23 *Idem*.

contornos e significados.

O exílio também está presente em expressões subjetivas que vão além das produções do Ocidente. Rollemberg se dedicou à análise do exílio dos brasileiros durante a Ditadura civil-militar e, assim como os demais exilados latino-americanos do mesmo período, a autora identifica o termo conforme o contexto que pretende discutir:

O exílio tem, na história, a função de afastar/excluir/eliminar grupos ou indivíduos que, manifestando opiniões contrárias ao status quo, lutam para alterá-lo. O exilado é motivado pelas questões do país, envolve-se em conflitos sociais e políticos, diz não a uma realidade²⁴.

Importante ressaltar, todavia, que o exílio tem suas especificidades e é observado no presente estudo a partir de um contexto distinto. Assim, ainda que seja condição presente universalmente, o exílio exige observações próprias em cada circunstância. No caso palestino, uma de suas particularidades é a inexistência de lugar de retorno. Os palestinos exilados foram “afastados/excluídos/eliminados”, no entanto, não escolheram essa condição como forma de manifestar suas opiniões contrárias, lutar ou alterar a realidade conflituosa de seu país como os intelectuais, artistas e políticos brasileiros e latino-americanos fizeram na segunda metade do século XX. O povo palestino foi expulso, banido e obrigado a deixar suas casas, sem que isso tenha relação com a manutenção de alguma atividade revolucionária ou crítica ao que era vigente, e sim, como ação sofrida passivamente, os palestinos foram forçados a isso sem terem outra alternativa oferecida.

Assim, a narrativa produzida por Ghassan Kanafani, o autor palestino do romance analisado neste trabalho, difere das expressões que são identificadas como obra de um autor exilado em contextos específicos das ditaduras na América Latina ou dos regimes fascistas da Europa, por exemplo. Ele deve ser lido em diálogo com a um contexto em produção: a realidade palestina após a consolidação do Estado de Israel em 1948.

Juliane Hammer analisou, por meio de uma investigação de história oral, a vivência distinta do exílio para palestinos em diferentes locais e situações e observa a presença dessa condição para todos eles em seu livro *Palestinians born in exile* (2005):

Estar em casa ou ir para casa é algo que a maioria das pessoas consideram um direito adquirido, mas para muitos palestinos ter uma pátria e sentir-se em casa não fazem parte da experiência diária. Mover-se e viver em outros lugares que não a Palestina têm sido, ao longo do século passado, uma característica importante da

24 *Ibidem*, p. 2.

*vida palestina. Não há uma família palestina que não tenha sido afetada por essa experiência. Palestinos vivem em diferentes cantos do mundo, em comunidades maiores ou menores, mas alguma coisa e alguém importante está sempre ausente de suas vidas. O anseio pelos ausentes e a comunicação através de meios antigos e novos são parte integrante das suas experiências de vida*²⁵.

Cabe comentar, ademais, outro estudo recente sobre o exílio que afirma a importante conexão entre essa condição e a ideia de nação. David Kettler e Zvi Ben-Dor na organização de uma coletânea de textos sobre o exílio intitulada “The limits of exile”²⁶ comentam que, de todos os paradoxos associados ao termo “exílio”, o mais percebido é aquele que se conecta com a ideia de nação:

*Por um lado, o colapso dos impérios e ascensão de Estados-nações em todo o mundo criaram muitas novas "lares" para coletividades que agora definem-se como nações. Por outro lado, no entanto, a criação dessas terras foi acompanhada por guerras, deportações e tentativas de "limpezas étnicas", que deixaram muitos outros povos e coletividades deslocadas, ou em outras palavras, no exílio*²⁷.

O caso dos palestinos é sintomático desse paradoxo. O termo “limpeza étnica”, inclusive, é título de um dos livros²⁸ mais conhecidos sobre a expulsão e massacres dos palestinos durante a *Nakba*, escrito por Ilan Pappé, um historiador israelense que propõe revisão crítica da narrativa sobre a criação do Estado de Israel. Outra observação sobre o exílio feita por Kettler e Ben-Dor também afeta a realidade palestina:

*Um segundo conjunto de problemas e paradoxos está ligado com a ascensão dos fortes estados modernos. A cidadania concedida pelo Estado moderno tornou-se a forma mais eficiente para garantir direitos e a ligação de alguém a sua casa. Mas, ao mesmo tempo, o Estado moderno tem infinitamente mais poder de negar a cidadania, expulsar, recusar a entrada e negar a re-entrada e acesso ao que já foi um lar. Além disso, desde o início dos Estados do século XIX, eles têm mais poderes e meios para realocar (deslocar, exilar) um número maior de pessoas*²⁹.

No entanto, definir quem pertence ou não a uma nação em um mundo de experiências em constante trocas e dimensões, limita e exclui a diversidade existente entre povos e suas culturas, criando grupos artificialmente legitimados. Isto posto, interessa destacar que tanto a obra quanto a vida de Edward Said foram dedicadas a combater os essencialismos das nações

25 HAMMER, Juliane. *Palestinians born in exile: diaspora and the search of homeland*. Austin: University of Texas Press, 2005, p. 2.

26 KETTLER, David & BEN-DOR, Zvi (Editors). *Journal of the Interdisciplinary Crossroads*. Thematic issue: The Limits of Exile. Vol. 3, No 1 (April 2006). Allahabad Association for Historical and Cultural Studies.

27 *Ibidem*, p. 7.

28 Ver: PAPPÉ, Ilan. *The ethnic cleansing of Palestine*. Oxford: Oneworld Publications Limited, 2007.

29 KETTLER, D. & BEN-DOR, Z. *Op. Cit.*, pp. 7-8.

e culturas. Ele se preocupou em partir de uma análise crítica da cultura do imperialismo para orientar outras formas de ler, ouvir e dialogar com as culturas existentes, de maneira comprometida e humanista. Criticou as definições restritas de identidade que reduzem as possibilidades de integração cultural e cruzamentos de narrativas, buscando denunciar os discursos, as práticas e as estruturas que legitimaram e naturalizaram fronteiras físicas e imaginárias entre povos e culturas em nome de um poder.

Edward Said escreveu um ensaio intitulado “Reflexões sobre o exílio” (2003) e nele definiu o mundo contemporâneo como a “era do refugiado” e afirmou que “o exílio não pode ser posto a serviço do humanismo”³⁰. Ou seja, o resultado histórico do arranjo mundial da nossa época aponta para a existência de um significativo grupo de pessoas deslocadas, vivendo em movimento, fora da estrutura hegemônica onde culturas e línguas específicas pertencem a determinados territórios geográficos. O exílio enquanto consequência dessa realidade não poderia, portanto, ser utilizado para compreender melhor a essência do ser humano. O exílio, na ótica de Said, não é uma escolha do sujeito exilado, “nascemos nele, ou ele nos acontece”³¹.

O autor ainda afirmou que “o exílio tem origem na velha prática do banimento”³², ou seja, o exilado é aquele sofreu uma ação política sendo expulso do local onde vivia e condenado a deixar a sua terra natal. Banimento, nesse contexto, refere-se à ação de ser forçado a sair de um lugar sem querer fazê-lo.

Exposto isso, as propostas de transformação da situação dos palestinos visam questionar a força e estrutura oferecida pelos Estados-nação e pelas definições oficiais de identidade. Reconhecer que a Palestina é um lugar de disputa de narrativas é fundamental para compreender o sintoma do exílio. O sociólogo Gershon Shafir em seu livro *dobro as origens do conflito entre Palestina e Israel* expõe o cenário:

*Foi essencialmente no contexto desse conflito nacional que tanto o lado dos judeus quanto o dos árabes assumiu suas identidades modernas. Transformou os judeus imigrantes em israelenses e o rudimentar sionismo da Europa Oriental em práticas concretas na formação do Estado e da nação israelenses. Os residente árabes da Palestina desenvolveram o seu nacionalismo distinto próprio e se tornaram palestinos no mesmo contexto*³³.

30 SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 47.

31 *Ibidem*, p. 57.

32 *Ibidem*, p. 54.

33 SHAFIR, Gershon. *Land, Labor and the Origins of the Israeli-Palestinian conflict, 1882-1914*. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1996, p. 5.

A construção da identidade palestina, apesar disso, iniciou-se ainda durante o Império Otomano, com o reconhecimento das tradições islâmicas e o surgimento de uma minoria urbana educada. No entanto, após a *Nakba*, em 1948, houve uma intensificação dessa luta por reconhecimento. Esse trabalho considera que a literatura oferece uma outra possibilidade de interpretação dessa configuração mundial. *Homens ao Sol* (1963), de Ghassan Kanafani, é lido aqui com as lentes de um contexto histórico marcado pelas tentativas materiais de resistência à condição vigente, que sugere outras possibilidades narrativas..

Além disso, considerada aqui como uma leitura da realidade, a literatura deve manter diálogo com a produção historiográfica. Os textos de ficção são produzidos a partir da imaginação de um autor que envolve-se com um contexto que é acessível por meio da escrita de um outro autor: o historiador. Assim, não deve haver hierarquização entre as produções textuais, a subjetividade própria do texto literário é entrelaçada com a pretendida objetividade do contexto histórico e, quando em conexão, abrem-se possibilidades para novos conhecimentos.

Portanto, a literatura não pode ser analisada pelo historiador a partir de uma “leitura documental”³⁴, conforme termo exposto por Dominick LaCapra, em que o texto seria lido de forma literal e factual. LaCapra sugere que o historiador faça uma leitura que permita ser crítica e transformadora. Assim, para além de contextualizar a produção da obra de um autor, interpretando-a como um objeto do passado, o historiador precisa trabalhar no sentido de interagir com o texto dialogando com ele e com os problemas que surgirem dele³⁵. Isso é o que o autor chama de leitura “*worklike*”³⁶. Assim, LaCapra incetiva uma crítica historiográfica sofisticada em que os “textos devem ser vistos como se eles nos enfrentassem de formas sutis e desafiadoras, e devem ser conduzidos ao presente – com implicações para o futuro – de maneira dialógica”³⁷. Considerando isso, o historiador José Antonio Vasconcelos sintetiza essa proposta, elucidando que

a interpretação de um texto pressupõe que estabeleçamos relações entre esse texto e uma configuração textual à qual damos o nome de “contexto”. [...] O grande erro do historiador é considerar o contexto como um substrato estável e não

34 LACAPRA, Dominick, “Rethinking intellectual history and reading texts”. In: LACAPRA, Dominick & KAPLAN, Steven L. (ed.), *Modern European Intellectual History: reappraisals and new perspectives*. Ithaca: Cornell University Press, 1982, pp. 52-53.

35 LACAPRA, *Op. Cit.*, p. 53.

36 A dificuldade em traduzir o termo já foi observada pelo historiador José Antonio Vasconcelos. Ver: VASCONCELOS, José A., *Quem tem medo de teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005, p. 216.

37 LACAPRA, *Op. Cit.*, p. 80.

*problemático a partir do qual podemos identificar o significado de determinado texto. Pelo contrário, o contexto histórico não é um referente, mas sim um outro texto, que pode ser lido, interpretado e com qual podemos gerar significados múltiplos e até mesmo conflitantes*³⁸.

Dessa maneira, o historiador pode reconhecer tanto na Literatura como na História produções textuais passíveis de interpretação e análise por aqueles que as leem. Interessante acrescentar ainda que Edward Said declara, em *Orientalismo* e em *Cultura e Imperialismo*, estar ciente da autoridade existente nas produções acadêmicas, científicas e culturais das nações imperiais e contribui para a reflexão sobre a necessidade em questionar e interpretar todo tipo de texto, seja ele literário ou histórico, segundo a estrutura que o sustenta.

Um dos grandes desafios desta pesquisa foi lidar com uma bibliografia menos conhecida e utilizada nos Departamentos de História das universidades brasileiras. Em geral de origem europeia, as referências historiográficas lidas nos cursos de graduação em História estão localizadas naquilo que se conhece como Ocidente. Escolas e movimentos franceses e ingleses tornaram-se, com razão, referências importantes ao longo do tempo, por exemplo. No entanto, parece urgente que esses espaços sejam ocupados, também, por outras leituras e novas referências. Historiadores como Rashid Khalidi, Nur Masalha e Ilan Pappé foram substancialmente considerados neste trabalho.

Por fim, esta dissertação considera *Homens ao Sol*, de Kanafani, um texto literário recheado de possibilidades interpretativas sobre o contexto do qual trata. O exílio palestino é compreendido como uma condição história dos palestinos que a literatura de Kanafani sensivelmente evidenciou ao problematizá-lo e não categorizá-lo. O desejo aqui foi desenvolver possibilidades de leitura que permitissem integração entre História e Literatura.

38 VASCONCELOS, J. A., *Op. Cit.*, p. 230

A MEMÓRIA DA *NAKBA* E A INTERMITÊNCIA DO PRESENTE: CONSTRUÇÃO DE UMA NARRATIVA CRÍTICA EM *HOMENS AO SOL*

A construção de *Homens ao Sol* feita por Ghassan Kanafani ampliou a leitura política da situação dos palestinos em exílio. A sua literatura sofisticada é caracterizada tanto pela forma como pelo conteúdo dramático que apresenta e, além disso, pela crítica contundente que o autor fez em relação às posturas dos palestinos diante de suas condições fora da Palestina submetidos à estrutura oferecida pelo capitalismo no mundo.

Este capítulo apresenta os três primeiros capítulos de *Homens ao Sol*, que têm como títulos o nome de cada um dos protagonistas: “Abu-Qays”; “Assaad” e “Marwan” e eles se concentram nas experiências individuais dos três homens antes de se encontrarem para seguirem o mesmo caminho. Neles, portanto, são expostas as lembranças, as esperanças e as dores de cada um deles no momento anterior ao destino em comum, descrevendo suas vidas familiares, suas condições sociais e seus sentimentos diante de um presente em exílio e um passado de nostalgias.

As memórias são meios encontrados por Ghassan Kanafani para apresentar a história de vida dos protagonistas e, na narrativa, sua constância justificaria o sacrifício que os três escolheram enfrentar. Buscam acreditar que havia uma única opção para sua sobrevivência: chegar ao Kuwait. Esse recurso literário de Kanafani revela os pensamentos e o passado particular das personagens que se entrelaçam com os acontecimentos presentes. Muhammad Siddiq, especialista em literatura árabe e professor em Berkeley e em Washington, comenta de forma clara o recurso de linguagem à memória por meio de *flashbacks* na narrativa:

A ação manifesta neste romance é apresentada por meio de uma série de flashbacks introspectivos que nos familiarizam com o passado das personagens, oferecendo-nos uma introdução íntima nos seus mais privados sonhos, esperanças, objetivos e medos. Verifica-se nestes flashbacks que o risco envolvido na perigosa viagem através do deserto era bem conhecido para as três personagens, e que eles decidiram ir pois chegar ao Kuwait é a única esperança que resta para a salvação da miséria e da humilhação de vida nos campos de refugiados. Eles partiram, em suma, em busca de um novo começo que pode, talvez, de uma forma ou de outra, compensar a perda da casa e da terra natal³⁹.

O romance é iniciado com um desses *flashbacks*. As primeiras frases de *Homens ao*

39 SIDDIQ, Muhammad. *Man is a Cause: political consciousness and the fiction of Ghassan Kanafani*. Seattle: University of Washington Press, 1984, p. 11. (Todas as traduções para o português foram feitas pela autora).

Sol apresentam a recordação de um dos protagonistas, o senhor Abu-Qays, o mais velho dos três exilados. Ele sente a ausência de sua esposa, deixada para que ele pudesse seguir o difícil caminho em busca do que parecia ser uma vida melhor para a família, essa falta aparece entre os seus devaneios como parte de um momento que vale ser lembrado. Ele se deita no chão e ao sentir as batidas de seu coração contra o solo e o cheiro da terra, suas memórias emergem nesse contato:

Abu-Qays repousou o peito sobre o solo úmido pelo orvalho. A terra começou a palpitar debaixo dele [...]. Toda vez que lançava seu peito sobre a terra, sentia aquele palpitar como se o coração dela continuasse [...]. Toda vez que inspirava o odor da terra, quando estava deitado sobre ela, parecia-lhe que sentia o cheiro do cabelo de sua mulher a sair do banho depois de lavá-los com água fria...⁴⁰

Não por acaso, a relação com a terra abre o romance. A terra é a origem de todas as questões que envolvem os exilados palestinos. É ela a principal ligação entre os exilados com o seu passado. Sua presença na memória das personagens é frequente ao longo da narrativa e indica que a distância geográfica só enfraquece a possibilidade de seu esquecimento. A memória do passado reforça a angústia do presente e, dialeticamente, o presente problemático é motivo para o passado seguir sendo lembrado. A nostalgia diante da percepção de que eles não retornariam àquele lugar leva Edward Said a comentar essa primeira imagem do romance: “assim como a terra que deixou, seu passado parece rompido no momento, imediatamente antes de frutificar”⁴¹, como se a realidade do presente fosse sinuosa na continuidade de suas vidas.

A terra, ademais, era o meio de subsistência da maior parte da população da Palestina que, no final do século XIX e início do XX, fazia parte do Império Otomano⁴² e esteve presente em textos literários palestinos e árabes. Na introdução do romance *All that's left to you*, de Kanafani, Roger Allen comenta que: “[...] para Kanafani como para os poetas palestinos, a terra é carinhosamente retratada, seus ritmos pulsantes fornecem uma força que dá vida aos personagens em sua ficção”⁴³. Hilary Kilpatrick, tradutora da versão de língua inglesa de *Homens ao Sol*, observa, também, a atenção de Kanafani sobre a terra e sua população. Ela afirma que um dos seus objetivos foi revelar o sacrifício dos camponeses em

40 KANAFANI, Ghassan. *Homens ao Sol*. Bibliaspa: São Paulo, 2012, p. 48.

41 SAID, Edward. *A questão da Palestina*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, p. 174.

42 SHAFIR, Gershon. *Land, Labor and the Origins of the Israeli-Palestinian conflict, 1882-1914*. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1996, p. 18.

43 ALLEN, Roger. “Introduction”. In: KANAFANI, Ghassan. *All that's left to you: a novella and short stories*. Interlink Books: Northampton, 2004, p. xviii.

preservar a terra de suas famílias e, para isso, apesar do autor não ter sido influenciado por uma cultura popular, utilizou modelos populares para abordar o assunto⁴⁴. A presença camponesa em sua obra permitiu reviver temas antigos da herança literária árabe ao mesmo tempo que inovou, já que escrever a partir dos olhares camponeses era um tema original para a ficção árabe moderna na época, conforme relata Kilpatrick.

Após o contato com a terra despertar cenas do passado de Abu-Qays e gerar dúvidas sobre o clima úmido em uma região desértica, o enredo do romance segue com uma impressão íntima: “Sem saber por que, de repente, um sentimento pútrido de exílio tomou conta dele, e percebeu, por um instante, que estava prestes a chorar...”⁴⁵. A constatação do exílio, portanto, acompanha o sujeito palestino que tenta buscar, entre suas memórias, um refúgio, vivendo um tempo, mas desejando outro. Said observa a importância dessa sobreposição das temporalidades na narrativa:

*[...] o presente temporal é instável e parece sujeito aos ecos do passado, à sinestesia – quando a visão dá lugar à audição ou ao olfato e um sentido se mistura ao outro –, a uma combinação de defesa contra o áspero presente e de proteção de um fragmento particularmente querido do passado*⁴⁶.

Essa instabilidade do presente é traduzida pela condição do exílio e pela falta de perspectiva de seu desaparecimento, já que as memórias sobre o que era ou parecia ser o passado acompanham os protagonistas ao longo de toda a narrativa.

Origens da memória sobre a *Nakba*

A partir de uma análise retrospectiva e considerando a produção historiográfica sobre a Palestina, é possível afirmar que essa realidade incômoda das personagens começou na virada do século XIX para o XX e se intensificou ao longo do século XX.

Popularmente conhecido como “Conflito Israel-Palestina”, essa conjuntura histórica parece prolongar-se por mais tempo do que os envolvidos e os observadores um dia

44 KILPATRICK, Hilary. “Tradition and Innovation in the Fiction of Ghassān Kanafānī”. *Journal of Arabic Literature*. Vol. 7, 1976, p. 57.

45 KANAFANI. *Homens ao Sol*, p. 48.

46 SAID. *A questão da Palestina...*, p. 174.

imaginaram⁴⁷, sua persistência, no entanto, é cuidadosamente analisada por diversos intelectuais, estudiosos e organizações⁴⁸.

O Estado de Israel ganhou legitimidade e virou realidade em 1948 como consequência de decisões tomadas por países europeus, com especial papel da Grã-Bretanha que exercia o governo da Palestina após o fim do Império Otomano e em conjunto com as aspirações do movimento sionista, fortemente amparado pelos recentes acontecimentos decorrentes da Segunda Guerra Mundial, em especial as horrorosas perseguições nazistas que provocaram o Holocausto.

A localização geográfica desse novo Estado foi definida dentro do chamado Oriente Médio, especificamente na porção territorial entre o Mar Mediterrâneo e o Mar Morto, uma região de terra fértil que por muito tempo foi publicizada como “uma terra sem povo para um povo sem terra”⁴⁹ e reivindicada pelo sionismo como lar histórico – de origem bíblica – do povo judeu.

O sionismo moderno é a ideologia nacionalista judaica, foi criado a partir de bases europeias⁵⁰ e teve como marco de fundação o Primeiro Congresso Sionista, que aconteceu em 1897. O seu principal fundador foi o austríaco Theodor Herzl, autor do livro *O Estado Judeu* (1896), texto em que fundamenta a criação de um lar nacional para os judeus na região da Palestina⁵¹. O movimento sionista havia canalizado o desejo de construção do Estado com maioria judaica, já que ele defendia o direito que os judeus tinham à terra da Palestina.

Os interesses sionistas sobre a Palestina aglutinaram com as transformações pelas quais havia passado o Império Otomano, conhecidas por *Tanzimat* (1839-1878), que foi um

47 Se considerarmos as diversas resoluções e planos de paz já discutidos e acordados, podemos afirmar que houve inúmeras tentativas e esforços empreendidos por distintas organizações e nações em busca de se chegar a uma solução para Palestina e Israel. Vale mencionar as principais investidas: Resolução 194 da ONU (1948); Resolução 242 da ONU (1967); Acordos de Camp David (1978); Conferência de Madrid (1991); Acordos de Oslo (1993); Cúpula de Camp David (2000).

48 Alguns deles são lidos e apresentados nesta dissertação. E, entre eles, Edward Said tem sido referência ao expor as desconfianças que tantos acordos e planos de paz mal sucedidos geraram. Sua análise crítica dos Acordos de Oslo (1993), por exemplo, foi publicada na manhã seguinte a sua assinatura, no artigo “The Morning After”, e revelou uma frustração que seria compartilhada por muitos nos anos posteriores. Ver: SAID, Edward. “The Morning After”. *London Review of Books*. Vol. 15 Nº. 20. 21 October 1993, pp. 3-5. Disponível em: <<http://www.lrb.co.uk/v15/n20/edward-said/the-morning-after>> (Acesso em: 30/04/2016).

49 KHALIDI, Rashid. *Palestinian Identity: the construction of modern national consciousness*. New York: Columbia University Press, 2010, p. 101; FINKELSTEIN, Norman G., *Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p. 179. SAID. *Op. Cit.*, p. 11.

50 Sobre o papel da Europa na criação do sionismo moderno, Nur Masalha lembrou que: “o sionismo político originou-se nas condições do final do século XIX na Europa oriental e central e primórdios da ideologia nacionalista europeia” In: MASALHA, Nur. *The Palestine Nakba: Decolonising history, narrating the subaltern, reclaiming memory*. London & New York: Zed Books, 2012, p. 20.

51 KHALIDI. *Op. Cit.*, p. 101.

conjunto de reformas organizadas, por pressão da Europa, com o objetivo de modernizar a grande região controlada pelo império⁵² – cuja maior parte da população nativa era árabe – e resultaram, especialmente, em diminuição dos monopólios comerciais, delimitação dos domínios territoriais, reorganização e taxaço de transações comerciais e reestruturação das posses de terra⁵³. Porém, a mudança que alavancou a colonização sionista na Palestina foi a Lei de Terras de 1858⁵⁴, um novo formato para aquisição de terras cuja estrutura foi resultante, principalmente, da expansão do mercado capitalista europeu.

A maior parte dos árabes da Palestina eram camponeses que viviam da agropecuária e estavam acostumados com as taxaçoes estatais dos otomanos sobre suas produçoes. Por isso, eles sofreram com a reorganizaço de terras quando elas foram vendidas para a elite da Palestina, constituída por líderes políticos que registraram as propriedades agrárias em seus nomes como uma forma de garantir o poder diante da deterioraço do Império Otomano⁵⁵.

Apesar de os camponeses continuarem trabalhando nessas terras com certa liberdade sobre o que produziam, os proprietários as viam como uma oportunidade rentável economicamente⁵⁶. O crescimento da imigraço judaica, impulsionada pelo movimento sionista nas primeiras décadas do século XX, possibilitou a compra das terras pelo Fundo Nacional Judaico, que transformou as propriedades em seus bens inalienáveis e restringiu a oferta de emprego para trabalhadores exclusivamente judeus⁵⁷, desempregando e empobrecendo a população árabe nativa, conforme identificou o próprio Ghassan Kanafani de acordo com seu ensaio político sobre a Revolta de 1936-39:

Claramente, então, a imigraço judaica e a transformaço da economia agrária palestina em uma economia industrial dominada pelo capital judaico afetaram, principalmente, os pequenos camponeses árabes palestinos⁵⁸.

Deste modo, o processo de colonizaço sionista da Palestina foi um passo essencial para a consolidaço de um Estado nacional para os judeus. Para justificá-lo, precisou-se construir uma narrativa oficial que legitimasse o seu estabelecimento em 1948, necessidade

52 HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 358-367; KHALIDI. *Op. Cit.*, pp. 38-42

53 SHAFIR. *Op. Cit.*, pp. 22-36.

54 HOURANI. *Op. Cit.*, p. 379; SHAFIR, *Op. Cit.*, p. 33.

55 SHAFIR. *Op. Cit.*, p. 34.

56 *Ibidem*, p. 41.

57 HOURANI. *Op. Cit.*, p. 380. SHAFIR. *Op. Cit.*, pp. 40-41.

58 KANAFANI, Ghassan. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. New York: Committee For Democratic Palestine, 1972, p. 23.

comum dos fundamentos fabricados de uma nação.

O argumento do empreendimento sionista era de que os judeus mereciam um Estado próprio, com maioria judaica, o que acarretaria na expulsão da população árabe existente. No prefácio do livro *Land, Labor and the Origins of the Israeli-Palestinian conflict 1882-1914*, o sociólogo Gershon Shafir reforçou a consequência concreta desse projeto de natureza mítica ao lembrar que devemos “reconhecer que a epopeia do sionismo, além de necessária e heroica, não era desprovida de uma dimensão trágica: a criação de Israel através da invasão e, posteriormente, do deslocamento da maioria dos residentes árabes da Palestina”⁵⁹. A população nativa, portanto, passaria a compor a menor parte da composição demográfica da região, sendo tolerada pela maioria étnica. Shafir empenhou-se, nesse texto, em analisar as condições sócio-históricas que levaram a colonização sionista a ser bem sucedida nas terras da Palestina já nos anos finais do século XIX.

Não obstante, problematizações sobre a ideia de um Estado judeu já existiam antes da aplicação do Plano da ONU sobre a Partilha da Palestina, em 1947, em que seria definida a separação do território em dois Estados, um israelense e outro palestino. Ainda durante o controle britânico, surgiram diversas organizações que se empenharam na defesa da região contra o sionismo e contra o governo imperial britânico, algumas ligadas a grupos dominantes e famílias influentes e, posteriormente, outras de caráter mais popular⁶⁰, com grupos de jovens que foram adquirindo consciência política durante a urbanização de algumas cidades.

A insatisfação dos árabes da Palestina em relação ao novo Estado judeu foi impulsionada com o conhecimento da Declaração de Balfour, em 1917, que revelava o interesse britânico em apoiar os interesses sionistas no final da Primeira Guerra Mundial, quando a Grã-Bretanha, diante do enfraquecimento do Império Otomano, estava prestes a controlar parte da região onde estava a Palestina. O historiador Rashid Khalidi, em nota de rodapé do seu livro *Palestinian identity*, faz referência a Bayan Nuwayhid al-Hut para lembrar o fato de a Declaração de Balfour não ter sido publicada na Palestina antes de 1920. No entanto, por meio de divulgação na imprensa egípcia em 1917, os palestinos tiveram contato com o conteúdo da Declaração, o que provocou enorme reação⁶¹.

A partir de 1948, contudo, o poder, a força e o planejamento do sionismo na

59 SHAFIR. *Op. Cit.*, p. xxii.

60 Uma análise aprofundada sobre essa questão pode ser lida em: SALGADO NETO, Luiz. “Muito além do Mufti: líderes e organizações árabes na Palestina sob controle britânico (1917-1937)”. *Tempos Históricos*. Vol 19. N. 1, 2015, pp. 378-412. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/11637>> (Acesso em: 10/09/2015).

61 KHALIDI. *Op. Cit.*, p. 255.

construção do lar nacional suplantaram as tentativas de palestinos – sejam os movimentos populares ou os pesquisadores acadêmicos – na luta pela preservação da memória coletiva sobre a *Nakba*. Assim como restringiram a difusão das narrativas de sua história. O livro do historiador Nur Masalha, *The Palestine Nakba: Decolonising history, narrating the subaltern, reclaiming memory*⁶², mostra, por exemplo, os esforços empreendidos pelo sionismo na construção de uma narrativa e de uma memória que, por um lado, exalta a existência de judeus no território e seu direito de preempção e, por outro, busca encobrir a presença histórica de árabes na mesma região. Dessa forma, com o desmantelamento dos otomanos, os árabes passaram pelo processo de construção da identidade especificamente palestina, distinta de outras populações árabes do Oriente Médio, bem como do norte da África, como forma de garantirem sua presença.

Assim, a consolidação dos mitos fundacionais foi oficializada pelas políticas israelenses na construção de sua legitimidade histórica. Isso ocorreu de distintas formas, segundo aponta o estudo de Masalha. A renomeação de ruas e espaços públicos, a adoção de uma língua moderna oficial e a readequação de paisagens⁶³ são exemplos dessa tentativa de criar uma realidade atual respaldada por um passado verossímil. O autor ainda lembra que “em 1958, uma década após a *Nakba*, as autoridades israelenses destruíram 27 mil livros, a maioria deles manuais palestinos do período pré-1948, alegando que ou eles eram inúteis ou ameaçavam o Estado”⁶⁴. Mesmo hoje, existe um esforço do movimento sionista em negar a existência da Palestina e das reivindicações dos palestinos⁶⁵.

Um exemplo atual elucidativo é o livro publicado em 2012 pela professora israelense Nurit Peled-Elhanan sobre os livros didáticos em Israel. Em *Palestine in Israeli School Books: ideology and propaganda in education* (2012), ao fazer uma análise semiótica de mapas, figuras, fotografias, gráficos dos livros didáticos de história, geografia e estudos cívicos, a autora revela um sistema educacional israelense pautado na propagação do racismo e discriminação da população árabe, disseminando representações orientalistas, xenófobas e caricaturais. Para mencionar um caso específico, cabe reproduzir o momento em que um dos livros contribui para tratar os povos não judeus de forma genérica, a autora destaca o trecho em que:

62 MASALHA. *Op. Cit.*, pp. 137-138.

63 *Ibidem*, pp. 120-134.

64 *Ibidem*, p. 139.

65 Uma manifestação sobre isso pode ser vista, também, no ANEXO I desta dissertação.

*[...] há um mapa intitulado "habitação rural em Israel: azul: aldeias judaicas, vermelho: aldeias não-judaicas". Verbalmente, definir as pessoas como uma não-entidade (isto é, não-judeus) serve para os impersonificar, segregá-los e excluí-los. Visualmente, podem argumentar que a indicação de assentamentos judaicos em azul e assentamentos não-judaicos em vermelho é também ideológico, já que o azul é a cor da bandeira israelense e vermelho é a cor do perigo*⁶⁶.

Cabe ainda pontuar que os trabalhos de historiadores sionistas contemporâneos – tal como Walter Laqueur, Anita Shapira, Jehuda Reinharz, Zeev Sternhell, Itamar Rabinovich, – buscaram justificar a existência do Estado de Israel e do direito da nação judaica de pertencer a ele, somando-se aos discursos hegemônicos da ideologia sionista e sustentando mitos comuns dos nacionalismos, em detrimento de investigações críticas sobre o processo de criação e estabelecimento de Israel considerando, por exemplo, a existência da *Nakba*, e reduzindo, dessa forma, a relevância dos aspectos coloniais e das reivindicações palestinas sobre o território. Segundo análise de Norman Finkelstein, por exemplo, Anita Shapira, acadêmica sionista, demonstrou crer no mito de que a terra da Palestina era um lugar a ser desbravado, com habitantes selvagens a serem domesticados⁶⁷. Edward Said atenta, ademais, para o fato de que no início do século XX, os sionistas que arquitetaram o estabelecimento do Estado judeu declaravam conhecimento sobre a existência de árabes nas terras da Palestina, mas afirmavam que essa configuração deveria ser dissolvida para dar lugar ao novo Estado⁶⁸.

Concretamente, essas pretensões ganharam planejamento sistemático que viabilizou a *Nakba*, uma catástrofe para a população árabe da Palestina. Em 1992, Said se baseou em dados demográficos resultantes de investigação dos anos 1970 do acadêmico Ibrahim Abu-Lughod para explicitar o que foi concretamente a *Nakba*:

*[...] cerca de 780 mil árabes-palestinos foram expropriados e desalojados em 1948 para facilitar a "reconstituição e a reconstrução" da Palestina. Trata-se dos refugiados palestinos que somam atualmente bem mais de 2 milhões. E, por fim, devemos acrescentar que o número de árabes mantidos desde 1967 nos territórios ocupados (que Menachem Begin alega ter "libertado") chega a 1,7 milhão; destes meio milhão fazia parte de Israel antes de 1967. A transformação da Palestina em Israel tem sido um projeto altamente oneroso, em especial para os árabes-palestinos*⁶⁹.

No período entre o ano de 1948 até 1964, com a criação da Organização para a

66 PELED-ELHANAN, Nurit. *Palestine in Israeli School Books: ideology and propaganda in education*. New York: I. B. Tauris & Co Ltd., 2012, p. 109.

67 FINKELSTEIN. *Op. Cit.*, pp. 169-213.

68 SAID. *A questão da Palestina*, pp. 15-16.

69 *Ibidem*, p. 17.

Libertação da Palestina (OLP)⁷⁰, encontramos um vácuo de representação política⁷¹ dos palestinos que parecem ter tentado digerir o que ocorrera em 1948, ao mesmo tempo que buscavam formas de sobrevivência diante das estruturas impostas por esse novo Estado. Esse período, inclusive, ficou conhecido como “anos perdidos”, pois foi o momento em que os palestinos estiveram desaparecidos do mapa político como um ator independente ou mesmo como um povo⁷². É nesse contexto que ocorre a trama de *Homens ao Sol*, de Ghassan Kanafani, quando os três homens exilados estão buscando maneiras de sobreviver diante da imposição desse novo Estado.

Na década de 1980 surgiram alguns estudos historiográficos israelenses com o objetivo de fazer uma reavaliação do que foi produzido como a história da fundação de Israel, com base em documentos oficiais do governo israelense, questionando a origem do Estado que foi estabelecido em 1948 e problematizando, em especial, como teria sido a saída de palestinos árabes do território – uma fuga voluntária como a historiografia tradicional reproduzia ou uma expulsão forçada, segundo as novas análises de documentos indicava? Segundo crítica do historiador palestino Nur Masalha, os “novos historiadores israelenses”, ou também conhecidos como “pós-sionistas”, começaram a repensar a história oficial até então disseminada. Dentre suas motivações, era evidente a profunda crise da sociedade israelense decorrente da invasão ocorrida no Líbano em 1982⁷³, quando as Forças de Defesa Israelense atacaram o sul do país com o objetivo de interromper as ações da OLP (Organização para a Libertação da Palestina), que tinha uma sede em Beirute e controlava a parte ocidental da cidade. Com a intenção de se ver livre da resistência palestina, Israel travou uma guerra contra a OLP no Líbano. Nesse processo, Israel foi conivente com os massacres de civis ocorridos nos campos de refugiados palestinos de Sabra e Chatila⁷⁴, o que gerou assombro da sociedade israelense, dando certa visibilidade aos estudos dos “novos historiadores”.

As considerações de Masalha sobre esses estudos, no entanto, apontam para o enfoque no caráter de renovação, rejuvenescimento e catarse no projeto da “nova história” – encabeçado, principalmente, por Benny Morris⁷⁵, jornalista e acadêmico – em detrimento de análises críticas sobre o papel do sionismo nos planos de colonização e reassentamento da Palestina, o que contribui para manutenção de uma sociedade de colonos israelenses

70 Cabe reforçar que a criação da OLP representa um importante passo de organização política dos palestinos.

71 MASALHA. *Op. Cit.*, p. 140.

72 KHALIDI. *Op. Cit.*, p. 178.

73 *Ibidem*, pp. 152-153.

74 HOURANI, Albert. *Op. Cit.*, pp. 560-561.

75 MASALHA. *Op. Cit.*, p. 155.

indiferentes ao desaparecimento das comunidades palestinas nativas⁷⁶. Dentre os historiadores de origem palestina, Masalha admite que apenas um pequeno número deles acabou investigando as raízes e causas da centralidade da *Nakba* na memória coletiva e na atual sociedade⁷⁷. Isso deve-se, segundo esse autor, às assimetrias nas relações de poder – referenciando Michel Foucault – entre Israel e Palestina que possibilitam acesso e organização de documentos à grupos específicos ligados à academia ocidental e israelense⁷⁸.

Cabe mencionar, também, outros autores que defenderam esse revisionismo historiográfico, atividade intelectual crítica à produção hegemônica da história de Israel. Baruch Kimmerling e Joel Migdal, sociólogo e internacionalista, respectivamente, escreveram *Palestinians, the making of a people*, livro que faz uma análise da formação da identidade palestina, pensando o papel do sionismo e as formas pelas quais o Estado de Israel foi fundado. Na introdução afirmam:

Nós esperamos escrever na contramão do tipo de história que tem sido escrita como parte integrante dos projetos de criação de mitos nacionais. De diferentes maneiras, os palestinos têm sofrido muito com essa mitificação. O debate historiográfico tem sido uma parte integrante do conflito entre palestinos e judeus⁷⁹.

Ilan Pappé, também ligado aos “novos historiadores” e um dos únicos que, segundo Masalha, reconhece o direito de retorno dos palestinos bem como compreende que a situação da Palestina faz parte do paradigma colonizador⁸⁰, comentou o que estava sendo forjado antes do revisionismo:

O conto da historiografia israelense tratou de inventar sobre uma enorme 'transferência voluntária' de centenas de milhares de palestinos que haviam decidido deixar temporariamente suas casas e vilarejos de modo a abrir caminho para os exércitos árabes invasores empenhados em destruir o incipiente Estado judeu⁸¹.

Esses novos estudos da historiografia israelense, bem como pesquisas mais recentes de historiadores e sociólogos palestinos e de outras nacionalidades, comprometidos com a análise crítica mostrou, além disso, que o processo de desenraizamento dos árabes da

76 *Ibidem*, pp. 167-168.

77 *Ibidem*, p. 149.

78 *Ibidem*, p. 150.

79 KIMMERLING, Baruch & MIGDAL, Joel S. *Palestinians: the making of a people*. Harvard University Press, 1998.

80 MASALHA. *Op. Cit.*, p. 170.

81 PAPPÉ, Ilan. *The Ethnic Cleansing of Palestine*. Oxford: Oneword Publications Limited, 2006, p. xiv.

Palestina iniciou-se ainda antes da criação oficial do Estado de Israel, com políticas de construção de assentamentos para judeus, de colonização de terras e de segregação social com ofertas de postos de trabalho exclusivos aos judeus, por exemplo⁸².

No entanto, o movimento sionista enfrentou alguns obstáculos nas primeiras décadas do século XX. A primeira manifestação palestina de grandes proporções contra o governo colonial britânico e, também, contra o sionismo – que à época já concretizava a imigração de judeus para aquela região⁸³ – foi a Revolta de 1936-39, como ficou conhecida, e expressou uma necessidade de luta nacionalista, anticolonial e antissionista árabe em defesa de uma região que, desde 1923, esteve sob o Mandato Britânico da Palestina e foi uma reação precedente ao que viria a ser, a partir de 1948, a Guerra de Independência de Israel e a *Nakba* palestina com a limpeza étnica⁸⁴ de sua população.

A memória consciente

É importante destacar uma das análises políticas que Ghassan Kanafani fez sobre a revolta de 1936-39, revelando sua consciência política sobre a Palestina que refletirá em toda sua produção: “A verdadeira causa da revolta foi o fato de que seus agudos conflitos atingiram seu clímax com a transformação da sociedade palestina agrícola-feudo-clerical árabe em uma sociedade sionista industrial burguesa”⁸⁵. Essa mudança é notada, por exemplo, no passado dos exilados de *Homens ao Sol*. Assim como qualquer passado, ele é irrecuperável, e no caso palestino é motivo para lamentar não só a perda do lar, mas a impossibilidade de retorno à condição social de vida a qual pertenciam. A dinâmica do capitalismo e suas exigências aparecem o tempo todo para as personagens que, diante das incertezas, buscam adaptação ao novo mundo, reafirmando escolhas do passado – como o abandono da Palestina e a procura por trabalho em outras regiões árabes – na realidade imposta pelo presente.

82 Ver os estudos dos seguintes autores: Ilan Pappé, Rashid Khalidi, Nur Masalha, Norman Finkelstein, Tom Segev, Gershon Shafir, Baruch Kimmerling, Walid Khalidi.

83 SEGEV, Tom. *One Palestine, complete: Jews and Arabs under the British Mandate*. New York: Holt Paperbacks, 2001, pp. 225-228; HOURANI, A. *Op.Cit.*, pp. 471-472; MASALHA, Nur. *Expulsion of the Palestinians: The concept of 'transfer' in Zionist Political Thought, 1882-1948*. Washington: Institute for Palestine Studies, 2009, pp.14-15.

84 Ver: PAPPÉ, Ilan. *Op.Cit.*

85 KANAFANI, Ghassan. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. New York: Committee For Democratic Palestine, 1972, p. 36.

David Lowenthal, sobre a importância que a memória possui na relação entre o passado e o presente, afirmou que “toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado”⁸⁶. Essa observação é importante, pois graças à memória que se constrói sobre o passado é possível interpretar a sua importância para as condições do presente. Para aqueles que vivem no exílio, a comparação entre a vida antes e durante o exílio provoca sentimentos de nostalgia e desconsolo no tempo presente. Edward Said, também um exilado, recorreu às suas memórias para avaliar essa condição, ele afirma que a principal razão que o levou a escrever suas memórias em um livro foi “evidentemente, a necessidade de atravessar a distância de tempo e espaço entre minha vida atual e minha vida de então”⁸⁷ e, recorda que ao sair da Palestina no início da primavera de 1948 toda a sua família havia sido varrida do local, e permanecera no exílio desde então⁸⁸. Em entrevista de 1991, ele comenta: “[...] ficamos como órfãos, como se não tivéssemos nenhuma origem, nenhuma narrativa, nenhuma genealogia como povo”⁸⁹ e, em seguida: “[...] também somos parte de um movimento de exilados. Sinto-me muito mais à vontade nesse meio [...]”⁹⁰. Assim, na inevitabilidade de fazer uma ligação entre passado e presente, o sentimento de pertencer se mostra necessário, ainda que seja em um grupo de exilados. Os três protagonistas do romance, ainda que nunca tivessem se visto antes, reconhecem-se entre si por compartilharem a memória da *Nakba* e seu atual sintoma, o exílio.

Ghassan Kanafani, ao escolher o recurso da memória sempre presente nas reflexões de suas personagens em *Homens ao Sol*, atribui ao passado um importante peso para as decisões que devem ser tomadas no presente. A umidade sentida por Abu-Qays no contato com a terra leva-o ao questionamento sobre a origem dessa umidade em uma região de deserto e isso faz com que ele se recorde das aulas do professor Salim ao seu filho, quando explicou que o encontro dos rios Tigre e Eufrates em um único rio é conhecido como *Chatt al-Arab*⁹¹ e se prolonga pela região de Basra, onde Abu-Qays se encontra naquele momento. Os ensinamentos do professor sobre a geografia do local constituem parte de sua memória e gera, em seguida, reflexão sobre o fim da vida do professor, bem como sobre sua atual condição:

86 LOWENTHAL, David. “Como conhecemos o passado”, *Proj. História*, São Paulo, v. 17, nov. 1998, p. 75.

87 SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 16.

88 *Ibidem*, p. 12.

89 SAID, Edward. *A pena e a espada: diálogos com Edward Said e David Barsamian*. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 51.

90 *Ibidem*, p. 56.

91 KANAFANI, Ghassan. *Homens ao Sol*, p. 49.

Então esse era o Chatt sobre o qual o Professor Salim falara dez anos atrás! Eis que ele se estende por milhares de quilômetros e dias da aldeia e da escola do Professor Salim... Que Deus tenha misericórdia de ti, Professor Salim! Que Deus tenha misericórdia de ti! Não há dúvidas de que você foi privilegiado por Deus quando Ele o fez morrer uma noite antes que a aldeia caísse nas mãos dos judeus... uma noite apenas... Meu Deus! Por acaso há uma graça divina maior do que essa?... É verdade que os homens estavam ocupados com o seu enterro e com as honrarias por sua morte... Mas você, de todo modo, permaneceu ali... Permaneceu ali! Você se poupou da humilhação e da miséria e salvou sua velhice da vergonha... Que Deus tenha misericórdia de ti, Professor Salim... Imagine se o senhor estivesse vivo, se tivesse sido afundado pela pobreza como eu... Será que faria o que estou fazendo agora? Será que aceitaria carregar toda a sua vida nos ombros e fugir através do deserto até o Kuwait em busca de um pedaço de pão?⁹²

Abu-Qays tem dúvidas sobre fugir quando formula as duas indagações finais, como se pedisse um conselho ao professor, buscando uma razão que justifique sua escolha em buscar outra vida, tentando evitar se tornar um refugiado. No entanto, não há respostas. Acredita que morrer poderia ter sido uma solução melhor já que admite que a fuga é humilhante e cheia de vergonha. Edward Said comenta a cena:

[...] ele [Abu-Qays] 'compreenderá' sua localização – e o cenário da ação no presente – por uma recordação do passado: a voz de seu professor [...] descrevendo o estuário. O próprio presente de Abu-Qays é uma mistura de memórias desconexas com a força aglutinadora de sua difícil situação atual [...]⁹³

A lamentação sobre o passado também aparece na afirmação de que sua aldeia caiu “nas mãos dos judeus”. A memória sobre a *Nakba* é recorrente na obra de Kanafani, por revelar que a desgraça do passado produz sentimentos no presente como a vergonha e a humilhação e, também, gera a condição de miséria, além de exigir escolhas, muitas vezes incertas, mas que precisam ser feitas.

Nesse ponto, é importante o diálogo com a produção de Nur Masalha. Suas revelações sobre as tentativas constantes do sionismo em defender o esquecimento da memória sobre a *Nakba* são contundentes:

Os métodos sionistas não só expropriaram os palestinos de sua própria terra; eles também tentaram privar os palestinos da sua voz e de seu conhecimento sobre a sua própria história [...] Os mitos de fundação de Israel ditaram a eliminação conceitual de palestinos antes, durante e depois da eliminação física em 1948; a invenção de eufemismos como “transferência” e “presentes ausentes” tem sido discutidos em outros lugares. A desarabização da Palestina, o apagamento da

92 *Ibidem*, p. 51.

93 SAID. *A questão da Palestina*, p. 173.

*história palestina e a eliminação da memória coletiva dos palestinos pelo Estado de Israel não são menos violentos do que a limpeza étnica dos palestinos em 1948 e a destruição da Palestina histórica*⁹⁴.

Relembrar a *Nakba*, portanto, gera incômodo na consciência de Abu-Qays por ter sido forçado a deixar sua vida e família em troca de uma realidade desconhecida, cheia de obstáculos e incertezas. Suas reflexões revelam que a “transferência” da Palestina para outro lugar não foi uma escolha e tampouco a melhor opção, foi, conforme estudo⁹⁵ de Nur Masalha, uma política do movimento sionista de expulsão massiva da população árabe da Palestina que desenvolveu suas primeiras ideias sobre a “transferência” dos árabes da região no final do século XIX e foi mais intensamente arquitetada a partir da década de 1930 mas que continua, em certa medida, até hoje⁹⁶. Uma das principais experiências concretas dessa política garantiu a independência do Estado de Israel e é conhecida como o Plano Dalet, de março de 1948, cujo significado é analisado pelo historiador palestino Walid Khalidi:

*“Plano Dalet” ou “Plano D” foi o nome dado pelo Alto Comando Sionista ao plano geral de operações militares, no âmbito do qual os sionistas lançaram ofensivas sucessivas em abril e início de maio de 1948 em várias partes da Palestina. Essas ofensivas, que implicaram a destruição da comunidade árabe palestina e a expulsão e pauperização da maior parte dos árabes da Palestina, foram calculadas para realizar atuações militares irreversíveis sobre as quais o Estado de Israel deveria estar estruturado*⁹⁷.

Ilan Pappé, já no início do século XXI, publicou sua pesquisa sobre a limpeza étnica da Palestina a partir de 1948⁹⁸. Sobre o Plano Dalet, o autor afirma que ele “contém um repertório de métodos de limpeza que um por um se encaixam no significado descrito pelas Nações Unidas em sua definição de limpeza étnica e configuram o contexto para os massacres que acompanharam as expulsões massivas”⁹⁹.

Masalha, por sua vez, dedicou-se a uma análise detalhada sobre o processo histórico que relaciona a estratégia sionista para estabelecer um Estado nacional judaico na Palestina à

94 MASALHA. *Op.Cit.*, p. 89.

95 MASALHA. *Expulsion of the Palestinians: The concept of 'transfer' in Zionist Political Thought, 1882-1948*. Washington: Institute for Palestine Studies, 2009.

96 Ver coletâneas de 2008/2009, números 39 e 40 publicados na revista trimestral *Al-Majdal* organizada pelo Centro de Recursos para os Direitos de Residência e dos Refugiados Palestinos (BADIL). Disponível em: <http://www.badil.org/phocadownload/Badil_docs/publications/al-majdal-39-40.pdf#page=29> (Acesso em: 22/09/2015).

97 KHALIDI, Walid. "Plan Dalet Revisited: Master Plan for the Conquest of Palestine". *Journal of Palestinian Studies*. Vol. 18, Nº. 1, Autumn. 1988, p. 8. O artigo recebeu revisão em 1988 de uma versão produzida no início da década de 1960.

98 PAPPÉ. *Op. Cit.*

99 *Ibidem*, p. 2.

defesa do conceito político-estratégico de transferência¹⁰⁰, iniciado ainda antes da execução do Plano Dalet.

Cabe comentar, também, a expressão usada pelo autor, “presentes ausentes”¹⁰¹ que é, muitas vezes, empregada para invisibilizar a realidade daqueles que foram obrigados a abandonar suas terras. O nome refere-se a uma lei, criada em 1950, a Lei da Propriedade Ausente (*Absentee Property Law*), que regulou sistemáticas políticas de expropriação de terras árabes e uso delas para assentamentos de judeus, assim como para agricultura e indústria israelenses¹⁰². Parte dos árabes deslocados e expulsos de suas vilas no período da *Nakba*, apesar de permanecerem dentro das fronteiras do recém-criado Estado de Israel, foram considerados ausentes e, por isso, suas terras e casas foram confiscadas. Boa parte desses árabes receberam cidadania israelense, mas consideram-se refugiados internos ou pessoas deslocadas internamente (*Internal Displacement Persons*), já que não possuem permissão para retornar às vilas e reconstruir suas casas¹⁰³.

A imagem seguinte de *Homens ao Sol* também apresenta outras memórias de Abu-Qays, de forma fragmentada, a primeira é o nascimento de sua filha Hosna, um mês após a fuga de sua aldeia. Kanafani reproduz textualmente a interrupção que a memória provoca nos fluxos de pensamento. Como parte de uma descontinuidade característica, Lowenthal atenta que “a recuperação da memória é raramente sequencial; localizamos os acontecimentos recordados por associação e não por um trabalho metódico, avançando ou recuando no tempo [...]”¹⁰⁴, assim, uma cena leva a outra diferente na mente de Abu-Qays, que começa a pensar em uma ideia sobre o Kuwait e nas possibilidades de vida existentes lá: “Deve haver becos, ruas, homens, mulheres, crianças a correr entre as árvores... Não... Não... Não há árvores lá...”¹⁰⁵. A partir disso, toma consciência de outra memória, pois já havia sido informado que no Kuwait não tinha árvores. Relembra que Saad, um amigo que conseguiu imigrar para lá, “deu a volta por cima”, enriqueceu como motorista e retornou a Basra. Ele tinha lhe contado:

100 MASALHA. *Expulsion of the Palestinians...*, p. 2.

101 Ver citação da nota de rodapé nº 94.

102 MASALHA. *The Palestine Nakba...*, pp. 231-232; KAMM, Shira, et al. The Arab minority in Israel: implications for the Middle East conflict. *Middle East & Euro-Med Project*. Centre for European Policy Studies. Working Paper No. 8, July 2003. Disponível em <<http://www.ceps.eu/system/files/book/1045.pdf>> (acesso em: 05/06/2015).

103 Idem. Ver também: BOKAE'E, Nihad. Palestinian Internally Displaced Persons inside Israel: changing the solid structures. Bethlehem: Badil Resource Center for Palestinian Residency and Refugee Rights, February, 2003. Disponível em: <<http://www.badil.org/en/documents/category/52-other-papers?download=15%3Apalestinian-internally-displaced-persons-inside-israel-challenging-the-solid-structures&start=10>> (acesso em: 27/06/2015).

104 LOWENTHAL. *Op. Cit.*, p. 101.

105 KANAFANI. *Homens ao Sol*, p. 53.

“Abu-Qays, as árvores só existem na sua cabeça... Na sua cabeça velha e cansada, Abu-Qays... Dez árvores com troncos retorcidos que ofertavam azeitonas e o bem a cada primavera... 'Não há árvores no Kuwait': assim disse Saad...”¹⁰⁶. A memória geográfica é, também, significativa, já que a comparação do antigo lar com o que se busca como o novo lar é inevitável. Kanafani parece sugerir que é impossível esquecer a Palestina e suas oliveiras em uma terra sem árvores, como a informação dada por Saad sobre o Kuwait.

A preservação ou modificação da paisagem geográfica é um aspecto de análise interessante para a compreensão das narrativas entrelaçadas sobre Palestina e Israel. Ilan Pappé, Nur Masalha e Nasser Abufarha apresentam em seus estudos¹⁰⁷ a preocupação do sionismo em modificar a paisagem original para lhe dar uma característica menos árabe e mais europeia em uma tentativa de readequar o meio ambiente para que a memória histórica pudesse ser reconstruída em novas bases, com o ofuscamento da *Nakba*. Pappé, sobre isso, afirma que “pinheiros foram plantados não apenas sobre as casas demolidas, mas também sobre os campos e olivais”¹⁰⁸. E, segundo Masalha:

*As terras palestinas evacuadas foram arborizadas com coníferas não nativas, pinheiros (nativo no hemisfério norte) e árvores ciprestes, após o desenraizamento das árvores nativas, a destruição da paisagem e a limpeza étnica de mais de 500 vilarejos em áreas que são agora supostamente florestadas*¹⁰⁹.

Atualmente, não é por acaso, as oliveiras são reconhecidos símbolos da resistência palestina, além de ter importante papel na economia palestina, como relatou Nasser Abufarha, em artigo dedicado a analisar os símbolos da geografia territorial palestina ligados à luta por reconhecimento identitário¹¹⁰:

*A tradição palestina de colheita comunal da azeitona e a persistência de práticas agrícolas tradicionais para manter o olival contribuiu para a articulação da al-Zaytouna, a oliveira, como um símbolo para a nação palestina enraizada na terra da Palestina. [...] O símbolo da oliveira foi trazido à tona em resposta à tentativa do movimento sionista e do Estado de Israel de negar a própria existência dos palestinos*¹¹¹.

106 *Ibidem*, pp. 53-54.

107 Ver: MASALHA. *The Palestine Nakba*; PAPPE. *The Ethnic Cleansing of Palestine*; ABUFARHA, Nasser. Land of symbols: Cactus, poppies, orange and olive trees in Palestine. In: KING, Diane E. (Ed.). *Middle Eastern Belongings*. London & New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2010.

108 PAPPÉ. *Op. Cit.*, p. 227.

109 MASALHA. *Op. Cit.*, p. 121.

110 Ver também: BUDRUS. Direção: Julia Bacha. Israel, Palestina & EUA, Just Vision Films, 2009. 1 DVD (82 min.);

111 ABUFARHA. *Op. Cit.*, pp. 96 e 98.

Assim, parece esperado que na memória de Abu-Qays as oliveiras estejam presentes, já que referem-se à vida anterior ao exílio, ao cotidiano na Palestina antes da *Nakba*. Kanafani insiste em relacionar as árvores com o passado nesse caso, revelando que não existem elementos de conforto e identidade em um presente que se distancia da Palestina e, talvez, como consequência, não existiriam esperanças para essa vida longe de sua terra de origem.

Abu-Qays, em seguida, é incomodado novamente pelas lembranças de seu amigo Saad e divaga:

Nos últimos dez anos, você não fez nada a não ser esperar... Você precisou de dez longos anos de fome para acreditar que havia perdido suas árvores, sua casa, sua juventude e sua aldeia, tudo... As pessoas buscaram seu próprio caminho durante esses longos anos, enquanto você se sentou como um velho cão em uma casa miserável... O que será que você estava esperando? Que uma fortuna caísse do telhado da sua casa...? Sua casa? Não é a sua casa... Um homem generoso lhe disse: 'Viva aqui!'. Isso é tudo. Um ano depois, ele lhe disse: 'Me dê metade da sala!'; assim, você ergueu alguns sacos remendados entre você e os novos vizinhos... Você ficou encolhido até que Saad retornasse e começasse a sacudi-lo como se bate o leite para fazer manteiga¹¹².

A espera, lembrada em muitas das passagens do romance, é inerente à condição do exilado palestino. Desde a guerra de 1948, os palestinos que perderam suas casas, aguardam o retorno ao lar, à terra, à vida perdida. Em suas memórias, Abu-Qays escuta uma constante lembrança de que o passado que conhecia não voltará e é alertado de que a solução é seguir em frente e buscar “seu próprio caminho” porque a espera para reconquistar o que foi perdido é em vão. A perturbação em sua mente exige esquecimento do passado e um novo desejo de futuro. Mas o passado não pode ser esquecido e o que perdura na memória é justamente aquilo que faz do presente algo inteligível. Apesar de Saad incentivar o “seguir adiante”, ignorando o que foi perdido, a condição do presente não permite. Lowenthal esclarece essa relação propiciada pela memória:

A necessidade de se utilizar e reutilizar o conhecimento da memória, e de esquecer assim como recordar; força-nos a selecionar, destilar, distorcer e transformar o passado, acomodando as lembranças às necessidades do presente¹¹³.

Não é por acaso que são exatamente as memórias da vida anterior ao exílio que insistem em aparecer nas divagações desse senhor. O conflito entre tentar esquecer e não

112 KANAFANI. *Homens ao Sol*, p. 54.

113 LOWENTHAL. *Op. Cit.*, p. 77.

conseguir bloquear a memória é constante e a pressão continua por parte de Saad:

*– A vida aqui lhe agrada? Dez anos se passaram, e você vive como um mendigo. Que absurdo! Seu filho, Qays, quando vai voltar para a escola? Amanhã o outro também vai crescer. Como você vai conseguir olhar para ele quando não puder...?*¹¹⁴

Tal conflito revela o constrangimento pelo qual passa Abu-Qays e sua esposa – que participa do diálogo – diante de Saad, ele vai além da aceitação do exílio e passa pela sua atual situação socioeconômica e a falta de perspectiva para o futuro de sua família. A opinião de Saad é de que não vale a pena esperar que “uma fortuna caia do telhado de sua casa”. Kanafani, no entanto, indicaria que a conformação com o exílio ou a fuga dele – esquecer e apagar da memória – por uma nova vida inserida na mesma realidade social de miséria e resignação é tão eficaz quanto a morte. A falta de distinção entre a morte e a vida degradante em exílio é reforçada em outra fala de Saad: “ – Morrer! Ah! Quem disse que isso não é preferível à sua vida agora? Faz dez anos que você espera voltar para as dez oliveiras que você teve um dia em sua aldeia... Sua aldeia! Ha!”¹¹⁵

Novamente a espera aparece como parte da realidade palestina após 1948. A vontade do retorno predomina nesta delonga incomensurável. Retornar às dez oliveiras é o desejo maior do senhor exilado. Esse desejo, na história da Palestina, traduziu-se em luta por um direito. Reivindicação antiga dos palestinos que buscam por justiça e igualdade e com base em legislação internacional, o direito de retorno tem sido uma de suas principais demandas para iniciar qualquer diálogo que pretenda discutir soluções de paz para a situação de Israel e Palestina. A despeito de qualquer argumento – vontade, falta de espaço, fuga, abandono, reapropriação e venda de antigas terras, – que tente negar o retorno aos palestinos, Edward Said lembrou que “o que importa é que eles têm o direito de retornar”¹¹⁶. E ainda reiterou que “embora o direito moral e político de uma pessoa de retornar a seu lugar de domicílio permanente seja reconhecido em todo o mundo, Israel tem negado a possibilidade de retorno dos palestinos [...]”¹¹⁷

Abu-Qays, no entanto, desiste da espera, escolhe o caminho sugerido pelo colega Saad e idealiza alguma esperança no diálogo com sua esposa: “– E talvez possamos comprar uma ou duas mudas de oliveira”¹¹⁸, como se a presença da oliveira pudesse amenizar a dor da perda

114 KANAFANI. *Homens ao Sol*, p. 54.

115 *Ibidem*, p. 55.

116 SAID. *A questão da Palestina*, p. 55 (itálico no original).

117 *Ibidem*, p. 56.

118 KANAFANI. *Homens ao Sol*, p. 55.

do lar ou diminuir sua distância, ao menos imaginativamente. E a partir da memória sobre esse diálogo, sentindo que “um nó estrangulante rasgava a sua garganta”¹¹⁹, Abu-Qays se vê diante do contrabandista que negocia a travessia dos exilados para o Kuwait. E ali, uma vez mais, ele sente a humilhação. Ao oferecer o dinheiro que possui, o contrabandista recusa, alegando que o preço é maior do que aquilo. A mesma situação ocorre com os outros protagonistas palestinos.

Assaad, o mais experiente dos três exilados, já havia negociado anteriormente a realização de travessias ilegais entre fronteiras territoriais desde que deixou a Palestina. O segundo capítulo inicia-se exatamente com a conversa entre Assaad e o “homem gordo” – como é chamado o responsável pelo contrabando ao longo da narrativa. Por já conhecer o sistema de contrabando, Assaad se sente mais confiante para confrontá-lo: “ – Eu vou lhe pagar quinze dinares?... Pode até ser! Mas depois que eu chegar, não antes disso, de jeito nenhum...”¹²⁰

Memórias justificam as escolhas do presente

Aqui, novamente, o leitor descobre a história de vida de mais uma personagem por meio da exposição de suas memórias. Enquanto Assaad dialoga com o “homem gordo” sobre as condições da viagem e seu pagamento, ele se recorda de como conseguiu o dinheiro para chegar até ali e seguir para o Kuwait. Sua família havia prometido casá-lo com a sua prima Nada. Por terem nascido no mesmo dia, seus pais arranjaram o casamento na crença de que o destino deles era comum. Apesar de essa não ser a sua vontade, o dinheiro oferecido pelo tio, que tinha esperanças em uma posição social melhor para o futuro marido de sua filha, leva Assaad a silenciar seu desejo de recusar o casamento. “[...] quando tocou no dinheiro em seu bolso, suave e quente, sentiu que estava segurando as chances de todo o seu futuro”¹²¹. Com o objetivo de chegar ao Kuwait, o dinheiro do tio é necessário para pagar os deslocamentos ilegais entre as fronteiras. A sensação expressa por Assaad sugere que possuir dinheiro garante um futuro de esperanças, aonde quer que ele esteja. O seu destino revelado ao final do romance, no entanto, contestará essa crença, indicando a crítica de Kanafani ao empenho

119 *Idem*.

120 *Ibidem*, p. 60.

121 *Ibidem*, p. 65.

individual na busca por algum sucesso no futuro fora da Palestina.

Uma questão que pode ser pensada aqui é: será que o desejo em recusar o casamento arranjado com a sua prima pode ser visto como um indício da crítica de Kanafani ao rompimento com a tradição local? Como se para evitar um costume cultural, Assaad justificasse sua fuga da Palestina. Nesse caso, ele estaria à procura de uma vida mais ajustada aos padrões ocidentais, onde o casamento arranjado poderia ser observado como atitude de atraso civilizacional¹²², por exemplo?

Em uma tentativa anterior, entre a Jordânia e o Iraque, Assaad é enganado por Abul-Abd, um conhecido de seu pai que oferece ajuda ao rapaz¹²³. Nessa experiência, o palestino precisou percorrer um trecho a pé sem que isso tivesse sido acordado anteriormente. Abul-Abd prometeu que o levaria até Bagdá, destino final do percurso. Mas, a narrativa revela que: “[...] ele mentiu para ele. Tirou vantagem de sua inocência e ignorância, enganando-o, fazendo-o sair do caminhão depois de um dia escaldante de viagem”¹²⁴. E, assim como Abu-Qays, Assaad busca em seus pensamentos uma justificativa para a difícil escolha de partir. Suas memórias evidenciam suas incertezas: “Se tivessem me levado para a prisão do deserto, Al-Jafar... Será que as coisas teriam sido mais fáceis do que agora? Que besteira...”¹²⁵. Esse questionamento de Assaad assinala, em certa medida, a necessidade que ele sente em validar o caminho até então percorrido e que o levou para a situação frustrante com o “homem gordo”. Assim, “a memória transforma o passado vivido naquilo que posteriormente pensamos que ele deveria ter sido, eliminando cenas indesejáveis e privilegiando as desejáveis”¹²⁶. A opção não escolhida – ser levado para a prisão – é por ele encarada, enfim, como uma “besteira”, comprovando para si mesmo que o momento presente, apesar de desagradável, era a sua melhor alternativa.

No terceiro capítulo, Marwan vivencia o mesmo dilema sobre deixar no passado os projetos de vida para aceitar as condições incertas impostas pelo presente. No terceiro capítulo, o mais novo dos três exilados, aos 16 anos, viu-se obrigado a abandonar os estudos e ir trabalhar no Kuwait para sustentar sua mãe e seus irmãos – abandonados pelo seu pai – pois Zakaria, o irmão mais velho, após ter se casado, parou de enviar dinheiro do Kuwait para a

122 Edward Said, em seu mais conhecido livro, *Orientalismo*, faz referência à construção sistemática que o Ocidente fez ao construir e propagar uma imagem e uma rede de conhecimentos sobre o Oriente como um lugar inferior e passível de ser dominado do ponto de vista do Ocidente, ver: SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

123 KANAFANI. *Homens ao Sol*, p. 61.

124 *Ibidem*, p. 62.

125 *Ibidem*, p. 63.

126 LOWENTHAL. *Op. Cit.*, p. 98.

família.

Já na cidade de Basra, após iniciar uma briga com o “homem gordo”, acreditando que sua inexperiência e juventude pudessem ser motivos para que “tirassem vantagem” dele¹²⁷, Marwan, sem possuir a quantia de dinheiro exigida, ameaça entregar o contrabandista à polícia quando é humilhado por ele, recebendo um golpe no rosto. Essa cena faz Marwan se lembrar de como chegou até ali e como a sua vida se transformou nos últimos anos. A nova perspectiva de futuro, diferente do antigo sonho de virar médico, é sustentada pela relação entre sua condição atual e o horizonte que visualiza:

Sem problemas! Tudo bem!... Em poucos dias ele chegaria ao Kuwait. Seria melhor se Zakaria o ajudasse, mas, se ele fingisse não o conhecer, encontraria uma maneira de começar, como muitos outros haviam feito. Enviaria cada centavo que ganhasse para sua mãe e encheria seus irmãos e irmãs de presentes até transformar a cabana de barro em um paraíso na terra e fazer seu pai roer as unhas de remorso¹²⁸.

O *insight* parece justificar a opção por largar os estudos e ir trabalhar no Kuwait, já que ele acredita que muitas outras pessoas – inclusive seu irmão Zakaria – haviam recomeçado uma outra vida, então, ele, certamente, “encontraria uma maneira de começar”. O desentendimento com Zakaria reaparece em suas memórias, ao associar a fuga de seu pai com a fuga de seu irmão. Soube por carta que teria que ocupar a função que era, até então, do irmão mais velho: “[...] havia chegado a sua vez e [...] deveria deixar aquela escola estúpida que não ensinava nada e se atirar na frigideira como todo mundo...”¹²⁹. O sonho particular de estudar e se tornar médico é substituído pelas obrigações familiares e necessidades coletivas de sobreviver e ser o responsável por assegurar as condições básicas de vida de sua mãe e dos irmãos menores.

As memórias de Marwan se intercalam com o enredo principal, dialogando com os acontecimentos do presente. Enquanto “digere sua humilhação”¹³⁰ diante do contrabandista, onde “havam sido rompidos os últimos fios de esperança que amarravam tudo dentro dele havia tantos anos...”¹³¹, lamentando a fuga do pai e do irmão que parecem tê-lo colocado em tal situação, é interrompido por uma quarta personagem palestina, Abul-Khayzuran, um

127 KANAFANI. *Homens ao Sol*, p. 72.

128 *Ibidem*, p. 81.

129 *Ibidem*, p. 80.

130 *Ibidem*, p. 73.

131 *Ibidem*, p. 72.

homem “muito alto, muito magro”¹³², que “se parecia com um bambu”¹³³, motorista de um caminhão-tanque, ele se oferece para levá-lo ao Kuwait pelos poucos dinares que Marwan possui. Abul-Khayzuran, no entanto, tenta dizer que valor não era importante¹³⁴, mas admite, por fim, que já que iria ao Kuwait de qualquer forma, poderia ganhar algum dinheiro levando quem quisesse ir até lá¹³⁵.

A presença do dinheiro como valor de troca para a continuidade da sobrevivência dos palestinos exilados é constante. A chegada do motorista na narrativa reforça sua relevância. Quando descobre que o irmão de Marwan havia parado de enviar dinheiro à família por ter se casado, Abul-Khayzuran aconselha o jovem: “ – Estou feliz de você ir ao Kuwait porque vai aprender muitas coisas lá. A primeira coisa que vai aprender é: o dinheiro vem em primeiro lugar depois a moral”¹³⁶, o que indica que as relações dos palestinos em exílio estão permeadas pelas relações econômicas e que outros valores ficam subordinados nessa nova realidade.

Isso pode ser constatado, também, no trabalho realizado pelo contrabandista. Em todas as tentativas de negociar o valor da travessia entre fronteiras, o “homem gordo” prioriza o seu ganho financeiro em detrimento da sensibilização com a condição humana dos exilados, tratando-os tal como um produto a ser comercializado. Na negociação com Assaad, por exemplo, ele estabelece: “[...] se você não gostar das nossas condições, pode dar meia volta e, com três passos, já vai encontrar o caminho da rua”¹³⁷. Essa atitude revela a aparente falta de opções do exilado palestino que quer fugir ou recomeçar uma nova vida, ele fica submetido ao poder daquele que está adaptado ao mundo capitalista dos Estados nacionais, como o contrabandista, que admite: “[...] Graças a Deus vocês são muitos...”¹³⁸, e, assim, garante seu dinheiro.

Essa afirmação gera um desconforto sobre o funcionamento do capitalismo no mundo e a realidade dos exilados palestinos. A existência de pessoas sem nacionalidade definida e sem autorização de cruzar fronteiras gera trabalho para o contrabandista que vive da ilegalidade da identidade palestina. Sua profissão, ainda que possa ser reconhecida como não oficial, encontra na estrutura do capitalismo uma validade. O valor do seu trabalho, portanto,

132 *Ibidem*, p. 74.

133 *Idem*.

134 *Ibidem*, p. 78.

135 *Idem*.

136 *Ibidem*, p. 80.

137 *Ibidem*, p. 60.

138 *Ibidem*, p. 68.

existe no mundo de *Homens ao Sol*. A sensibilidade com a condição do exílio está ausente nessa relação, que é, também, comentada por Edward Said: “impelidos pelo exílio e pelo deslocamento, o palestino deve cavar um caminho na existência, que não é de modo algum uma realidade estável ou 'dada', mesmo entre árabes fraternos”¹³⁹.

O tempo intermitente

Não há, na realidade, nenhuma negociação a ser feita entre os exilados e os contrabandistas. Na ausência de humanidade e solidariedade, os três homens são como mercadorias e ficam sujeitos a todo tipo de humilhação e imposição dos agentes que realizam ilegalmente o trajeto. Eles ditam os preços, as condições e o tempo em que tudo será realizado. O escritório onde acontece o acordo é, inclusive, muitas vezes nomeado de “loja”¹⁴⁰, local onde, geralmente, um serviço ou produto é vendido, com requisitos já estabelecidos. Em conciso estudo sobre *Homens ao Sol*, Douglas Magrath comentou a dificuldade para os protagonistas: “A situação é praticamente desesperançosa; os três homens estão presos em um ciclo interminável de falsa esperança e desespero esmagador”¹⁴¹.

A experiência de outros palestinos – a exemplo de Saad e Zakaria – é o que alimenta a esperança em iniciar uma vida em que a Palestina permanecesse no passado, reconstruindo uma nova vida e um novo lar. Os obstáculos que porventura aparecessem não deveriam configurar impedimento para o objetivo, pois, afinal, não parece haver possibilidade de retorno ao passado ou alternativa à realidade presente em que se encontram. Magrath observa a relação temporal em que os três se situam:

*Abu-Qays, Assaad e Marwan procuram em vão por sua própria existência; eles são impossibilitados de existir no passado, porque eles foram arrancados pela guerra da Palestina, eles não têm nenhum presente, pois eles são clandestinos sem um status legal; apenas o futuro os reserva alguma esperança ou promessa, daí o desejo de escapar e começar de novo*¹⁴².

139 SAID. *A questão da Palestina*, p. 174.

140 KANAFANI. *Homens ao Sol*, p. 72.

141 MAGRATH, Douglas R., “A Study of 'Rijāl fī al-Shams' by Ghassān Kanafānī”. *Journal of Arabic Literature*, BRILL. Vol. 10, 1979. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4183014>> (Acesso em 13/07/2015), p. 98.

142 *Ibidem*, p. 96.

Como em todo o livro, esse capítulo apresenta sobreposição das diversas temporalidades. Enquanto reflete sobre os aborrecimentos propiciados pelo contrabandista de Basra, Marwan se confronta com as memórias sobre sua família numa tentativa de compreender seu atual momento. E, no instante seguinte, quando conhece Abul-Khayzuran é incomodado pela condição social que o força a “se atirar na frigideira”, ou seja, conseguir um emprego e enfrentar a nova realidade, encarando o deserto com destino ao Kuwait, o trabalho e a responsabilidade, tão distintos do que estava planejado há apenas dois meses quando ainda frequentava a escola.

Marwan é um menino que foi posto para viver precocemente a vida adulta, mas não é uma vida adulta conhecida ou esperada, ela está em contato com uma realidade vaga, sem possibilidade de controle e pouco planejamento. Enfrenta com desgosto a transferência da obrigação familiar deixada pelo irmão Zakaria: “[...] que escolha deixara para ele? Nada, exceto abandonar a escola [...]”¹⁴³.

A busca por uma nova vida fora da Palestina é ajustada não só pelo exílio, mas, também, pela nova posição social imposta por uma estrutura em transformação. É interessante notar que a “fortuna” que Saad afirma que nunca cairá do teto de Abu-Qays¹⁴⁴, ainda que viesse, não deveria ser uma solução, conforme o que acreditava o autor, já que ela não traria mudanças estruturais e se configuraria como resposta paliativa. Saad representa o papel daquele que desistiu de sua identidade palestina, cujos interesses estão pautados em um mundo que o escritor palestino combateu.

A experiência anterior à *Nakba*, contudo, sugere uma vida condicionada ao trabalho familiar e de subsistência, uma sequência de acontecimentos com ritmo lento, em que a passagem do tempo se organizava conforme surgiam as necessidades. O novo ritmo, imposto pela modernidade ocidental – e presente na região do Golfo Pérsico, que em meados do século XX ganha importância econômica para o Ocidente por causa do petróleo¹⁴⁵ – parece

143 *Ibidem*, p. 81.

144 *Ibidem*, p. 54.

145 Albert Hourani observou que: “um tipo de exportação cresceu rapidamente de importância nesses anos, a de petróleo, e ofereceu o mais impressionante exemplo de interdependência econômica entre os países que produziam petróleo e o mundo industrializado. Após um início pequeno antes da Segunda Guerra Mundial, os recursos petrolíferos dos países do Oriente Médio e do Magreb revelaram estar entre os mais importantes do mundo. Em 1960, esses países produziam 25% do petróleo bruto do mundo e – devido ao pequeno tamanho do mercado local – eram coletivamente os maiores exportadores. A maior produção era no Irã e, entre os países árabes, no Iraque, Kuwait e Arábia Saudita, mas também havia produção em outros países do golfo Pérsico e no Egito, e em 1960 grandes jazidas haviam sido descobertas também na Líbia e na Argélia” e, em seguida, o autor comenta que o capital das empresas que mantinham o monopólio da indústria de petróleo “vinha sobretudo de investidores privados ocidentais [...]”. In: HOURANI, Albert. *Op. Cit.*, p. 494.

ditar as necessidades antes de elas se tornarem iminentes. Assim, a grande oferta de trabalho para palestinos no Kuwait em troca de dinheiro era fundamental para permanecer existindo e sustentando aquela parte da família que se manteve à margem dessa estrutura, nos campos de refugiados e em movimentos de deslocamento no território israelense e que se moldava ou em outras regiões como viviam os familiares dos três protagonistas no romance.

Esse contexto é observado em pesquisa realizada pelo Centro de Recursos para os Direitos de Residência e dos Refugiados Palestinos (BADIL):

Muitos refugiados palestinos, principalmente jovens do sexo masculino, deixaram as suas casas e famílias no primeiro país de refúgio em busca de melhores oportunidades de educação e emprego. No período entre 1950 e final de 1970, a migração voluntária conduziu palestinos principalmente para os Estados do Golfo, onde a revogação da exigência de vistos e da emissão de documentos de viagem facilitou o movimento de refugiados, necessários em um mercado de trabalho em expansão¹⁴⁶

No romance, não há autorização para palestinos atravessarem a fronteira com o Kuwait legalmente, o que os leva à submissão diante dos contrabandistas que ganham a vida transportando palestinos. Muhammad Siddiq atenta para as intenções irônicas de Kanafani nesse caso, em que alguns países do Oriente Médio tentaram criar um Estado Pan-Árabe, que contribuiria, em alguma medida, para a libertação da Palestina, mas que nunca saiu do papel, revelando a fraqueza e falta de vontade dos países árabes diante da reivindicação do vizinho sem Estado. Siddiq afirma que a tentativa dos três protagonistas em cruzar fronteiras e todas as provações pelas quais precisam passar até o desfecho revelam um “contraste irônico entre a promessa oficial da política árabe e sua realidade”¹⁴⁷, indicando a crítica de Kanafani à incapacidade de união dos países árabes e, além disso, ao notável desprezo pela condição palestina.

A norte-americana Barbara Harlow dedicou, entre outras coisas, às análises da literatura de resistência de autores que escreveram em contraponto a um discurso colonizador. Em sua análise da obra de Kanafani, uma de suas observações refere-se ao rompimento que os protagonistas vivenciam no percurso: “cada um dos 'homens ao sol' [...] chegou na fronteira Iraque-Kuwait deixando para trás não só a desapropriação da vida de refugiado, mas, também,

146 BADIL – Resource Center for Palestinian Residency and Refugee Rights. Closing Protection Gaps: A Handbook on Protection of Palestinian Refugees in States Signatories to the 1951 Refugee Convention. Handbook. Bethlehem, August 2005, p. 4. Disponível em: <<https://www.badil.org/en/lawyers-resources/itemlist/category/206-2005handbook>> (acesso em 05/06/2015).

147 SIDDIQ. *Op. Cit.*, p. 13.

uma tradição familiar quebrada ou interrompida”¹⁴⁸.

Os sentimentos de abandono, tristeza e estranhamento diante dos dias em exílio dos três protagonistas de *Homens ao Sol* são, em certa medida, compartilhados por Edward Said no relato de suas memórias:

*Eu mesmo estava sofrendo um distanciamento com relação à Palestina, o qual nunca fui capaz de compreender plenamente até bem pouco tempo atrás, quando desisti de tentar. Mesmo agora a irreconciliável dualidade que sinto em relação ao lugar; sua intrincada dilaceração, seu esgarçamento e sua perda dolorosa refletidos em tantas vidas distorcidas [...] sempre me causam dor e uma desalentadora sensação de ser solitário, desprotegido, exposto aos ataques de coisas triviais que parecem importantes e ameaçadoras, contra as quais não tenho armas*¹⁴⁹.

Apesar dos protagonistas estarem fugindo de uma vida de refugiado, ao evitar os campos e tentar um emprego em outra região árabe, eles permanecem sendo exilados, já que não possuem um lugar para onde retornar pois suas casas não são mais moradias ou não podem ser reconstruídas. A sensação de perda e de deslocamento perdura, portanto, com o exílio, seja qual for o status jurídico que receba – cidadão de outro país árabe, de Israel, morador de um campo de refugiados, etc. O exílio aparece de forma latente: “sentia que estava completamente sozinho no mundo inteiro”¹⁵⁰ era a percepção de Assaad.

O rompimento brutal entre passado e presente origina memórias tão nostálgicas e doloridas para o exilado palestino. É dessa forma que o presente se torna intermitente, ao mesmo tempo que nunca se consolida em algo relativamente estável, sendo sempre rompido diante do momento anterior, seja o mais recente ou o mais distante, ele também se configura como uma certa permanência, ao não oferecer resolução às suas incertezas. A chegada de Abul-Khayzuran com uma suposta alternativa ao exílio, parece encaminhá-los para novas possibilidades.

148 HARLOW, Barbara. *After Lives: legacies of revolutionary writing*. London, New York: Verso, 1996, p. 51.

149 SAID. *Fora do lugar*, p. 214.

150 KANAFANI. *Homens ao Sol*, p. 63.

IDENTIDADE EM QUESTÃO: A PERSISTÊNCIA DO EXÍLIO PALESTINO.

O quarto capítulo, “O acordo”, aborda o primeiro encontro entre Abul-Khayzuran e os outros três palestinos. Nele, o plano e as dificuldades sobre o trajeto a ser percorrido são esclarecidos e os quatro, enfim, chegam em um acordo.

Já no início da primeira conversa entre eles, Assaad é apresentado por Marwan ao motorista e logo dá o tom do diálogo: “Você parece palestino... É você o encarregado de nos contrabandear?”¹⁵¹. A abordagem de Assad, já em sua primeira fala, aponta duas observações: a sua impressão do primeiro contato e a confrontação proveniente de sua experiência com travessias ilegais. Assim, ele busca estabelecer, logo no princípio, uma relação de familiaridade e, ao mesmo tempo, de desconfiança. Ele se sente mais confortável para negociar com alguém que, por ser palestino, estaria mais apto a entender suas realidades.

A afirmação sobre o motorista parecer palestino refere-se à percepção de Assaad sobre a origem de Abul-Khayzuran e ela sugere uma indagação: trata-se de uma impressão relacionada à sua aparência física, ao seu modo de agir ou à sua proposta em levá-los ao Kuwait, fruto de certa fraternidade? O questionamento motiva uma reflexão em torno da noção de identidade em geral e, de identidade nacional, em particular, considerando a construção histórica inerente a ela. No caso específico dessa leitura, a relação entre identidade e exílio é indissociável com a estrutura dos modernos Estados nacionais.

A relação entre os quatro protagonistas, a partir de então, constrói-se entre aproximações e distanciamentos entre eles. O motorista é tomado por um sentimento de solidariedade, no entanto, não deixa de lado suas escolhas particulares. Os exilados, por outro lado, dependem de certa familiaridade para confiar nas palavras de Abul-Khayzuran, mas não deixam de comparar suas vidas incertas com a relativa estabilidade que o motorista possui.

Os subitens deste capítulo desenvolvem, portanto, a histórica noção de identidade nacional palestina que se construiu em um contexto geral mas, também, específico e que, a partir das reflexões das personagens do romance, indicam a necessidade de afirmação e reconhecimento de quem são na condição de exilados. Assim, partiu-se para um breve balanço sobre o conceito de identidade e da ideia de nação para discutir o surgimento dos Estados nacionais e, com isso, problematizar a condição dos palestinos e seu exílio dentro da lógica do

151 *Ibidem*, p. 86.

Estado de Israel. E, por fim, perscrutar a realidade palestina cotidiana que, desde a determinação dessa estrutura, desafia e impede os palestinos de viver conforme suas próprias escolhas, levantando as possibilidades sugeridas por Kanafani para contornar essa história.

Em busca de identidade

A ideia de “parecer palestino”, contudo, não pode ser apresentada sem problematizar sua subjetividade. Kanafani provoca reflexão sobre o que significa ser palestino. Seria ter um perfil físico específico ou reconhecer-se em outra pessoa? Ter uma memória de um lugar comum ou uma trajetória de vida similar? Compartilhar uma nacionalidade significa pertencimento a um território? O que, afinal significa ser palestino? Para tentar encontrar respostas, é importante discutir o surgimento dessas necessidades no mundo contemporâneo.

O aspecto nacional das sociedades modernas foi substancialmente analisada por Benedict Anderson, que investigou o processo de distinção das comunidades que foram imaginadas a partir de um conjunto de parâmetros – língua, relações de parentesco e religião e noção de temporalidade –, originando o que conhecemos como nacionalismo. Anderson, afirmou que a concepção de nação moderna só foi possível graças à convergência entre o capitalismo e a tecnologia¹⁵², que padronizou as “línguas impressas mecanicamente reproduzidas, capazes de se disseminarem por meio do mercado”¹⁵³, gerando as bases da comunidade nacionalmente imaginada. Portanto, o “capitalismo impresso” contribuiu para as pessoas pensarem sobre si mesmas e se relacionarem com os outros em novas formas¹⁵⁴.

Muitas vezes, portanto, por partir de uma estrutura social, histórica e cultural delimitada, a identidade nacional, fruto da imaginação humana, é inventada e se sustenta em tradições de suas comunidades que são, por sua vez, também, inventadas, como já elucidou o historiador Eric Hobsbawm, em *A Invenção das Tradições*¹⁵⁵. Durante a modernidade, houve um processo arrebatador para a consolidação da nacionalidade na formação estrutural das sociedades humanas em nível planetário, nela delineou-se um forma de divisão do mundo

152 ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 75.

153 *Ibidem*, p. 72.

154 *Ibidem*, p. 62.

155 HOBBSAWM, Eric & TANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

baseada na nação.

Nesse ponto, cabe destacar as considerações de Eric Hobsbawm sobre o nacionalismo e os Estados nacionais. Ele assinalou que “o nacionalismo vem antes das nações. As nações não formam os Estados e os nacionalismos, mas sim o oposto”¹⁵⁶. É importante, portanto, considerar que há limitações nas definições territoriais dos Estados-nação, já que é impossível adaptar todas as fronteiras às diversidades existentes entre os seres humanos. O surgimento dos Estados modernos originou-se de formações multinacionais¹⁵⁷. Isso indica o caráter complexo que essas demarcações podem ter, sendo ampliadas ou reduzidas de acordo com a transitoriedade das circunstâncias: “a identificação nacional e tudo o que se acredita nela implicado pode mudar e deslocar-se no tempo, mesmo em períodos muito curtos”¹⁵⁸.

Diante disso, surgem diversos problemas, dentre os quais, Hobsbawm notou que:

*A implicação lógica em tentar criar um continente corretamente dividido em Estados territoriais coerentes, cada um habitado por uma população homogênea, separada étnica e linguisticamente, era a expulsão maciça ou a exterminação das minorias*¹⁵⁹.

Com o desenvolvimento do imperialismo¹⁶⁰, o caráter identitário da diferença passa a ser ainda mais valorizado. Une-se em uma nação os semelhantes conforme língua, cultura, costumes, por exemplo, enquanto o diferente pode ser controlado, criando uma forma de defini-lo e, em muitos casos, dominá-lo. Dessa maneira, os Estados nacionais com pretensões imperiais passaram a conhecer, categorizar, distinguir, colonizar e explorar diversas regiões e suas populações, justificando, desta forma, a crença de que o seu modo de vida superaria qualquer outro¹⁶¹.

Anderson também destacou que o surgimento da nação moderna exigiu das

156 HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, p. 19.

157 *Ibidem*, p. 161.

158 *Ibidem*, p. 20.

159 *Ibidem*, p. 161.

160 O imperialismo, segundo Eric Hobsbawm, foi uma “era” crucial para o desenvolvimento capitalista dos países europeus, sua peculiaridade foi o aspecto colonial de suas investidas em territórios da África, da Oceania e da Ásia entre 1875 e 1914, estabelecendo governo direto ou uma dominação política indireta nesses lugares. Ver: HOBBSAWM, E. *A Era dos Impérios*. Rio de Janeiro: Terra & Paz, 2007, pp. 87-88.

161 Edward Said dedicou-se a esse assunto em seus dois livros complementares *Orientalismo* (2007) e *Cultura e Imperialismo* (2011) ao aprofundar, por exemplo, o estudo sobre os mecanismos culturais utilizados pelo poder imperial europeu para obter resultados concretos para sua própria manutenção e desenvolvimento, criando no imaginário ocidental o que seria o Oriente. Ver: SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

comunidades humanas uma consciência de que constituíam parte de uma narrativa de “identidade”. Por não poderem ter um marco a ser recordado, precisou ser contada retomando seu nascimento em um tempo vazio e homogêneo¹⁶². Essa ideia de construção da narrativa de uma nação dialoga com a afirmação de Edward Said: “as próprias nações são narrativas”¹⁶³. E como narrativas, recebem distintas interpretações, que podem ser refutadas ou reapropriadas dependendo do interesse em disputa. Hobsbawm lembrou ainda que

*o elemento da invenção é particularmente nítido [...], já que a história que se tornou parte do cabedal de conhecimento ou ideologia da nação, Estado ou movimento não corresponde ao que foi realmente conservado na memória popular, mas àquilo que foi selecionado, escrito, descrito, popularizado e institucionalizado por quem estava encarregado de fazê-lo*¹⁶⁴.

Ademais, conforme considerou Edward Said, é fundamental que o historiador seja capaz de transcender as habituais categorias históricas – como o nacionalismo – que justificam a existência da diferença e, em consequência, legitima a exclusão de grupos de pessoas que não são identificadas com determinada nação¹⁶⁵. Deve-se considerar, portanto, que a identidade nacional é um conceito maleável que só pode ser analisado a partir das construções sociais que o definem segundo as exigências do tempo que o fundamenta.

Em *Homens ao Sol*, a referência à identidade palestina só faz sentido porque o pertencimento a uma nação é inteligível, pois, do contrário, haveria livre circulação entre territórios diversos sem a ideia de ilegalidade, de fronteiras ou de banimento. O exílio, condição dos protagonistas, nesse contexto, é uma imposição do mundo àquele que o vivencia. É um sintoma da estrutura dos Estados-nação existente na contemporaneidade. Conforme observou Said, nesse aspecto:

*o nacionalismo é uma declaração de pertencer a um lugar, a um povo, a uma herança cultural. Ele afirma uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes e, ao fazê-lo, rechaça o exílio, luta para evitar seus estragos [...]. O exílio, ao contrário do nacionalismo, é fundamentalmente um estado de ser descontínuo. Os exilados estão separados das raízes, da terra natal, do passado. Em geral, não têm exércitos ou Estado, embora estejam com frequência em busca deles*¹⁶⁶.

162 ANDERSON. *Op. Cit.*, pp. 284-285.

163 SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011, p11.

164 HOBBSAWM, Eric & TANGER, Terence (orgs.). *Op.Cit.*, p. 21.

165 SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 59. Edward Said afirma nessa página que o historiador só começa a “captar a experiência humana e seus registros escritos em sua diversidade e particularidade” se “transcender os limites nacionais e provinciais”.

166 *Ibidem*, pp.49-50.

Ademais, há ponderações necessárias das análises sobre a identidade nacional de Anderson e Hobsbawm. Rashid Khalidi lembrou, em *Palestinian Identity*, que esses e outros conhecidos autores que discutem o nacionalismo estavam observando o modelo europeu em especial e, em algumas situações, os casos não-europeus não se aplicariam¹⁶⁷, por isso, é fundamental marcar as particularidades. Ele, no entanto, concorda com Anderson que o surgimento e fortalecimento de uma identidade palestina foi imaginada pelos seus atores como parte de uma mesma comunidade¹⁶⁸. Khalidi também considera que a análise de Anderson sobre a relação entre o nacionalismo e o desenvolvimento do “capitalismo impresso” se encaixa bem para situação palestina¹⁶⁹.

A impressão de Assaad sobre o motorista ser palestino sugere, portanto, que o reconhecimento da identidade passa a fazer parte de suas ansiedades cotidianas no desejo pelo distanciamento do exílio.

Dificuldade e pluralidade no ser palestino

O momento em que Assaad está tentando se posicionar durante o acordo com o Abul-Khayzuran, sua postura intransigente soa como reflexo do próprio mundo onde está, procurando pertencer a um lugar que não o reconhece. Ao questionar sobre detalhes de como será realizado o contrabando, recebe como resposta do motorista: “Isso é problema meu...”¹⁷⁰, mas a sua reação é contundente: “Não meu senhor... É problema nosso... Você deve nos explicar todos os detalhes. Não queremos ter problemas desde o início”¹⁷¹. Calejado de traições, Assaad deseja saber tudo sobre o plano e, com a anuência de seus colegas exilados, exige que o pagamento seja realizado após a chegada ao destino. Espera compreensão como se o reconhecimento identitário indicasse prévia aceitação dos termos acordados sobre o contrabando: “Viemos do mesmo país. Queremos ganhar dinheiro e você também. Mas a coisa deve ficar bem clara. Você deve nos explicar cada passo em detalhes e nos dizer

167 KHALIDI, Rashid. *Palestinian Identity: the construction of modern national consciousness*. New York: Columbia University Press, 2010, p. 252

168 *Ibidem*, p. 149.

169 *Ibidem*, p. 253.

170 KANAFANI. *Homens ao Sol...*, p. 86.

171 *Idem*.

exatamente quanto quer”¹⁷².

A exigência feita pelos exilados é aprovada pelo motorista, que compartilha da fraternidade manifestada: “O irmão Assaad está certo...”¹⁷³, afirma Abu-Qays. No entanto, em seguida, essa aproximação é submetida ao benefício material da relação que começou a se delinear entre os exilados e o palestino legalizado. Abul-Khayzuran apresenta o preço a ser pago e não admite negociar o valor, ameaça desistir do plano se quiserem pagar menos do que aquilo que ele exigiu: “já temos divergência antes mesmo de começarmos. Era disso que eu tinha medo... Dez dinares e nem um centavo a menos...”¹⁷⁴, sua atitude contradiz o momento anterior quando abordou Marwan dizendo que dinheiro não era importante enquanto pedia segredo ao revelar que poderia cobrar um valor maior aos outros¹⁷⁵, insinuando que os interesses particulares sobrepõem-se à irmandade estabelecida anteriormente.

As diferenças de condições de identidade entre os palestinos compõem relevância ao analisar as diversas facetas do que significa ser palestino em um contexto em que o Estado nacional é ausente. Sem um lugar de origem estabelecido ou perspectivas temporais de mudança da realidade, o exílio acompanha o palestino, qualquer que seja sua situação no mundo. Portanto, o exilado vive essa condição não apenas porque algum organismo internacional atribuiu esse *status* a determinado grupo. Sem um Estado, os exilados da Palestina são todos os palestinos. Edward Said, sobre isso, afirma estar “certo de que qualquer um deles se julga em exílio, embora saibam perfeitamente bem que o tipo e as condições de exílio variam muito”¹⁷⁶.

Os palestinos se consideram em exílio quando vivem em comunidades ao redor do mundo, seja nos países árabes do Oriente Médio, na Europa, na América do Norte ou do Sul e são, nesses lugares, identificados como palestinos, logo, não pertencem ao lugar em que vivem. Os que vivem na Cisjordânia ou Faixa de Gaza sob ocupação militar israelense sentem-se exilados por terem sido expulsos dos locais onde viviam até 1948 (*Nakba*, ano da criação do Estado de Israel) ou até 1967 (Guerra dos Seis Dias, quando Israel ampliou a sua ocupação territorial na Cisjordânia) – ambos os anos são conhecidos momentos de deslocamentos populacionais de palestinos na região –, sendo privados de liberdades e direitos comuns aos povos com identidades nacionais reconhecidas. Os palestinos que foram

172 *Ibidem*, p. 87.

173 *Idem*.

174 *Ibidem*, p. 88.

175 *Ibidem*, p. 78.

176 SAID. *A questão da Palestina...* p. 133.

incorporados pelo Estado de Israel e possuem cidadania israelense se sentem exilados também, por terem sido expulsos de vilas que hoje estão localizadas em território israelense, sem poder retornar para reconstruir o local e, além disso, por serem excluídos de uma sociedade que oferece privilégios legais a uma parcela da população utilizando critérios étnico-religiosos¹⁷⁷. Por fim, os filhos de palestinos que crescem ouvindo os relatos de seus pais e avós sentem-se exilados por não terem tido a chance de nascer no mesmo lugar que sua família nasceu e, em muitos casos, tampouco poder visitá-lo¹⁷⁸.

Edward Said estava preocupado em discutir a diversidade de condição dos palestinos, e observa que

Cada comunidade palestina precisa lutar para manter sua identidade em ao menos dois níveis: em primeiro lugar, como palestino diante do encontro histórico com o sionismo e a perda precipitada de sua pátria; em segundo lugar, como palestino no cenário da vida cotidiana, respondendo às pressões em seu estado de residência. Nenhum palestino tem um Estado como palestino, embora seja “de” um Estado, sem pertencer a ele, no qual ele reside no momento. Há palestinos libaneses, e palestinos norte-americanos, assim como há palestinos jordanianos, sírios e cisjordanos; proporcionalmente, eles crescem mais do que os judeus israelenses e outros árabes, como se a multiplicação das complicações se estendesse à multiplicação dos corpos. Hoje crianças palestinas nascem tanto em Nova York quanto em Amã; elas ainda se identificam como “originárias de” Shafa'Amr, Jerusalém ou Tiberíades. Essas reivindicações são quase inexpressivas, exceto pelo fato de que se somam a uma presença genealógica paradoxalmente palestina, que se estabelece contra a lógica da história e da geografia. Os palestinos extraem seu senso de detalhe e realidade do uso dos padrões de uma fusão concreta de tempo e espaço. O padrão começa na Palestina, com um pedaço de terra real, embora parcialmente mitificado, uma casa, uma região, uma vila ou talvez apenas um empregador; então desloca-se para assumir o fim de uma identidade nacional coletiva (mesmo permanecendo na antiga Palestina), o início de um exílio concreto que sempre colide (depois, de maneira mais sutil) com leis destinadas especificamente aos palestinos e, por fim, um sentido de esperança e de orgulho pelas realizações palestinas¹⁷⁹.

Assim, a distinção entre Abul-Khayzuran e os outros três fica evidente no poder que o motorista possui ao ditar os termos do acordo de contrabando por ter permissão para atravessar as fronteiras nacionais. São palestinos, compartilham de uma origem comum, no entanto, há prioridades nas particularidades e objetivos pessoais..

A divergência existente em um grupo de semelhantes é um dado interessante de reflexão, pois mostra que a consciência nacional é uma construção que, por se pretender

177 KAMM. *Op. Cit.*

178 Sobre os palestinos de jovem geração, ver a pesquisa de história oral publicada em livro: HAMMER, Juliane. *Palestinians born in exile: diaspora and the search for a homeland*. Austin: University of Texas Press, 2005.

179 SAID. *A questão da Palestina...*, pp. 139-140.

homogênea, carrega problemas. Em, *Palestinian Identity*, Rashid Khalidi ao pesquisar as origens da identidade nacional palestina, observou as tentativas para chegar em algum nível de consenso sobre o caráter nacional do povo árabe que vivia naquela região.

O autor debruçou-se sobre os debates em torno da construção da nação após o fim de Primeira Guerra Mundial, pouco antes do Mandato Britânico exercer controle sobre a região da Palestina. Um dos mais importantes debates apontados por Khalidi é a ideia da Grande Síria¹⁸⁰, cuja proposta central era defender o arabismo como movimento nacional na região que compreende partes do que hoje é Síria, os Territórios Palestinos, Israel, Líbano e Jordânia, formando uma unidade territorial árabe aos moldes do Estado-nação moderno, com capital na cidade de Damasco. O reconhecimento da maioria dos árabes da região sobre essa nova unidade política foi deslegitimada pelos interesses britânicos e franceses, conforme analisou Khalidi¹⁸¹.

Os acordos de Sykes-Picot, como ficaram conhecidos, assinados em 1917, determinaram o controle direto da França e da Grã Bretanha sobre a região, repartindo o território tal como as demais partes do mundo outrora colonizadas. Assim, as investidas dos líderes árabes sobre o que seria a Grande Síria nunca foram reconhecidas pela Grã Bretanha, que já manifestava seus interesses desde então. Ao perceberem que a ideia da Grande Síria estava cada vez mais distante da realidade, líderes como Musa Kazim al-Husayni declararam mudança de planos na busca por uma identidade nacional, que a partir dos anos 1920 estariam concentradas em defender a Palestina¹⁸². Com as novas constatações diante da queda da centralidade de Damasco como governo autônomo para os árabes, o movimento nacional na Palestina passou a aliar o patriotismo árabe com a luta específica da Palestina como “nosso país”¹⁸³, o que acarretou em uma construção de identidade reconhecida pelos palestinos.

Nos anos 1950 e 1960, com as políticas do líder egípcio Gamal Abdel Nasser, o pan-arabismo ganhou força. Para Nasser e seus seguidores, os árabes pertenciam a um mesmo povo, com a mesma língua, história e cultura, que só haviam se dividido por conta das políticas imperialistas¹⁸⁴. Nasser ganhou popularidade e admiração de muitas famílias árabes. Os palestinos, em especial, simpatizaram-se com essa nova ideologia, pois enxergavam nela um caminho em busca da libertação da Palestina¹⁸⁵. Aos poucos, o pan-arabismo foi visto

180 KHALIDI. *Palestinian Identity...*, pp. 162-175.

181 Idem.

182 *Ibidem*, p. 165.

183 *Ibidem*, p. 166.

184 *Ibidem*, p. 181.

185 *Ibidem*, p. 182.

pelos palestinos como um instrumento para atingir a meta final: retornar para a Palestina. No entanto, a nova ambição por um Estado nacional árabe, fruto dos esforços no movimento nasserista, revelou-se um falso discurso, já que, na prática, não havia esforços coletivos que buscassem sua concretização. E, para os palestinos, a falta de enfrentamento com o Estado de Israel, levou-os a, uma vez mais, concentrarem-se em uma luta nacional exclusivamente palestina.

Muhammad Siddiq lembra que o tempo de ação em que o enredo de *Homens ao Sol* se desenvolve coincide justamente com esse período. O autor aponta o significativo momento do nacionalismo árabe: a revolução iraquiana e a unidade entre Síria e Egito, que marcariam o núcleo de um futuro Estado Pan-árabe, unindo todos os países árabes dentro de uma mesma pátria¹⁸⁶. Siddiq observou que:

Desde a escrita do romance em 1961 (no qual a República Árabe Unida desmoronou), é justo assumir que a ironia é intencional, ainda que o desencanto de Kanafani com o nacionalismo árabe consagrado no regime Nasserista não tenha se consolidado completamente até 1967¹⁸⁷.

As personagens de Kanafani, nesse sentido, parecem ignorar as tentativas anteriores de unidade e construção nacional contra os interesses britânicos e sionistas, criando atritos entre si. Essa escolha de enredo faz parte da crítica do autor ao individualismo – marca do pensamento capitalista moderno –, elemento que se opõe aos objetivos coletivos e interesses comuns, tão importantes para os planos de conscientização política.

Em suma, em seu primeiro importante texto literário, os objetivos políticos de Kanafani já eram perceptíveis e se encaminhavam para um engajamento em defesa da Palestina enquanto nação, mas, também, para um posicionamento marxista, justamente o que se pode analisar sobre a ironia na cena em que os quatro homens da narrativa se desentendem mesmo possuindo uma ligação entre si. O desastre de 1948 acometeu a todos eles, no entanto, é a atribuição de um valor econômico simbolizado pelo dinheiro como garantia do desejo comum que gera divergências entre eles.

Até aqui, portanto, ser palestino significa, entre outras coisas, e evitando essencialismos, estar entre muitas contradições: viver em exílio, com nostalgia do passado e insegurança sobre o futuro, entre humilhações e submissões, entre as aspirações individuais e a urgência de um comprometimento coletivo, entre a busca por liberdade e as necessidades de

186 SIDDIQ. *Op. Cit.*, p. 13.

187 Idem.

adaptação e, também, diante de muitas barreiras e em constante ameaça.

Entre ameaças e impedimentos

Após o acalorado debate e o acordo esclarecido, Abul-Khayzuran começa a explicar o plano que pretende traçar para levá-los ao Kuwait. Descreve sua relação com o caminhão que abrigará os exilados durante o trajeto pelo deserto:

– Tenho um caminhão que é licenciado para cruzar a fronteira. Vocês devem prestar atenção: o caminhão não é meu... Sou um homem pobre, mais pobre do que vocês, e só tenho acesso a esse caminhão porque eu sou o motorista dele! Seu dono é um homem rico e muito conhecido e, por isso, o caminhão não espera muito tempo na fronteira, nem é revistado¹⁸⁸.

A fala do motorista é, também, marcada pela crítica de Kanafani ao sistema social e político. Ser isento de restrição para circular livremente é uma característica de quem possui um tipo de poder, que significa ter dinheiro e fama. O proprietário do veículo, Hájj Rida, é considerado um homem respeitado e tem prestígio por causa de suas posses. Portanto, os direitos de transportar o que quiser só existem para o dono do caminhão, provavelmente por causa da posição social em que ele ocupa, do contrário, haveria fiscalização rigorosa.

Após iniciar a explanação sobre as condições que o permitem dirigir o caminhão para fora do Iraque, o diálogo é, uma vez mais, interrompido para o aparecimento do narrador. Um narrador em terceira pessoa que, como assinalou Siddiq, é onisciente e compõe certa manipulação construída por Kanafani para gerar alternância com os momentos de monólogo das personagens¹⁸⁹. Assim, o texto oferece ao leitor não somente os pensamentos e sensações deles, mas também, informações que talvez as personagens não lembrariam ou não gostariam de rememorar. É o caso das linhas seguintes. O passado de Abul-Khayzuran é revelado para explicar porque ele estava dirigindo o caminhão naquele contexto.

Ele fora, por cinco anos, membro do exército britânico durante o Mandato antes de 1948 e lá havia adquirido experiência nesse tipo de atividade. Quando os outros ficaram sabendo, ele foi convidado para lutar ao lado dos defensores de al-Tira, uma aldeia que sofreu um ataque de parte dos judeus. Al-Tira é uma vila próxima a Ramla que, em 1948, foi

188 KANAFANI. *Homens ao Sol...*, p. 88.

189 SIDDIQ. *Op. Cit.*, p. 11.

ocupada pelo exército sionista, segundo dados da *Zochrot*¹⁹⁰, uma organização não-governamental israelense que fez um levantamento das vilas ocupadas durante e após a *Nakba*. O objetivo de destruir diversas vilas também é apontado pelo historiador israelense Benny Morris que, em seu livro *The Birth of the Palestinian Refugee Problem Revisited* (2004), cita o diálogo entre David Ben Gurion – líder político do movimento sionista durante a guerra de 1948 e que viria a ser o Primeiro Ministro de Israel a partir de sua fundação – e o General Ayalon da Força de Defesa Israelense expondo uma lista de vilas que seriam destruídas, entre elas al-Tira¹⁹¹.

Abul-Khayzuran foi escolhido para dirigir um “velho carro blindado”,¹⁹² enquanto combatia na Guerra de 1948, a guerra que se seguiu entre árabes e israelenses após a *Nakba*. O narrador ainda revela as habilidades ao volante que fizeram com que o motorista palestino conseguisse acesso ao caminhão-tanque para atravessar o deserto no Golfo. Suas experiências durante a Guerra foram essenciais para ser reconhecido como um ótimo motorista e impressionar Hájj Rida, o homem para quem trabalha¹⁹³. Nessas e nas próximas páginas, os leitores ficam sabendo os motivos pelos quais Abul-Khayzuran está em Basra com o tanque vazio de seu caminhão. Havia um defeito que precisou ser consertado e para não atrasar a expedição de seu patrão que ele acompanhava, ficou na cidade para resolver o problema enquanto o comboio seguiu adiante¹⁹⁴.

O diálogo com os exilados retorna à narrativa, conectando-o ao momento que explicava o plano aos três homens para levá-los ao Kuwait: “Eu disse a mim mesmo: 'Por que não aproveitar a oportunidade de ganhar um dinheirinho honesto já que estou aqui e já que meu caminhão não é revistado?’”¹⁹⁵.

A reação dos outros três diante dessa pergunta é de tensão. Há um estranhamento sobre o fato de precisarem viajar dentro do tanque de água de um caminhão. A ideia soa como uma brincadeira mas Abul-Khayzuran logo contorna o espanto dos colegas: “– Não precisa fazer esse drama. Não é a primeira vez...”¹⁹⁶. Sua atitude diante do medo dos exilados é de sarcasmo, como se os receios e dores diminuíssem com o deboche. E esse comportamento se repete. Ao perguntar se existe água no tanque, a dúvida de Marwan é depreciada pelo

190 Ver em: <<http://zochrot.org/en/village/49201>> (Acesso em 06/11/15)

191 MORRIS, Benny. *The Birth of the Palestinian Refugee Problem Revisited*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 354.

192 KANAFANI. *Homens ao Sol...*, p. 88.

193 *Ibidem*, pp. 89-90.

194 *Ibidem*, p. 90.

195 *Idem*.

196 *Ibidem*, p. 91.

motorista: “– Claro que não. O que você está pensando? Eu sou contrabandista ou professor de natação?”¹⁹⁷, e suas risadas acompanharam o tom da fala.

Mas os três homens permanecem preocupados e desconfiam da história mal contada pelo motorista sobre o seu trabalho. Inicialmente, contou que acompanhava um comboio de Hájj Rida uma semana antes para fornecer água, em seguida, diz que o tanque do caminhão não via água há seis meses¹⁹⁸. Abu-Qays, já cansado, afirma preferir pagar mais para os contrabandistas oficiais a ter que enfrentar problemas com alguém que conta uma história suspeita. O teor da conversa novamente se transforma; a aparente fraternidade vira ameaça:

*– Vá em frente e tente... você acha que eu não conheço esses contrabandistas? Eles vão deixá-los no meio do caminho e se dissolverem como um punhado de sal! E vocês, por sua vez, vão derreter no calor de agosto sem que ninguém saiba de nada... Vá em frente... vá e veja o que acontece... Muitos tentaram antes de você... Quer que eu lhe mostre o caminho? Por que você acha que eles pegam o dinheiro primeiro?*¹⁹⁹

O motorista utiliza sua experiência com as pessoas da região para tentar impor certa visão e convencer os colegas que sua proposta é a melhor opção para eles. Suas diferenças ficam mais evidentes nesse ponto e reforçam uma condição de vulnerabilidade com a qual os exilados estão constantemente se deparando.

Devemos considerar, além disso, que os palestinos recebem ameaças mais graves também de outras partes, aumentando ainda mais a precariedade de suas condições. Mesmo antes de estar condenado ao exílio, as ameaças já eram evidentes. Durante o Mandato Britânico, as ameaças de expulsão e transferência já faziam parte do cotidiano dos árabes da região desde a Declaração Balfour (1917). O significativo aumento da imigração judaica a partir de 1933²⁰⁰, decorrente da ascensão de Adolf Hitler na Alemanha, intensificou a preocupação dos palestinos sobre sua permanência no território diante da aproximação entre o sionismo e as políticas britânicas. Após 1948, as ameaças ganharam ainda mais fôlego com a criação de Israel e as políticas de expulsão de povoados e destruição de vilas árabes. Concretizava-se o que havia desejado o líder David Ben-Gurion:

197 Idem.

198 *Ibidem*, pp. 90-91.

199 *Ibidem*, p. 92.

200 SEGEV, T. Op. Cit., p. 350; KHALIDI, Rashid. “The Palestinians and 1948: the underlying causes of failure” In: ROGAN, Eugene L. & SHLAIM, Avi (eds.). *The War for Palestine: Rewriting the History of 1948*. Cambridge University Press, 2007, p.24.

Desde de que Jerusalém foi destruída pelos Romanos - a cidade não era tão judia como agora. Em muitos bairros árabes à Oeste, você não vê sequer um árabe. Não imagino que isso vá mudar. E o que ocorreu em Jerusalém e em Haifa pode acontecer em muitas partes do país. Se nós persistirmos nisso, é bem possível que nos próximos seis ou oito meses haja mudanças consideráveis no país, muito consideráveis, e a nosso favor. Com certeza haverá transformações na composição demográfica do país²⁰¹.

A *Nakba* tornou-se, portanto, explicitamente a grande marca da ameaça aos palestinos, mas outros tipos de ameaças se seguiram por conta da ilegitimidade de suas identidades nacionais.. Rashid Khalidi escreveu *Palestinian Identity* apontando a peculiaridade sobre o fato de que ser palestino significa possuir uma identidade clandestina já que sua nacionalidade não é mundialmente reconhecida pela burocracia das autoridades fronteiriças. O autor destaca o peso maior que um palestino sente quando cruza uma dessas barreiras:

Fronteiras são um problema para os palestinos a partir de sua identidade, [...] sujeita não somente ao questionamento dos poderes existentes; mas também é, em muitos contextos, suspeita quase que por definição. Como resultado, em cada uma dessas barreiras que a maioria dos outros possuem como um direito adquirido, todos os palestinos estão expostos à possibilidade de assédio, exclusão, e às vezes pior, simplesmente por causa de sua identidade²⁰².

As barreiras pelas quais os palestinos estão submetidos não existem apenas entre as delimitações nacionais quando buscam viajar ou imigrar para outros países, por exemplo. Desde 1967, ano em que Israel anexou maiores porções territoriais, há barreiras físicas dentro dos Territórios Palestinos Ocupados (Gaza e Cisjordânia). Atualmente, além dos postos de fiscalização (*checkpoints*)²⁰³ e do muro de separação²⁰⁴, com oito metros de altura e mais de 400 quilômetros, construído por Israel, a Cisjordânia, por exemplo, está dividida em áreas: A, B e C, cujo controle civil e/ou militar de cada uma é dividido entre Israel e a Autoridade Nacional Palestina, criando espaços de pouca autonomia civil palestina e enorme controle militar israelense.

Entre 1948 e 1966, os palestinos que permaneceram dentro das fronteiras do Estado de Israel e foram deslocados internamente acabaram vivendo sob administração militar²⁰⁵ e

201 RIVLIN, GERSHON & OREN apud PAPPÉ, I. *Op. Cit.*, p. 68.

202 KHALIDI. *Palestinian Identity...*, p. 2.

203 Em 2012, a organização israelense The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories (B'Tselem) contabilizou 98 postos de controle na Cisjordânia. Ver: <http://www.btselem.org/freedom_of_movement> (Acesso em 10/11/2015).

204 Ver relatório de 2012 da organização israelense The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories (B'Tselem). Disponível em: <http://www.btselem.org/download/201210_arrested_development_eng.pdf> (Acesso em 10/11/2015).

205 PAPPÉ, Ilan. *The Forgotten Palestinians: A history of the Palestinians in Israel*. New Haven & London: Yale

sofreram restrição de movimento como os refugiados sem documentos. Assim, para Abu-Qays, Assaad e Marwan, que não se tornaram refugiados deslocados internamente, restava sobreviver em um campo de refugiados ou fugir para algum lugar. A escolha pela fuga reforça a desagradável frequência dessas barreiras. A opção oferecida por Abul-Khayzuran é, por fim, a decisão que Assaad faz em nome de todos, sem antes, no entanto, revelar a farsa da história contada pelo motorista, percebendo que ele e seu chefe Hájj Rida são contrabandistas experientes. A decisão é clara: “Pessoalmente, só estou interessado em chegar ao Kuwait, o restante não me diz respeito... Essa é a razão pela qual vou viajar com Abul-Khayzuran”²⁰⁶.

O esforço empreendido pelo motorista para conferir credibilidade à condição de seu trabalho é em vão. Assaad se impõe, uma vez mais, como a voz da experiência, o que lhe garante confiança dos demais para embarcarem no plano em discussão. As páginas seguintes tratam dos detalhes do caminho que percorrerão.

Os quatro homens fizeram um sorteio para definir aquele que se sentaria no primeiro trecho da viagem ao lado do motorista, na parte da frente do caminhão. Assaad é o escolhido, situação que soa favorável para Abu-Qays, que seguiria dentro do tanque com Marwan durante a manhã, pois o Sol ainda não está forte. Assaad admite para si mesmo que seria melhor que o senhor se sentasse na frente quando a temperatura estiver mais alta, no meio da tarde²⁰⁷, já que sua condição física não permitiria um esforço ainda maior e Assaad, sendo jovem e mais bem preparado, poderia enfrentar o momento dentro do tanque no pior horário do dia.

A (in) fertilidade da luta nacional

A oportunidade de sentar-se ao lado do motorista permite que Assaad o conheça melhor. Como já parecia ser parte de sua personalidade, Abul-Khayzuran inicia um diálogo com metáforas e suposições sobre a viagem que transitam entre um receio assustador e um alívio efêmero. Ele gargalha das próprias falas, como se amenizasse a brutal realidade diante dos companheiros em exílio. Assaad aproveita para descobrir a sua história perguntando o

University Press, 2011, p. 49

206 KANAFANI. *Homens ao Sol...*, p. 94.

207 *Ibidem*, p. 98.

motivo pelo qual nunca havia se casado²⁰⁸ e idealiza a vida que leva: “Estava pensando comigo mesmo que você tem uma vida maravilhosa... Ninguém fazendo pressão aqui, nem ali... E você pode voar sozinho para onde bem quiser, voar... voar... voar”²⁰⁹.

A impressão de Assaad é reflexo do olhar que tem sobre a própria condição. Fugiu não só da vida degradante do campo de refugiados, mas, também, do destino traçado pela sua família, que esperava vê-lo casado com sua prima. Sua vontade, captada nessa fala, é a liberdade, poder “voar sozinho”, como imaginava ser para Abul-Khayzuran.

As memórias do motorista se intercalam com a cena do presente. Ao tentar evitar o brilho do sol refletido no retrovisor do caminhão enquanto dirige, é afetado pela pergunta do colega, a qual parece, também, querer evitar. No entanto, não consegue ignorar seus próprios pensamentos. A indagação de Assaad irrompe o passado mais tenebroso e dolorido de Abul-Khayzuran.

A *Nakba* retorna, uma vez mais, à narrativa. Ela reaparece como se não deixasse de estar presente em cada linha do texto. De repente, o motorista está novamente em 1948. A luz do Sol o cega da mesma forma que outra luz o cegou durante o momento em que foi capturado durante a guerra. É quando o leitor interage com a sua fragilidade. Abul-Khayzuran sente a dor em suas pernas, e percebe que “estavam atadas a dois apoiadores que as mantinham suspensas, e que havia vários homens a sua volta...”²¹⁰. Os gritos e o sofrimento duram mais do que a leitura do parágrafo. A dor vem da região entre suas pernas e se intensifica na medida em que toma consciência do que lhe ocorreu. A sugestão do torturador é que talvez a morte fosse algo melhor.

Aquela cena perdurava junto com as marcas deixadas. Após dez anos, ele sentia a humilhação como no dia em que perdeu sua virilidade²¹¹. A tragédia física sobrevivia ao lado do desastre nacional de 1948. Abul-Khayzuran lutava internamente contra a resignação:

Durante dez longos anos, havia tentado aceitar a situação, mas que situação? Admitir simplesmente que havia perdido a virilidade ao lutar em prol de seu país? E que bem isso fizera? De fato, ele perdera a virilidade, seu país e tudo mais nesta maldita existência...

*Não, ele não podia consentir, mesmo depois de dez anos, em esquecer sua tragédia e acostumar-se a ela...*²¹²

208 Idem.

209 *Ibidem*, p. 99.

210 Idem.

211 *Ibidem*, p. 100.

212 Idem.

A tortura sofrida por Abul-Khayzuran fazia parte dos métodos da força militar israelense. A violência já apontada pelo Plano Dalet parece carregar consigo a tortura como parte das interrogações dos serviços de segurança, como o GSS (General Security Service), mais conhecido como *Shin Bet*, que viria a ser a Agência de Segurança de Israel. Em recente produção cinematográfica, a tortura está centralmente presente na vida do protagonista palestino, o artista Khaled, em *Marte ao Amanhecer* (2013)²¹³. Entre episódios da imaginação e da realidade, a tortura é vivenciada pelo artista que sobrevive graças a esperança que possui em poder pintar outra vez, desafiando a (ir)racionalidade da força de segurança, personificada em um agente do exército que busca formas de compreender os próprios limites dos seus desejos e da sua experiência.

A violência física e psicológica integra as atuais investigações da Agência de Segurança de Israel e tem sido constantemente questionadas por órgãos em defesa dos direitos humanos. Relatórios da organização israelense B'Tselem já foram publicados para divulgar casos de tortura e maus-tratos pelas forças de segurança do Estado de Israel²¹⁴. Abul-Khayzuran convive exatamente com o trauma da tortura e, aos poucos, acorda do pesadelo real e se conscientiza do instante dentro do caminhão, ao lado de Assaad:

*A cada vez que lhe perguntavam, casualmente, 'Por que você não casou?', o mesmo sentimento de dor a se cravar entre suas coxas voltava, como se ele ainda estivesse sob a grande luz circular com suas pernas suspensas no ar*²¹⁵.

A humilhação por ter sido castrado durante um ato de tortura é ainda mais grave para o motorista porque a causa pela qual ele lutara havia, também, sido obstruída. O sentimento é de dupla impotência: foi derrotado em seus ideais nacionais e foi arruinado em suas possibilidades de formação identitária. Não gerar filhos significa não constituir herdeiros que representem a Palestina. Para muitos palestinos, desde 1948, a preservação e reprodução familiar constituem luta em defesa da identidade nacional. Recentemente, foram divulgados alguns casos de prisioneiros palestinos cujas esposas engravidaram utilizando o esperma dos maridos em clínicas de fertilização²¹⁶.

213 MARS at Sunrise. Dir.: Jessica Habie. Eyes Infinite Films/F'jar Falestine Films, 2013.

214 B'Tselem (The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories). *Routine Torture: Interrogation Methods of The General Security Service*. Jerusalém, 1998; B'Tselem & Hamoked. *Absolute Prohibition: The Torture and Ill-treatment of Palestinian Detainees*. Jerusalém. May, 2007.

215 KANAFANI. *Homens ao Sol...*, p. 100.

216 Ver: DONNISON, Jon. Palestinians born 'from prisoners' smuggled sperm. *BBC News*. 15 Mar 2013. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-middle-east-21658940>> (Acesso em 05/01/2016).

Essa percepção é importante, pois uma conhecida ameaça ao sionismo é a perda do controle demográfico do território. Ao buscar homogeneidade étnica – cabe destacar que é um desafio posto a qualquer Estado que se pretenda democrático – com uma população majoritariamente judaica, o Estado de Israel enxerga com preocupação o crescimento da taxa de natalidade da população árabe em Israel e nos Territórios Ocupados²¹⁷, tema que já inquietava os arquitetos do Estado, como David Ben-Gurion²¹⁸.

Edward Said, sobre essa luta demográfica, afirmou que o peso do exílio é carregado, também, pelos nascimentos fora da Palestina: “as crianças nascidas depois de 1948 afirmam a conexão original com a Palestina perdida como uma pequena evidência simbólica de que os palestinos seguiram em frente, apesar de tudo: *ele* ou *ela* teriam nascido na Palestina, não fosse 1948”²¹⁹. Ademais, como necessidade de afirmação identitária e reconhecimento do passado, muitas famílias palestinas dão aos seus filhos e descendentes o nome das vilas a que pertenceram antes da *Nakba*. Masalha trata das estratégias de resistência das comunidades nativas: “As vilas e cidades despovoadas e destruídas muitas vezes mantiveram-se vivas através dos nomes dos lugares que foram passados por gerações para os membros de famílias palestinas”²²⁰.

Incapaz de procriar e evitando suas próprias lembranças, o motorista precisou fugir da questão de Assaad e retomou a conversa sobre as condições de Abu-Qays, afirmando que ele não sobreviveria se tivesse sido contrabandeado com o “homem gordo” e relata uma série de acontecimentos que ouviu falar sobre aqueles que tentaram chegar ao Kuwait dessa forma e não conseguiram. Os exemplos dados por Abul-Khayzuran vão na contramão das histórias de pessoas que se deram bem nessa tentativa, como Saad, amigo de Abu-Qays que havia imigrado para lá. A maioria, segundo o motorista, não chega vivo: “Por acaso você já viu alguma vez na vida um esqueleto jogado na areia? [...] Você teria visto muitos se tivesse ido com os contrabandistas...”²²¹.

217 Algumas notícias jornalísticas ilustram a questão: PERRY, Dan & LAUB, Karin. In Israel, the 'demographic issue' gains resonance. *The Times of Israel*. Israel & The Region, 20 Feb 2014. Disponível em: <<http://www.timesofisrael.com/in-israel-the-demographic-issue-gains-resonance/>> (Acesso em: 04/01/2016); IRAQI, Amjad. When will Israel stop seeing Palestinians as a 'demographic threat?'. +972. 31 May 2015. Disponível em: <<http://972mag.com/when-will-israel-stop-seeing-palestinians-as-a-demographic-threat/107304/>> (Acesso em 04/01/2016).

218 Ver citação da nota de rodapé nº 201.

219 SAID. *A questão da Palestina...* p. 140.

220 MASALHA. *Op. Cit.*, p. 207.

221 KANAFANI. *Homens ao Sol...*, pp. 102-103.

Outro sufoco

“Agora começa a parte séria...”²²², alerta Abul-Khayzuran após frear e descer do caminhão. Encharcados de suor, Marwan e Abu-Qays ouvem as instruções do motorista sem se movimentarem. É hora de Assaad se juntar aos dois para atravessarem o posto de fiscalização e todos são aconselhados de que “o calor está sufocante, terrível, e vocês vão suar como se estivessem em um forno. Mas é apenas por cinco ou sete minutos, e eu vou dirigir tão rápido quanto puder”²²³. Assaad revela a sensação de quem acaba de sentir o drama: “É um verdadeiro inferno! Está pegando fogo!”²²⁴.

Com os três dentro do tanque, o motorista indaga se está tudo bem e recebe uma resposta que carrega imensa responsabilidade e pressão: “O que você está esperando? Depressa! Estamos quase sufocando”²²⁵ e sai o mais rápido que pode, pisando fundo no acelerador, com seu pensamento também dentro do tanque, “esse tremor era suficiente para transformar ovos em omeletes mais rapidamente do que uma batedeira elétrica podia fazer”²²⁶.

Além das condições climáticas extremamente agressivas do deserto entre as fronteiras do Iraque e Kuwait, os quatro homens vivem o momento tenso de atravessar, uma vez mais, a barreira física que se impõe ao longo do caminho de todo exilado palestino: o posto de fiscalização. Caminhão estacionado e os policiais da fronteira de Safwan tentaram uma conversa, mas Abul-Khayzuran tinha um objetivo: voltar para a estrada o quanto antes para deixar os homens respirarem fora do tanque. Quando se vê livre do controle, o primeiro pensamento é: “A parte mais difícil já foi”²²⁷, como se a frase aliviasse o sufoco pelo qual passavam os exilados. Seguiu pela estrada até que Safwan já não pudesse ser mais vista e parou o caminhão para abrir a porta do tanque:

Marwan apareceu primeiro. Levantou os braços e Abul-Khayzuran o puxou bruscamente para fora; deixou-o deitado na superfície do tanque... Abu-Qays pôs a cabeça para fora e tentou subir, mas isso estava além das suas forças. Depois, pôs os braços para fora e deixou que Abul-Khayzuran o ajudasse... Quanto a Assaad, conseguiu subir pela abertura; ele já havia tirado a camisa.

222 *Ibidem*, p. 103.

223 *Ibidem*, p. 104.

224 *Ibidem*, p. 105.

225 *Ibidem*, p. 106.

226 *Idem*.

227 *Ibidem*, p. 108.

À leitura parece faltar fôlego como para as personagens. O tempo presente nunca deixa de ser sufocante para quem sobrevive na clandestinidade, a identidade a qual são forçados a reivindicar não é suficiente se não for oficial. Passaram-se dez anos e os exilados seguiram sem direitos, sem dignidade, sem visibilidade. Não há conforto, o que existe é desespero, angústia e inquietação. A *Nakba* que existira há uma década para Marwan, Assaad, Abu-Qays e Abul-Khayzuran, perdura há mais de seis décadas para as vidas palestinas de hoje, de forma não menos incômoda. Nur Masalha atenta para o fato de que “hoje, com milhões de palestinos ainda vivendo sob o colonialismo e a ocupação israelense ou em exílio, a Nakba permanece no coração da memória coletiva palestina, na identidade nacional e na luta por direitos nacionais coletivos”²²⁸.

A pergunta retórica feita por Abul-Khayzuran após todos voltarem a respirar é constrangedora: “ – Foi assustador?”²²⁹ e logo se justificou: “ – Eu disse a vocês sete minutos. E, de qualquer modo, a coisa toda não levou mais do que seis”²³⁰. Ofegantes, eles evitam o diálogo, a atividade possível do momento é respirar.

Mas, a situação não admite pausa e logo são novamente atormentados pelo porvir: “ – Vamos. Não devemos perder nosso tempo. Vocês têm outro banho turco daqui a alguns minutos!”²³¹. No trecho seguinte, Abu-Qays tem o consolo de poder se sentar na parte da frente do caminhão, ao lado do motorista. Marwan é convidado a seguir viagem ao lado do senhor, já que aparenta demasiado cansaço, enquanto Assaad segue dentro do tanque, com a tampa aberta na esperança de que haja alguma circulação de ar e diminuição da temperatura interna. E então, “o motor roncou, e o grande caminhão passou a traçar uma linha de névoa pelo deserto que se levantou e depois se dissolveu no calor intenso...”²³².

“Ainda há caminhos neste mundo?”²³³

Sem consciência política sobre a situação da Palestina ou evitando essa aproximação,

228 MASALHA. *Op. Cit.*, p. 208.

229 KANAFANI. *Homens ao Sol...*, p. 109.

230 *Ibidem*, p. 110.

231 *Idem*.

232 *Ibidem*, p. 111.

233 *Ibidem*, p. 60.

Abu-Qays, Assaad, Marwan e Abul-Khayzuran lutam pela sobrevivência de seus corpos, com a esperança em refazer seu cotidiano pré-*Nakba* em qualquer lugar que conseguirem se estabelecer, ainda que a avaliação sobre o que ocorrera não pareça muito bem esclarecida em suas mentes.

Mais consciente do pano de fundo estrutural cujo exílio é um sintoma, o motorista parece querer o distanciamento daquilo que o marcou física e psicologicamente para sempre: o engajamento político. O seus interesses são egoístas, perdeu a fé e está convicto de que o passado deve ser enterrado. Seu objetivo para o futuro já está planejado:

Em dois anos, vou abandonar tudo para me assentar. Quero relaxar, esticar as pernas, descansar na sombra... pensando ou sem pensar. Não quero fazer um único movimento. Já me cansei mais do que o suficiente em minha vida. Sim, realmente, mais do que o suficiente²³⁴.

Os três outros, no entanto, não parecem possuir clareza sobre a relação entre suas condições atuais e a realidade política que os cerca. O exílio que vivenciam não é entendido como a falta de construção coletiva de uma memória nacional ou o não pertencimento a um território geográfico, ou ainda como o resultado de um contexto político externo. O exílio conduz a uma experiência permeada de sentimentos e percepções localizados no espectro particular e subjetivo de cada um e, em certa medida, compartilhados entre si, o que significa que as dificuldades que vivenciam, desde a expulsão de suas terras até o trajeto no caminhão de Abul-Khayzuran a que estão submetidos, refletem o drama da vida familiar de cada um deles que é intimamente ligado às suas ações e destinos individuais.

Independente do nível de consciência política sobre seu exílio, a opressão a que os palestinos estão sujeitos é o que os iguala. Rashid Khalidi destacou aquilo que os une enquanto povo:

O fato de todos os palestinos serem submetidos a estas humilhações especiais e, portanto, estarem todos submetidos a uma condição pós-moderna quase única de ansiedade compartilhada na fronteira, no posto de controle e no ponto de travessia prova que eles são um povo, se nada mais forem²³⁵.

Essa condição resulta em um processo contínuo de exclusão social. O reconhecimento do ser humano com direitos à vida e dignidade está atrelado, no mundo contemporâneo, aos

234 *Ibidem*, p. 103.

235 KHALIDI. *Palestinian Identity...*, p. 5.

padrões nacionais de certas demarcações territoriais criados para identificar quem pertence ou não a ele, quem merece ou não a vida oferecida por ele. Essa racionalidade do Estado nacional exclui todas as possibilidades de existência fora dessa estrutura. Considerando os palestinos como aqueles que se encontram apartados dessa ordem, Said lembrou que “desde 1948, o dilema palestino é literalmente o fato de que ser palestino significa viver em uma utopia, em um *lugar inexistente*”²³⁶, desta forma, a identidade palestina, construída ao longo do século XX e sempre em transformação, está permeada pela condição de vida material que coexiste com uma ameaça de interrupção, é regida por esse viver em um tempo e um lugar sempre indefinidos – acepções possíveis para entender, também, o exílio.

A identidade palestina dos exilados emerge de um lugar entre a experiência vivida e uma necessidade imposta pela ordem estabelecida. Parece pouco interessante e significativo analisar a fundação do nacionalismo palestino a partir de origens indefinidas em um passado distante, já que ele está pautado por uma aspiração – a busca por reconhecimento de uma nação – e não pela manutenção de um Estado existente, como é o caso do sionismo em relação a Israel.

A observação sobre a construção da identidade nacional passa por um movimento ambíguo de defender a liberdade e os direitos de existência de determinados grupos conforme eles próprios se reconhecem, e ao mesmo tempo, negar as delimitações que possam excluir. É interessante, no entanto, considerar, uma vez mais, que a identidade é um termo que caracteriza um ser ou um grupo por suas semelhanças e, portanto, sempre excluirá os não semelhantes. Assim, a luta por identidade nacional palestina deve ser vista, para ser justa, como um meio e não um fim, conforme notou Edward Said em uma entrevista publicada em 1991:

*Quando a consciência nacional torna-se um fim em si mesma, quando uma particularidade étnica ou racial ou a essência nacional, em grande medida inventada, vira a meta de uma civilização, cultura ou partido político, você sabe que esse é o fim da comunidade humana e que estamos diante de outra coisa*²³⁷.

Considerando que a pretensão por homogeneidade de todo Estado-nação é excludente, mais importante do que definir-se nacionalmente para reivindicar algo a que se tem direito é identificar as origens daquilo que causa a condição a que estão submetidos – não se pode lutar

236 SAID. *A questão da Palestina*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012, p. 143.

237 SAID, Edward. *A pena e a espada: diálogos com Edward Said e David Barsamian*. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 65.

pelas essências de uma nação quando ela, na verdade, resolve parcialmente uma situação. É preciso problematizar as limitações do Estado-nação, que como um cobertor curto, só pode garantir conforto para algumas partes. Quais partes merecem ou não uma ponta dele será elencada por aquele que tiver o poder e a força para segurá-la por mais tempo.

Portanto, diante das necessidades do engajamento político cotidiano, as estratégias para atingir o objetivo passam por etapas, dentre as quais, a intenção em romper com os problemas do momento atual demandam, no caso palestino, uma reivindicação por um Estado nacional, a autodeterminação daquilo que os define como um povo, uma luta por reconhecimento de sua identidade. Em vista disso, Abul-Khayzuran teria possibilitado novos caminhos os três exilados ao oferecer carona para o Kuwait?

Em *Homens ao Sol*, os protagonistas não estão focados em sua luta coletiva por uma identidade que possa reuni-los novamente no tempo e espaço pelos quais tanto desejam em suas lembranças. A nostalgia acompanha os homens que não sabem o que fazer com ela, apenas seguem um caminho que lhes é apontado, sem refletir sobre a existência de outros trajetos. A questão surge, mas parece não haver esforços sinceros em respondê-la: “Ainda há caminhos neste mundo?”²³⁸ questiona Assaad, diante de um dos tantos obstáculos encontrados. A resposta parece ser oferecida pelo autor, Ghassan Kanafani, pois suas personagens estão cegas para visualizá-la. O que Abul-Khayzuran permitiu foi um retardamento do que teria acontecido mais cedo, ao não ampliar o cenário utópico de perspectivas.

238 KANAFANI. *Homens ao Sol...*, p. 60.

NARRATIVA E RESISTÊNCIA: A SOBREVIVÊNCIA HISTÓRICA DOS PALESTINOS

Uma amarga interrupção

O penúltimo capítulo, “Sol e Sombra”, percorre o trecho mais dramático da narrativa. O Sol ganha protagonismo, presente não só no nome do capítulo, mas também no título do romance, é ele que enfraquece física e mentalmente as personagens palestinas. É a violência de sua temperatura que deixa o deserto livre de fiscalização e permite o contrabando dos exilados. O percurso durante a noite seria impossível conforme relata o motorista: “ – A estrada entre Safwan e Mutlaa fica repleta de patrulhas à noite. Durante o dia, nenhuma patrulha pode correr o risco de fazer uma revista num calor escaldante desses...”²³⁹.

A presença do Sol parece garantir sua personificação na narrativa, experiência literária de Kanafani que, mais tarde, resolveu adotar elementos inanimados²⁴⁰ como personagens de fato, que se relacionam com pessoas dentro do texto. Em seu segundo romance, por exemplo, *ma tabaqqa lakum* (O que lhes restou), de 1966, dentre os protagonistas estão o Deserto e o Tempo²⁴¹.

A leitura segue um ritmo em que as palavras se sobrepõem, ao mesmo tempo em que preferem não ser reveladas. O silêncio toma conta do texto a partir de então. Ainda no início desse capítulo, o narrador relata: “Nenhum dos quatro queria conversar mais... Não apenas porque estavam exaustos pelo esforço como também cada um deles estava imerso profundamente em seus próprios pensamentos”²⁴², a introspecção, portanto, seguia predominando. Os próximos parágrafos retomam essas reflexões individuais, como uma procura por respostas definitivas às incertezas diante do caminho escolhido. Entre as memórias que irrompem sem controle e os desejos que se tenta planejar, a conexão entre as revelações de seus pensamentos são descontínuas. A vontade individual e a inércia só levam a

239 *Ibidem*, p. 116.

240 Muhammad Siddiq analisa com maiores detalhes essa escolha textual de Kanafani. Ver: SIDDIQ. *Op. Cit.*, p. 24

241 Kanafani deixa clara suas opções textuais escrevendo um “esclarecimento” que abre o romance. In: KANAFANI, Ghassan. *All that's left to you: a novella and short stories*. Interlink Books: Northampton, 2004, p. xxi.

242 KANAFANI. *Homens ao Sol...*, p. 114.

um caminho: a derrota, é essa a mensagem de Ghassan Kanafani.

Abu-Qays deseja voltar a oferecer educação ao seu filho e plantar mudas de oliveiras. Deseja um lar cuja posse seja de sua própria família, mas os empecilhos são incontáveis: a idade avançada traz à tona os questionamentos: “E você acha que a vida que leva aqui é melhor do que a morte? Por que você não tenta como nós?”²⁴³.

Marwan é confrontado também. Ameniza a responsabilidade da madrasta, Chafiqa, sobre a fuga do pai, lembrando que ela foi amputada em um acidente em que foi vítima. A nova função familiar de Marwan agora é ocupar o lugar que o pai e o irmão abandonaram. “Lá, no Kuwait, você vai aprender tudo... Vai saber sobre tudo...”²⁴⁴.

Assaad se recorda de um momento em que um policial cuspiu em seu rosto após questionar sua participação em uma manifestação. Junto com essa memória, surge a do tio que lhe emprestara dinheiro pois queria que ele se casasse com sua filha, dinheiro que imaginava nunca conseguir juntar em toda sua vida²⁴⁵.

Abul-Khayzuran, também, não está isento de suas doloridas memórias. Ele fica conjecturando sobre o local onde estaria a bomba que pisou enquanto lutava, depois veio a cena da mulher que acompanhava os médicos enquanto ele estava numa cama branca com a dor entre suas pernas. “Toda vez que ele se lembrava disso, seu rosto se enchia de vergonha...”²⁴⁶. E lamenta questionando o fato de que o patriotismo²⁴⁷ não havia lhe feito bem e que o que queria a partir de então era ter mais e mais dinheiro.

O “golpe de insolação”²⁴⁸ começa a atingi-los fortemente, recordando alertas dados por aqueles que conheciam quem havia morrido de insolação ao ir para o Kuwait. O ambiente é associado ao inferno e o narrador revela a questão que atravessa a mente de todos eles: “Mas o Sol poderia matá-los e a toda a força aprisionada em seu peito?”²⁴⁹.

Em seguida, o motor do caminhão é desligado e uma pausa é recomendada por Abul-Khayzuran, que acende um cigarro e sugere que descansem antes de iniciar a “performance”²⁵⁰ novamente. Em sua forma debochada de lidar com a situação, ele prepara os três exilados para o que deveria ser o último momento de tensão pelo qual precisariam passar, declarando que aquela seria a parte mais fácil da viagem e que já haviam realizado mais da

243 Idem.

244 *Ibidem*, pp. 114-115.

245 *Ibidem*, p. 115.

246 Idem.

247 Idem.

248 *Ibidem*, p. 116.

249 Idem.

250 Idem.

metade do percurso²⁵¹. Ele avalia que eles “aprenderam bem o ofício”²⁵², ironizando o exílio dos companheiros ao denominar seu sofrimento como sendo um “ofício”. Por fim, eles precisariam suportar apenas sete minutos a permanência no tanque, o motorista informa o horário, “são onze e meia...”, como se legitimasse sua promessa de que o sofrimento dentro do tanque duraria, no máximo, sete minutos e que poderiam conferir quando saíssem de lá.

Como se a cena anterior se repetisse, os homens entram desalentados dentro do tanque novamente e, logo, Abul-Khayzuran fecha a tampa e volta para o seu assento e, em “um minuto e meio”, já estava no posto de Mutlaa estacionando o caminhão. A única coisa que consegue captar é o silêncio sendo rompido pelo som do ar condicionado que fica do lado de fora da construção onde trabalham os oficiais. O motorista sobe os degraus rapidamente, alcançando a sala em que precisava conseguir a autorização para prosseguir viagem. Porém, “sentiu, nos olhares dirigidos a ele pelos oficiais, que algo aconteceria. Não hesitou, no entanto, e empurrou os documentos diante do oficial gordo sentado no centro da sala”²⁵³. A inatividade presente naquele espaço momentos antes da entrada do motorista, levam os oficiais a protelarem o diálogo para além da burocracia habitual.

É pertinente propor uma análise em torno do trabalho dos oficiais de fronteiras e seu significado na vida da pessoa que o realiza. Com a flexibilidade dos limites nacionais dos Estados, as fronteiras são espaços construídos arbitrariamente e, por isso, sua existência é contestável. Toda a estrutura e a burocracia que envolvem suas atividades constituem parte de um sistema de opressão, em que uma das partes possui poder e controle sobre a outra parte. Para os exilados, refugiados, imigrantes, estrangeiros, errantes, e toda sorte de pessoas que não foram devidamente encaixadas em um padrão legitimado pelo sistema de Estados-nação, resta a submissão. A ideologia do Estado, então, é moldada para que o oficial sinta que possui um poder que o realiza enquanto profissional e, logo, enquanto ser humano. A sociedade, destarte, é intimidada pelas ameaças reproduzidas pelos agentes do Estado e, também, pelos grandes meios de comunicação²⁵⁴.

251 *Ibidem*, p. 117.

252 *Idem*.

253 *Ibidem*, p. 118.

254 Durante pesquisa de iniciação científica – transformada em monografia – apoiada pela FAPESP, pude analisar as interpretações do terrorismo feitas pela imprensa paulista no ano de 1991. Dentre as conclusões alcançadas, cabe destacar aqui que o medo e as ameaças do terrorismo foram, na grande maioria das vezes, produzidos pela própria imprensa, em diálogo, especialmente com as preocupações políticas do governo dos Estados Unidos, cujas agências internacionais foram as principais fontes das notícias dos jornais paulistas estudados. Ver: GENNARI, Mariane. *A espetacularização do terrorismo: medo, ameaças e ataques durante a Guerra do Golfo de 1991*. Monografia (Graduação em História) – Universidade Federal de São Paulo, Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Guarulhos, 2011. Ver também: ARBEX JÚNIOR, José. *Showrnalismo: a*

Tal reflexão não é inédita. Produções literárias, artísticas e acadêmicas já abordaram a temática. O livro de J. M. Coetzee, *À espera dos Bárbaros*²⁵⁵, por exemplo, retrata as funções profissionais desempenhadas pelo Magistrado, protagonista do romance, que segue as ordens dadas e cujas funções estão atreladas à lógica da política imperial de seu país. O medo dos povos vizinhos alimenta a efetividade do controle exercido por funcionários como ele e dissemina o sentimento de utilidade de sua função.

O longa-metragem de 2008, *O sal desse mar*²⁵⁶, possui uma cena em que aborda o trabalho dos oficiais de fronteira em Israel. Uma cidadã norte-americana de origem palestina tenta visitar a cidade de Jaffa para recuperar os bens de sua família. Ao chegar no aeroporto de Tel Aviv, ela é questionada de várias formas, com perguntas que se repetem. A justificativa para o obstinado questionário ironiza a própria entrevistada, afirmando a relação de poder: “É para a sua própria segurança”, diz o agente da imigração. Ao exercer o controle prescrito pelas normas, o oficial sente a legitimidade de sua função. O que isso representa para aquele que está do outro lado do vidro ou da mesa na sala de interrogação do controle imigratório não interessa às funções desses agentes.

Em 2004 foi criada uma organização de ex-veteranos do exército de Israel, cuja proposta tem sido divulgar as experiências de soldados que foram impactados em suas atividades militares na Cisjordânia e Faixa de Gaza. Os relatos dos ativistas do *Breaking the Silence*²⁵⁷ envolvem os abusos cometidos pelas tropas que, normalmente, não chegam ao conhecimento da população civil²⁵⁸. O serviço de alistamento militar israelense é obrigatório para seus cidadãos, homens e mulheres, o que compreende parte da estrutura militarizada dessa sociedade. O seu efeito é sentido negativamente por esses ativistas que procuram denunciar algumas das ordens e oferecer um espaço em que os jovens do exército possam dividir essa vivência.

Ao solicitar autorização para atravessar com o caminhão, aspectos da vida pessoal de Abul-Khayzuran são escolhidos como assunto da conversa, como parte dessa atitude de

notícia como espetáculo. São Paulo: Casa Amarela, 2001; LOSURDO, Domenico. *A Linguagem do Império*: léxico da ideologia estadunidense. São Paulo: Boitempo, 2010.

255 COETZEE, J. M. *À espera dos bárbaros*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

256 MILH Hadha al-Bahr / Salt of this Sea. Dir.: Annemarie Jacir. Lorbes Films, 2008.

257 Em português, “Quebrando o Silêncio”.

258 Na página oficial da internet, eles descrevem suas intenções: “Casos de abuso em relação aos palestinos, saques e destruição de propriedade têm sido a norma por anos, mas ainda são explicados como casos extremos e únicos. Nossos testemunhos retratam uma imagem diferente e muito mais sombria, em que a deterioração dos padrões morais encontra expressão no caráter de ordens e nas regras de combate e são justificados em nome da segurança de Israel”. Disponível em: <<http://www.breakingthesilence.org.il/about/organization>> (Acesso em 06/02/2016).

humilhação própria dos agentes de controle. O desespero é evidente e, enquanto leitores, compartilhamos a agonia. Os três oficiais presentes na sala estão interessados em confirmar uma história contada por Hájj Rida, seu empregador, sobre o encontro que Abul-Khayzuran teve com uma prostituta. Abu-Báquir, oficial autorizado a liberar ou restringir a passagem daqueles que atravessam o posto de Mutlaa, concentra-se em fazer perguntas buscando maiores detalhes sobre o acontecido. Mas o motorista está com pressa.

A humilhação, novamente, é observada:

– Você vai para Basra e inventa que o caminhão quebrou, então passa a mais feliz das noites de sua vida com Kawkab. Que sorte, Abul-Khayzuran! Que sorte, seu malandro... Mas nos conte como é que ela demonstrou seu amor por você. Hájj Rida diz que ela o ama tanto que gasta o próprio dinheiro com você e lhe entrega cheques. Ah, Abul-Khayzuran, seu malandro!²⁵⁹

As piadas feitas pelos oficiais tratam da maior dor da vida de Abul-Khayzuran, a perda de sua “masculinidade”, mas o constrangimento é suportável naquele momento, pois o seu incômodo maior é o tempo que se perde com isso, sua mente está focada nos homens dentro do tanque do caminhão. Após conseguir as respostas que quer, o oficial assina os papéis, mas só os entrega depois que Abul-Khayzuran concorda em levá-lo a Basra para conhecer Kawkab. Não é hora de discordar ou explicar, o tempo corria. Ao olhar para o relógio, “quinze para o meio-dia”²⁶⁰. Seu retorno para o caminhão não foi sentido tanto pelo Sol forte mas sim, pela preocupação com o que era de sua responsabilidade:

Olhou para o tanque por um momento e teve a impressão de que o metal estava prestes a se fundir sob aquele Sol terrível. [...] ele tinha um minuto ou um minuto e meio até que pudesse contornar a primeira curva, a esconder-se do posto fronteiro. [...] Não havia nada em sua cabeça a não ser pavor, e ele imaginou que iria cair sobre seu volante desmaiado...²⁶¹

Após conseguir parar seu caminhão no local adequado, subiu para tirar a tampa do tanque. O metal queimava suas mãos, mas ele ajudou com os cotovelos até conseguir abrir, enquanto uma gota do suor de sua testa caía na tampa de metal, evaporando em seguida²⁶². Após conseguir a abertura, curvou-se para chamar Assaad. Nenhuma resposta. “Hei, vocês...”²⁶³, foi o segundo grito. Atormentado, ele decide, então, descer para falar com os

259 KANAFANI. *Homens ao Sol...*, p. 121.

260 *Ibidem*, p. 122.

261 *Idem*.

262 *Ibidem*, pp. 122-123.

263 *Ibidem*, p. 123.

homens. Impossível, as vidas que haviam ali não existiam mais. Ao colocar o ouvido sobre o peito de Abu-Qays, sentiu que “o corpo estava frio e paralisado”²⁶⁴. Procurou pelos outros e ficou prestes a se asfixiar. Sua constatação misturava terror e desgaste. Não sabia se estava mais abatido pelo cansaço ou pela morte dos três exilados, que a partir de agora, deixavam de ser homens e se tornavam corpos, cujas vidas acabavam de ser interrompidas novamente. Pela última vez. O motorista não podia pensar em nada mais, a imagem permanente era do rosto de Marwan²⁶⁵.

A sobrevivência remanescente

O último capítulo, “O túmulo”, é iniciado por uma leitura engasgada, como se não precisasse ser prosseguida, restam ainda três páginas. Já é noite quando descobrimos que Abul-Khayzuran queria enterrá-los, cada um em um túmulo. No entanto, lembra que o seu cansaço seria impedimento para trabalhar cavando os túmulos e, enquanto dirige, segue pensando no que poderia fazer com os corpos. “Não pensava no sentido exato da palavra, mas uma série de cenas desconexas passava por sua cabeça incessantemente, de forma incoerente e inexplicável”²⁶⁶. Logo, sente um cheiro ruim, é o lixo da cidade cuja autoridade municipal é responsável. O motorista tem uma ideia: despejar os corpos ali para que sejam encontrados ao amanhecer.

Após estacionar o caminhão, sobe até a tampa e começa a retirar os cadáveres – que agora deixam de ser corpos e de possuir nomes. “Havia uma escuridão espessa, e Abul-Khayzuran ficou aliviado de ela o poupar de ver os rostos”²⁶⁷. Deixou-os em um lugar de fácil visualização e retornou ao veículo, dando meia volta e preocupado em eliminar os rastros deixados pelas rodas. Mas, após um tempo, lembrou-se de algo que o fez retornar. Voltou e esvaziou os bolsos dos cadáveres e tomo o que há pouco foram os seus pertences, regressando ao caminhão silenciosamente.

Sua atitude parece contradizer sua subsequente indignação. Lutou internamente para apagar de sua mente tudo que ocorrera até então. Não conseguia se livrar dos pensamentos

264 Idem.

265 *Ibidem*, p. 124.

266 *Ibidem*, p. 128.

267 *Ibidem*, p. 129.

que o dominavam, ainda que tentasse. Queria gritar, arrancou os cabelos, a angústia tomou conta de todo seu corpo e, especialmente, de sua cabeça. Ficou parado, olhando a escuridão do deserto até sentar novamente em frente ao volante encostando sua cabeça nele. Sua voz foi repetida pelo eco do deserto: “– Por que vocês não bateram nos lados do tanque? Por que vocês não golpearam as paredes do tanque? Por quê? Por quê? Por quê?”²⁶⁸. Kanafani termina as palavras do texto sem, contudo, encerrar as reflexões decorrentes da tragédia narrada. Manter Abul-Khayzuran vivo não parece ter sido uma escolha aleatória.

A análise de Barbara Harlow contribui para o entendimento sobre a construção desse personagem:

*[...] Abul-Khayzuran, o motorista do caminhão, representa a liderança palestina na época, castrado e impotente, tendo "perdido sua masculinidade" em 1948 na primeira guerra árabe-israelense em torno da criação do Estado de Israel. Embora não sem algumas boas intenções, seu desespero pessoal e fraqueza moral o corromperam. Ele negocia sobre as taxas com os três palestinos que ele se ofereceu para transportar para o Kuwait e, uma vez que eles estão mortos, valeu-se de seus relógios de pulso, ao retirá-los dos cadáveres que ele descartou, colocando-os no depósito de lixo do Kuwait.*²⁶⁹.

O motorista corrobora a prioridade de seus planos de enriquecimento, ele já havia falado aos exilados que “o dinheiro vem em primeiro lugar depois a moral”²⁷⁰. Logo, ele parece representar a desilusão da causa palestina e, na criação de Kanafani, a consequência disso é a sua degeneração. Afinal, aquele que opta por abandonar a luta de seu povo em prol de seus objetivos individuais de vida, seria alguém sem caráter – já que roubou pertences pessoais dos falecidos.

Segundo o texto introdutório sobre o autor em *The 1936-39 Revolt in Palestine*²⁷¹, Kanafani “expressou a ideia de que o palestino que prefere a sua própria felicidade particular para o destino dos palestinos está condenado ao fracasso”²⁷². Restaria aos corrompidos, a solidão e a constância da dor, aos fugitivos, a morte. Nesse sentido, Siddiq revela o significado das mortes dos palestinos no enredo:

À luz do que realmente acontece no romance, especialmente a forma como as

268 *Ibidem*, p. 130.

269 HARLOW, Barbara. *After Lives: legacies of revolutionary writing*. London, New York: Verso, 1996, pp. 48-49.

270 KANAFANI. *Homens ao Sol...*, p. 80.

271 “Political writings of Ghassan Kanafani”. In: KANAFANI, Ghassan. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. New York: Committee For Democratic Palestine, 1972.

272 *Ibidem*, p. 7.

*personagens morrem, torna-se óbvio que o próprio título do romance, Homens ao Sol, cheira a uma amarga ironia. Na verdade, tivessem os três homens ousado se expor ao sol e não se escondessem dele, não teriam morrido uma morte tão sem sentido. Não é preciso dizer que essa ironia só pode tornar-se mais evidente e mais incisiva se nós também considerarmos o sol figurativamente como a "luz da verdade", como eu acho que somos esperados a fazer.*²⁷³.

Origem dessas mortes, o Sol é uma metáfora para a conscientização política e, portanto, uma oposição à ignorância, na qual os exilados da narrativa estão imersos. Conforme analisado por Siddiq, a ideia é de que o esclarecimento, representado pelo Sol, não os matou, mas sim a escuridão, a ignorância, a falta de conscientização política e identitária. Eles morrem à sombra – o nome do capítulo indica a relação, “Sol e Sombra” – a causa da morte é a asfixia causada pelo calor desértico intenso dentro do tanque. Douglas Magrath, também, comenta esse ponto: “Luz em chamas representa desastre, porém, ironicamente, os três fugitivos nunca veem a ardente luz do sol cujo calor os mata. Eles permanecem na escuridão – tanto literal quanto simbolicamente”²⁷⁴.

A leitura de *Homens ao Sol* sugere que, para Kanafani, os palestinos não devem acomodar-se com o exílio. Para ele, não é possível fugir e tentar esquecer a Palestina, pois lutar por ela é a única opção. Siddiq já havia analisado que seria fútil tentar esquecer e seguir em frente²⁷⁵. Magrath também observou o equívoco cometido pelos três exilados que se encontram nessa situação:

*O erro trágico dos protagonistas diz respeito a sua fuga para o Kuwait como uma forma de salvação da sua atual situação miserável. Eles tentam escapar de suas vidas passadas e de si mesmos ao embarcarem em uma jornada quase metafísica em um paraíso imaginado.*²⁷⁶.

A crítica é de que a causa da morte das personagens palestinas encontra-se na falta de resistência e consciência política e, também, na falta de vontade de construção de uma identidade em comum. Ciente disso, Rashid Khalidi alerta para o fato de que é preciso tomar cuidado para não atribuir a falha na luta por autodeterminação palestina apenas às causas externas. Ele pondera sobre o fato de que:

O estreitamento entre a Grã-Bretanha e o sionismo por trinta anos do século vinte, e entre os EUA e Israel, desde então, tem, sem dúvida, gerado um conjunto

273 SIDDIQ. *Op. Cit.*, pp.12-13.

274 MAGRATH. *Op. Cit.*, p. 102.

275 SIDDIQ. *Op. Cit.*, p. 10.

276 MAGRATH. *Op. Cit.*, p. 96.

*assustador de desafios externos. Mas esses fatos não podem absolver os estudantes da história palestina de perguntar se os palestinos não poderiam ter melhorado suas chances de realizar seu projeto nacional em determinados momentos críticos, e se eles pudessem, quais estruturas ou outras razões os impediu de fazê-lo*²⁷⁷.

Kanafani tem resposta para isso, ele queria ampliar o entendimento sobre o exílio palestino, considerando as causas internas. Não é à toa que ele se dedicou à escrita e à publicação de um ensaio político sobre a Revolta de 1936, cuja preocupação foi, além de identificar o sionismo e o imperialismo britânico como inimigos dos palestinos, também, analisar as falhas dos árabes diante da primeira importante manifestação palestina por reconhecimento²⁷⁸. A partir do seu engajamento, ele pareceu dedicar seu trabalho em compreender o cenário da vida palestina de seu tempo e, por meio da literatura, acreditava tratar melhor sobre sua realidade.

Em exílio é preciso resistir

A interpretação de alguns leitores logo após a publicação de *Homens ao Sol* gerou acusações de que Kanafani estava sugerindo que os palestinos deveriam ser jogados em uma pilha de lixo²⁷⁹. No entanto, esse incômodo não durou muito e o comprometimento político foi percebido como característica fundamental de sua produção literária.

Para Ghassan Kanafani, durante a década de 1950, estava claro que a resignação não traria nenhum retorno benéfico para quem fosse palestino. A inércia e a busca incerta por explicação sobre o que ocorrera em 1948, bem como a falsa crença na reação de países árabes vizinhos, levaram ao enfraquecimento do movimento nacionalista palestino, que se viu isolado e arruinado diante de interesses tão bem consolidados como as alianças entre a Europa e o sionismo. Isso teria que ser superado e compreendido, para não perder de vista a luta em defesa da Palestina.

É possível afirmar ainda que, para Kanafani, se os palestinos tivessem estimulado a conscientização política, talvez houvesse uma resistência mais preparada para lidar com os

277 KHALIDI. *Palestinian Identity...*, p. 34.

278 KANAFANI, Ghassan. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. New York: Committee For Democratic Palestine, 1972.

279 KILPATRICK, Hilary. "Introduction". In: KANAFANI. *Men in the Sun and Other Palestinian Stories*. Boulder & London: Lynne Rienner Publishers, 1999, p. 11.

inimigos externos e, eventualmente, fosse menos necessária a persistente defesa por uma identidade coletiva. A análise de Muhammad Siddiq ao interpretar o conteúdo de *Homens ao Sol* complementa essa perspectiva, pois o

*movimento de afastamento da Palestina invariavelmente leva à morte real ou simbólica da(s) personagem(s). Em contraste, o movimento em direção à Palestina, seja real (físico) ou simbólico (espiritual), inevitavelmente direciona ao resgate de si, à reiteração da vontade e à revitalização e reafirmação da identidade*²⁸⁰.

Essa postura fica ainda mais clara com o conto *Letter from Gaza* (1956)²⁸¹, em que um palestino da Faixa de Gaza que trabalhava no Kuwait escreve para seu amigo, também palestino, Mustafa, residente na Califórnia, Estados Unidos e quem o estava aguardando. O narrador foi aprovado em um curso na Universidade da Califórnia e na carta para o amigo revela que desistiu de ir e explica as razões que o levaram a mudar de ideia. Agradece o apoio do amigo e conta que certo dia foi informado pela sua cunhada e sua mãe que deveria fazer uma visita a sua sobrinha Nadia no hospital em Gaza. Sabendo que algum detalhe havia sido omitido, ele foi ver a criança, levando maçãs. Quando a menina o viu, reconheceu-o e indagou sobre ter saído do Kuwait somente para vê-la. Carregado de presentes, dentre eles a calça vermelha que Nadia tanto havia pedido, percebeu que a criança começou a chorar, levantando a colcha hospitalar para lhe mostrar a amputação que havia lhe tirado a perna na altura da coxa.

O narrador prossegue, “Mustafa, eu nunca vou poder esquecer isso. [...] Gaza me pareceu inteiramente diferente da cidade que você e eu conhecemos. [...] Fiquei sabendo que Nadia havia perdido a perna ao tentar proteger os irmãos quando sua casa se incendiou durante o bombardeio”²⁸² e encerra lembrando que ela poderia ter fugido mas optou por ficar e ajudar os irmãos. O conto termina com a reflexão sobre a escolha em permanecer, reiterando que é assim que devem viver a vida, resistindo ao invés de abandonar. A narrativa de Kanafani estimula, portanto, o caminho para qualquer palestino em dúvida sobre o seu próprio exílio: não fugir. Edward Said reconheceu a crítica de Kanafani com o desfecho de *Homens ao Sol*:

Quando finalmente os homens se movem de seu deserto espiritual para o presente, rumo ao futuro, eles escolhem com relutância, porém necessariamente: eles vão

280 SIDDIQ. *Op. Cit.*, pp. 7-8.

281 KANAFANI, Ghassan. “Letter from Gaza”. In: _____ *Men in the Sun and Other Palestinian Stories*. Boulder & London: Lynne Rienner Publishers, 1999; KANAFANI, Ghassan. *Contos da Palestina: o povo sem terra*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

282 KANAFANI. *Contos da Palestina: o povo sem terra*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986, p.87.

*morrer – invisíveis, anônimos, sob o sol, no mesmo presente que os tirou de seus passados e zomba deles por seu desamparo e sua inatividade*²⁸³.

Contudo, a estratégia criativa de Kanafani foi, segundo análise de Hilary Kilpatrick, apresentar um quebra-cabeças para o leitor²⁸⁴, já que o autor elaborou esse enredo mobilizando questionamentos, em que a busca por respostas é atribuída para aquele que está lendo. A pergunta final, “por que vocês não bateram nos lados do tanque?”, é um convite para reflexão cuja interpretação aqui sugerida é de que não é possível aceitar o exílio como condição permanente da realidade palestina. Barbara Harlow comentou o desfecho: “finalmente, os três ficaram sufocados, não porque eles não bateram nas paredes do tanque, mas porque não havia ninguém lá para ouvi-los, e mesmo que alguém tivesse ouvido, não teria tomado a atitude de os ajudar”²⁸⁵. Assim, se o exilado não cuida da própria sorte, parece que não pode esperar que outro o fará, na visão do autor. Afinal, nem Abul-Khayzuran o fez, seu questionamento soa como hipócrita. Por que ele, no ápice de seu desespero com o tempo no posto de controle, não teria sido honesto com os oficiais para salvar a vida dos homens no tanque?

Para Kanafani, portanto, todo palestino, por ser, necessariamente, um exilado, deve ser militante pela causa palestina e, para além disso, um revolucionário. Ele próprio, inclusive, abandonou conscientemente muitas oportunidades do mundo burguês para se inserir em organizações e movimentos de militância política²⁸⁶.

Sua participação na Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP)²⁸⁷ mostra seu envolvimento tanto com a causa Palestina como com uma transformação social maior. Ao se tornar marxista, ele acreditava que a solução para os problemas dos palestinos não poderia ser alcançada sem uma revolução social em todo o mundo árabe²⁸⁸. Karen Riley, na biografia que abre o livro *Palestine's Children* (2000), descreve a atuação da organização em que Kanafani estava engajado:

A FPLP era de orientação marxista, comprometida não só com a recuperação da pátria na Palestina, mas, também, com a constituição de uma nova sociedade secular baseada na reforma e justiça sociais tanto na Palestina como em todo o

283 SAID. *A questão da Palestina...*, p. 175.

284 KILPATRICK, Hilary. “Introduction”. In: KANAFANI. *Men in the Sun and Other Palestinian Stories*. Lynne Rienner Publishers: Boulder & London, 1999, p. 13.

285 HARLOW. *After Lives...*, p. 53.

286 “Political writings of Ghassan Kanafani”. In: KANAFANI. *The 1936-39 Revolt in Palestine...*, p. 7.

287 Em inglês, a sigla é PFLP, em referência ao nome *Popular Front for the Liberation of Palestine*.

288 “Introduction to Ghassan Kanafani”. In: KANAFANI. *The 1936-39 Revolt in Palestine...* p. 4.

Impossível não associar a construção da vida de suas personagens com a própria condição de vida de Ghassan Kanafani. Com 20 anos de idade, ele vivenciou o trauma de ser um refugiado e viveu em exílio desde então²⁹⁰. Isso o motivou progressivamente a se tornar em um ativista comprometido com a Palestina. Foi professor em escolas em campos de refugiados, em Damasco e outras cidades. Seu contato com as crianças, ampliou sua visão sobre o significado da Palestina. Essa experiência de vida encaminhou-o para uma forma específica de praticar a militância: a escrita literária. “Os anos em que ele era um estudante e professor tiveram efeitos significativos em seu subsequente desenvolvimento como escritor”²⁹¹, reforçam as Riley e Harlow. Cabe destacar, além disso, que a Palestina tem sido referência nos movimentos de resistência ao redor do mundo. Edward Said atrelou a ideia de “resistência” à própria noção do que é a Palestina: “essa palavra se tornou um símbolo da luta contra a injustiça social”²⁹².

Desse modo, Kanafani foi um dos principais escritores do que Said considerou como “gênero literário palestino, conhecido como 'resistência', que significa uma obra de afirmação própria e resistência ao anonimato, à opressão política, e assim por diante”²⁹³. Exemplar, nesse sentido, é a construção de Assaad, que sugere a notória crítica do autor ao modo capitalista de vida. Na trama, o exilado experiente fugiu de um compromisso que esperavam dele – o casamento arranjado com sua prima, prática cultural comum em famílias tradicionais muçulmanas²⁹⁴ – projetando um futuro materialmente desejado nas modernas sociedades ocidentais. Mas, simbolicamente, a interpretação trataria da fuga de seu comprometimento com os palestinos. Sua tentativa de se ajustar ao padrões ocidentais, direciona-o para um único destino: sua morte. Assim, seus corpos seguem “tão pobres e anônimos na morte quanto

289 RILEY, Karen. E. “A Biographical Essay”. In: KANAFANI, Ghassan. *Palestine's Children: Returning to Haifa and Other Stories*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2000, p. 8. Vale acrescentar que Kanafani, sendo marxista, compartilhava da consciência de que a militância revolucionária deveria estar unida ao redor do mundo, e não apenas entre os povos árabes. No entanto, sua atuação tinha, evidentemente, o foco na sua realidade regional. Sua postura frente ao caráter imperialista da Grã-Bretanha é exemplar.

290 “Introduction to Ghassan Kanafani”. In: KANAFANI, Ghassan. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. New York: Committee For Democratic Palestine, 1972, p. 5.

291 RILEY, Karen & HARLOW, Barbara. “Introduction”. In: KANAFANI, Ghassan. *Palestine's Children: Returning to Haifa and Other Stories*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2000, p. 15.

292 SAID. *A questão da Palestina...*, p. 144.

293 *Ibidem*, p. 177.

294 Segundo a *charia*, sistema de legislação social estruturada pela moralidade religiosa, o casamento islâmico era um contrato social entre o noivo e o guardião da noiva, em geral, seu pai ou irmão. Ver: HOURANI. *Uma história dos povos árabes*, pp. 167-168.

eles tinham sido em vida”²⁹⁵, constata Siddiq.

Essas criações literárias são inseparáveis de seu engajamento, conforme ele mesmo respondeu ao questionamento de sua sobrinha sobre seu ofício de escritor e sua atuação política: “Eu escrevo bem porque eu acredito em uma causa, em princípios. O dia que eu abandonar esses princípios, minhas histórias serão vazias”²⁹⁶.

Literatura é resistência na Palestina

A literatura de Kanafani é, então sua escolha pela resistência a uma realidade com a qual não concorda e, mais do que isso, da qual se sente excluído. Na análise de Kilpatrick, as referências do próprio autor aos seus escritos mostram que, para Kanafani, a arte podia ser vista como uma arma para transformar a sociedade²⁹⁷. No entanto, isso ocorreu após um período específico com a moderna literatura palestina. Ele pontuou que “o curto período de silêncio após a guerra de 1948 foi seguido por um grande despertar, e a poesia nacional verteu-se refletindo o fervor nacional do povo”²⁹⁸.

Interessante notar que Kilpatrick ponderou sobre tal aproximação. Tradutora da versão de língua inglesa²⁹⁹ de *Homens ao Sol*, é, também, autora de dois importantes artigos publicados na década de 1970 que abordam a vida e obra do escritor palestino. “*Commitment and Literature: the case of Ghassan Kanafani*”³⁰⁰ e “*Tradition and Innovation in the Fiction of Ghassan Kanafani*”³⁰¹.

O primeiro é uma breve análise da transformação pessoal e profissional de Kanafani enquanto jornalista político e romancista literário. Ela observa uma progressão qualitativa na produção textual do autor, que se despiu do traje de escritor sério, seco e preocupado com uma narrativa factual da situação da Palestina, revelando-se um artista experiente e criativo,

295 SIDDIQ. *Op. Cit.*, p. 11.

296 “Introduction to Ghassan Kanafani”. In: KANAFANI. *The 1936-39 Revolt in Palestine...* p. 4.

297 KILPATRICK, Hilary. “Commitment and Literature: The Case of Ghassan Kanafani”. *Bulletin: British Society for Middle Eastern Studies*. Vol. 3, No. 1, 1976, Taylor & Francis, Ltd, p. 18.

298 KANAFANI, Ghassan. “Palestinian Literature”. *Poetry of Resistance in Occupied Palestine*. Tradução: HIJJAWI, Sulafa. Ministry of Culture Baghdad-Iraq: Baghdad, 2009, pp. 3-4.

299KANAFANI, Ghassan. *Men in the sun and other palestinian stories*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 1998.

300 KILPATRICK, Hilary. “Commitment and Literature: The Case of Ghassan Kanafani”. *Bulletin: British Society for Middle Eastern Studies*. Vol. 3, No. 1, 1976, Taylor & Francis, Ltd, pp. 15-19.

301 KILPATRICK, Hilary. “Tradition and Innovation in the Fiction of Ghassan Kanafani”. *Journal of Arabic Literature*. Vol. 7, 1976, BRILL, pp. 53-64.

sem deixar de lado o seu engajamento político. Durante esse processo, segundo ela, “felizmente, Kanafani, em geral, evitou a tentação de transferir a experiência direta da realidade para a página impressa”³⁰².

O questionamento proposto por Kilpatrick aborda o papel de Kanafani nas duas esferas de seu ofício: até que ponto sua literatura não pode ser considerada um mero veículo para a divulgação de seus ideais políticos? As considerações da autora indicam que a experiência e o tempo transformaram o autor palestino em um refinado escritor de literatura, e “sua capacidade em apresentar situações simples em termos que lhes dão uma relevância universal estão entre suas principais qualidades”³⁰³. Por fim, a autora endossa a compreensão que Kanafani inferiu do seu próprio trabalho quando afirmou que as personagens palestinas de *Homens ao Sol* mostram uma consciência mais profunda de sua condição que seus artigos jornalísticos até então haviam exposto³⁰⁴. Isso, segundo ela, enriqueceu o seu comprometimento político.

Já no segundo artigo, Kilpatrick avalia as aproximações e distanciamentos dos temas tratados por Kanafani em suas obras com a tradição literária e a moderna ficção do mundo árabe. Sua preocupação é mostrar que Ghassan Kanafani, apesar de estar engajado com as causas da Palestina, foi um escritor cujos contos e romances transcenderam a questão política.

O cuidado do artigo é salientar a qualidade literária de Kanafani em detrimento de suas posturas políticas, que serve como justificativa para localizá-lo enquanto artista legítimo. Essa postura, porém, gera indagações sobre as compatibilidades entre criação estética e engajamento político. Haveria limites entre essa relação que hierarquizasse a produção literária diante de seu compromisso ideológico? A autora esboça uma resposta ao afirmar que a “política desempenha um papel importante na maior parte da sua escrita, e ela é, em grande parte, responsável por algumas das suas inovações”³⁰⁵. Isso foi sintoma de uma atmosfera de diversos autores e intelectuais comprometidos no mundo árabe e, especialmente, na Palestina³⁰⁶.

Em um breve texto publicado em meados dos anos 1960, Kanafani analisou a literatura palestina, conectando-a a um amplo movimento literário árabe e apresentou algumas

302 KILPATRICK. “Commitment and Literature: The Case of Ghassan Kanafani”, p.16.

303 *Ibidem*, pp. 18-19.

304 *Ibidem*, p. 18.

305 KILPATRICK. “Tradition and Innovation in the Fiction of Ghassan Kanafani”, p. 64.

306 JAYUSI, Salma K. *Modern Arabic Fiction: An Antology*. New York: Columbia University Press, 2005, p. 30.

de suas peculiaridades³⁰⁷. Em suas observações, o primeiro movimento da literatura palestina após 1948 foi definido por uma literatura do exílio, marcada por profundos sentimentos de tristeza, abandono e privações. Kanafani afirmou que, em seguida, essa literatura transformou-se com o tempo, criando uma sensação desafiadora que precisou ser enfrentada. Explicou que:

*A espinha dorsal da literatura árabe na Palestina ocupada havia desaparecido com a emigração de toda uma geração de escritores e homens de cultura. Os não-emigrantes constituíram uma sociedade que foi principalmente rural e esteve submetida a perseguição política, social e cultural inigualável em qualquer outro lugar no mundo*³⁰⁸.

Kanafani, nesse texto, após identificar alguns pontos³⁰⁹ sobre a situação dos árabes da Palestina ocupada pelos sionistas, assume que eles contribuíram para reconfigurar um movimento cultural que deu origem ao que ele chamou de literatura de resistência:

*Deve-se ter em mente ao ler a literatura que tem surgido, que a população árabe esteve lutando durante a noite escura de perseguição e tortura para consolidar a sua existência e para se expressar. Ela agora conseguiu formar sua própria expressão cristalizando-a em uma palpitante literatura de resistência.*³¹⁰

Assim, *Homens ao Sol* pertence a um conjunto de características que relacionam exílio e resistência. Ao mesmo tempo que o seu conteúdo é o exílio e seu autor um exilado, o romance pertence a um movimento cultural que estava transformando lamentos e tristezas em esperança, coragem e força. Com isso, a aceitação do exílio deveria se transformar em formas de resistência. Observa-se, a partir disso, que Kanafani inseria a sua obra nesse novo movimento emergente a partir da década de 1960. O desenvolvimento do exílio como o tema é apresentado como um convite para refletir sobre outras relações a ele vinculadas.

Por fim, Barbara Harlow, autora de *Literatura de Resistencia* (1993), lembrou que, segundo Kanafani, a literatura é um campo de batalha³¹¹. Ela aprofundou a análise sobre essa ideia que dá nome ao seu livro no final da década de 1980 e pesquisou a vida e obra de

307 KANAFANI, Ghassan. "Palestinian Literature". In: MINISTRY OF CULTURE BAGHDAD – IRAQ. *Poetry of Resistance in occupied Palestine*. Translated by HIJJAWI, Sulafa, 2009, pp. 3-8. Disponível em: <http://www.sulafahijjawi.ps/poetryofresistance_sulafa_hijjawi.pdf> (acesso em 15/01/2015).

308 *Ibidem*, p. 4.

309 Esses pontos tratam, entre outras coisas, da condição social dos palestinos que permaneceram no território após 1948, com precário acesso à educação, do isolamento das cidades em relação a outros países árabes e da estrutura montada pelos militares sionistas para censurar e impor restrições.

310 *Ibidem*, p. 4.

311 HARLOW, Barbara. *Literatura de Resistencia*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1993, p. 28.

Kanafani, considerando-o exemplar no que se refere a esse tipo de literatura. Em conjunto com outros textos literários do “terceiro mundo”, Harlow procurou identificar autores de regiões distintas – a saber, Palestina, El Salvador e África do Sul –, que possuíam uma proposta crítica para suas narrativas, como parte de um movimento de libertação da dominação e exploração de cunho colonialista, adquirindo significativo papel político na cultura regional.

Sua pesquisa sobre Ghassan Kanafani apontou que a obra dele tem sido referência no que diz respeito às “narrativas de resistência”, cujos textos estão carregados de significados políticos com mensagens que provocam reflexão sobre a experiência vivida pelos palestinos após a *Nakba*. O seu último romance concluído e publicado, *Returning to Haifa* (1969), foi considerado expressivo de sua sofisticação literária como parte de um movimento de resistência cultural³¹². Nele, Kanafani constrói uma narrativa em que são sobrepostas as temporalidades – 1948 e 1967 estão em contato ao longo do percurso feito pelo casal protagonista. O enredo trata da chegada em 1967 de Said e Safiya que escaparam de Haifa em 1948, durante a guerra, abandonando o filho bebê. O retorno marca a busca de sua antiga casa e de seu filho. No entanto, não encontram aquilo que esperavam. A criança havia sido cuidada por uma senhora judia que estava ocupando a residência que outrora eles haviam morado. O jovem vestia o uniforme do exército israelense. Sua casa não era mais sua, bem como o rapaz não era o filho que imaginavam encontrar.

Esse texto evidencia a maturidade política de Kanafani e sua preocupação em mostrá-la em seus textos literários. Siddiq considera esse livro parte da última fase do processo de conscientização política na ficção do autor, ocorrida entre 1968 e 1972, em que o destaque é dado pela sua aproximação com a ideologia marxista-leninista e sua entrada na FPLP em dezembro de 1967³¹³. A tese central de Siddiq, no entanto, é de que seu comprometimento político foi prejudicial para as criações artísticas de seus textos literários. Ao analisar a construção de uma das personagens de *a'id ila Hayfa* (Voltando para Haifa), ele interpretou a escolha de Kanafani por uma fala originalmente escrita em inglês e cuja tradução é ambígua para o árabe como um descuido: “Kanafani parece ter tratado a consideração artística de uma forma desleixada no melhor das hipóteses neste romance”³¹⁴.

Por outro lado, os textos de Kanafani continuam a ser lidos, indicando que a arte de

312 RILEY, Karen & HARLOW, Barbara. “Introduction”. In: KANAFANI, Ghassan. *Palestine's Children: Returning to Haifa and Other Stories*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2000, pp. 23-25.

313 SIDDIQ. *Op. Cit.*, p. 49.

314 *Ibidem*, p. 62.

sua literatura é reconhecida. Um trabalho ingênuo dificilmente conquista leitores com o passar do tempo. O fato de sua obra perdurar parece significar que atingiu relevância artística. O prestigiado escritor libanês Elias Khoury atestou a importância de Kanafani e seu trabalho, declarando sua admiração em artigo de 2013:

*Aquele que escreve as perdas também escreve os sonhos. Como é que este rapaz de Akka, este jovem de Damasco e mais tarde de Beirute, teve sucesso em transformar o desespero escuro em fermento de esperança? O segredo estava em sua intensa consciência da natureza fugaz do tempo. Ele constantemente lutou para manter a diabetes sob controle, mas foi o seu amor pela vida que moldou o escritor, o amante, e o lutador destemido. Ele transformou seu duelo com a morte em uma afirmação de vida, e ajudou a forjar uma nação por meio de suas palavras*³¹⁵.

Barbara Harlow, ademais, considerou a escrita literária de Kanafani como sintoma de sua visão revolucionária. Em seu livro *After Lives: legacies of revolutionary writing*³¹⁶, ela abordou a trajetória de escritores que foram assassinados por conta de seu posicionamento público em defesa das lutas por libertação ao criticarem a violência e a repressão dos Estados, por exemplo. Sua principal argumentação sobre eles nesse livro refere-se ao fato de que

*Seus escritos continuam a ser lidos e discutidos; eles foram assassinados por seus inimigos, mas talvez fossem seus seguidores que deles fizeram mártires; como revolucionários, seu exemplo permanece como parte das suas "pós-vidas". [...] O fato de cada um desses intelectuais terem sido assassinados também levanta – e talvez com ainda mais urgência agora – a questão da consequência política do trabalho cultural e a responsabilidade histórica da crítica [...]*³¹⁷.

Nesse sentido, esses escritores adquiriram um papel de representação significativo para o movimento político que estavam inseridos. Edward Said, também, observou isso em *Representações do Intelectual* (2005)³¹⁸, afirmando que o intelectual é “alguém que visivelmente representa um certo ponto de vista, e alguém que articula representações a um público, apesar de todo tipo de barreiras”³¹⁹. Além disso, nos estudos de Harlow sobre a relação entre literatura e resistência, Kanafani foi o primeiro a pensar em suas produções escritas como indissociáveis da resistência política³²⁰. Ele preocupou-se em enfatizar isso:

315 KHOURY, Elias. “Remembering Ghassan Kanafani, or How a Nation was Born of Storytelling”. *Journal of Palestine Studies*, Vol. 42, No. 3. Spring 2013, pp. 86-87.

316 HARLOW, Barbara. *After Lives: legacies of revolutionary writing*. London, New York: Verso, 1996.

317 *Ibidem*, p. 7.

318 SAID, Edward. *Representações do intelectual: as conferências de Reith em 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

319 *Ibidem*, p. 27.

320 HARLOW. *Literatura de Resistencia...*, p. 28.

A minha posição política surge de eu ser um romancista. Pelo que sei, política e romance são um caso indivisível e posso afirmar categoricamente que eu me tornei engajado politicamente porque eu sou um escritor; não o contrário. Eu comecei a escrever a história da minha vida palestina antes de encontrar uma posição política clara ou me juntar a qualquer organização³²¹.

Esse discernimento deve ser considerado nas análises críticas de sua proposta literária. Não cabe aqui resolver a dúvida sobre a militância poder ou não ser fator de definição da qualidade literária. O processo de formação da obra desse escritor palestino é constituído por um conjunto de elementos que estão mais ou menos presentes nos textos. *Homens ao Sol* é uma narrativa para ser lida em diálogo com o seu contexto, com a biografia de Kanafani e suas ideologias, porém de forma não hierarquizada. Seus escritos sugerem o prisma pelo qual o autor observou a sua realidade. Harlow insistiu na preocupação de Kanafani com a construção de uma consciência histórica da Palestina em todas as suas atividades produtivas³²², assim as escolhas e os caminhos percorridos por Abu-Qays, Assaad e Marwan não podem ser lidos com ausência de noções da realidade. Com uma reflexão madura, Harlow e Riley consideraram que

Obras de literatura, contos e romances são, então, convidados para participar do processo historiográfico. O imediatismo político e a historicidade dessas narrativas são, contudo, tão parte de um projeto literário como o é a literatura utilizada por uma dada visão histórica³²³.

O que essas autoras e, também, Khoury observaram é que se concentrou em Kanafani não apenas um importante escritor da literatura palestina mas, também, o mártir de sua nação, pois diante de todos os impedimentos pessoais e políticos, ele lutou e estimulou a reflexão sobre ser palestino. Khoury, novamente, constatou o comprometimento desse autor com a história:

Em morte e na vida, bem como na sua escrita, Kanafani encapsula esse instante palestino que considera como uma eternidade. Porém, os restos salpicados de seu corpo, no encontro com a morte, sugerem uma nova forma de escrita - em que, antes da pátria, as palavras devem ser suficientes para soletrar nação. A soma das partes se faz o todo³²⁴.

321 WILD, Stephan. *Ghassan Kanafani: the life of a Palestinian*. Wiesbaden: Otto Harrassowitz, 1975. apud RILEY & HARLOW. *Op. Cit.*, p. 17.

322 HARLOW. *After Lives...*

323 RILEY & HARLOW. *Op. Cit.*, p. 17.

324 KHOURY. *Op. Cit.*, p. 90.

Assim, mais pertinente do que adentrar na discussão estética sobre a arte literária e sua função, o interesse aqui tem sido pensar em *Homens ao Sol* como uma proposta de narrativa histórica fecunda para o conhecimento historiográfico sobre a Palestina. É revelador, nesse sentido, que Kanafani conscientemente dedicou-se à construção de uma história da Palestina a partir da escrita literária.

Proposta de narrativa histórica

A literatura de resistência, como a produzida por Ghassan Kanafani, garantiu a presença de narrativas em busca de uma identidade que reivindica libertação e luta contra as produções históricas unilaterais e exclusivas, como aquela promovida pelo sionismo e, em geral, por todos os discursos de cunho nacionalista. Ao construir suas narrativas, Kanafani propôs uma outra visão da história, em que o exilado precisa combater o aparente determinismo de seu futuro. Ao constatar as falhas que seus pares cometeram no passado, Kanafani trabalha para oferecer, com uma linguagem específica, outras possibilidades de construção da realidade. Sua aproximação com o marxismo revela sua crença na qual o percurso da história dependeria de seus próprios atores e, assim, ao adquirirem consciência coletiva, os palestinos não deveriam esperar uma salvação individual. O autor parece ter encontrado na sua escrita literária o meio para dizer isso.

Edward Said é, nesse aspecto, uma importante referência para auferir conexões que identificam a literatura de Kanafani dentro do espectro dos autores que escreveram para enfrentar uma estrutura determinada de pensamentos e poder. Se considerarmos o sionismo e suas pretensões nacionalistas como parte do sistema ocidental de dominação imperial, é possível inferir que a relação entre Palestina e Israel é um caso tradicional de colonialismo.

Portanto, a ideia desenvolvida em *Cultura e Imperialismo* (2011) é conveniente para refletir sobre a leitura de *Homens ao Sol*. Neste livro, o autor analisou a relação intrínseca entre a produção cultural e a realidade política. Partiu, para tanto, das análises de romances em que personagens agem, pensam e falam conforme o que é inteligível para os leitores desses textos, inseridos, nesse caso, em um sistema imperial, onde o contexto que sustenta os romances sugere uma forma determinada de existência.

No capítulo “Resistência e Oposição”, Said assinalou o contraponto necessário para a leitura diversificada de narrativas. Ao apresentar a existência de uma ampla oposição ao imperialismo e questionamentos sobre a maneira de estruturar e governar o mundo pelas nações europeias, ele mostrou que os autores de territórios colonizados tinham muito o que dizer e escrever e demonstraram que podiam produzir suas próprias narrativas, sem a necessidade de que um europeu branco o fizesse.

O autor observou então que “surgiu uma nova visão, como alternativa ao imperialismo, a qual se instalou e acabou por prevalecer”³²⁵. Isso significa que aparecia, a partir disso, uma resistência que pretendeu problematizar a estrutura consolidada nas narrativas sobre as culturas e identidade dos povos que estavam se descolonizando.

Suas identidades, nessa luta de reconstrução cultural e territorial, passam a se redefinir conforme suas próprias visões da história. Said comenta que passou a surgir na literatura do mundo imperializado repetidas vezes a visão de que os povos tomam consciência de si mesmos como prisioneiros de sua própria terra³²⁶. A experiência de Kanafani em relação à Palestina é emblemática nesse ponto. Os “homens ao Sol” mostraram que, sem compreensão de suas identidades, suas existências estavam ameaçadas ao ponto de desaparecer com os seus corpos.

Said, além disso, insiste na existência de experiências sociais que escapam ao controle do sistema imperial ou de uma ideologia: “a oposição a uma estrutura dominante surge de uma percepção consciente, às vezes até militante, de indivíduos e grupos internos e externos de que, por exemplo, algumas linhas de ação dessa estrutura estão equivocadas”³²⁷. E ele apresenta o surgimento dessa oposição a partir da ideia de “viagem para dentro”, que se constitui como

*uma variedade particularmente interessante da obra cultural híbrida. [...] A história já não corre unilateralmente [...] Pelo contrário, as armas da crítica tornaram-se parte do legado histórico do império, em que as separações e exclusões do 'dividir para dominar' são apagadas e brotam novas configurações surpreendentes*³²⁸.

A ideia é de que os produtores dessas novas configurações já consideravam o mundo

325 SAID. *Cultura e Imperialismo...*, p. 313.

326 *Ibidem*, p. 335.

327 *Ibidem*, p. 372.

328 *Ibidem*, p. 379.

como seu³²⁹. Said afirmou que esses autores “dirigiam-se a esse mundo falando de dentro dele, e questionavam e desafiavam sua autoridade baseados em razões culturais, apresentando outras versões, fosse na dramaturgia, na argumentação escrita ou na conversação privada”³³⁰. Os exemplos que o autor apresenta para refletir sobre isso são C. L. R. James e George Antonius, que desejavam oferecer uma outra versão da narrativa, “que pode ser lida como parte de uma história já conhecida do público europeu, mas até então ignorada do ponto de vista autóctone”³³¹. Apesar de esses textos terem sido considerados pelo público metropolitano da época com apenas informações adicionais de nativos e não uma contribuição ao saber³³².

Por fim, vale lembrar que Edward Said defendeu uma leitura ativa dos textos de literatura ao problematizar a relação entre texto e contexto. Ele observou que

*Cada texto tem seu gênero próprio, assim como cada região geográfica do mundo, com suas próprias experiências que se sobrepõem e suas histórias de conflitos que se entrelaçam [...]. Ao ler um texto, devemos abri-lo tanto para o que está contido nele quanto para o que foi excluído pelo autor. Cada obra cultural é a visão de um momento, e devemos justapor essa visão às várias revisões que depois ela gerou*³³³.

Kanafani, dessa forma, tornou-se referência na luta por reconhecimento da Palestina e influência para as formas culturais de resistência por apresentar uma visão “de dentro”. Barbara Harlow percebeu que a proposta literária de Kanafani esteve em diálogo com a tentativa de construção de uma produção histórica da Palestina:

*As histórias de Kanafani interagem com o tempo histórico e o enredo, propondo formas alternativas e delineando novas possibilidades narrativas. [...] A narrativa de Kanafani apresenta uma reinterpretação crítica do passado, ao mesmo tempo que abrem-se possibilidades interpretativas que afetam as determinações históricas do futuro*³³⁴.

Assim, a leitura de Kanafani alerta que ao historiador caberia não somente produzir um conhecimento sobre o passado como, também, identificar outras interpretações sobre ele realizadas, cuja forma, muitas vezes, esteve marginalizada no espaço de debate historiográfico, como é o caso da ficção literária. O autor de literatura não se isenta de uma escrita histórica ao criar um texto de ficção. Seria mais útil para o campo da história se o

329 *Ibidem*, p. 384.

330 *Idem*.

331 *Ibidem*, p. 388.

332 *Ibidem*, p. 398.

333 *Ibidem*, p. 124.

334 HARLOW. *After Lives...*, p. 54.

profissional autorizado a escrevê-la não afastasse as formas que supostamente ameaçam as bases de seus limites disciplinares³³⁵, mas, pelo contrário, seria mais produtivo e útil ampliar seus objetivos aproximando as diferentes narrativas.

Kanafani lutava contra essas formas únicas de se conceber uma realidade. Barbara Harlow insistiu nessa observação, considerando, inclusive, a interpretação filmica de *Homens ao Sol* feita pelo diretor egípcio Tawfiq Salih:

Tanto o romance de Kanafani como o filme de Salih compartilham a construção de uma história palestina, na teoria e na prática, seja como um registro arquivístico e um documento ou seja como formas ativas de resistência política contínua e em conjunção com a emergência e consolidação de uma luta armada no momento. Juntos, eles resistiram à negação dos direitos do povo palestino a sua história, à autodeterminação e a uma terra e uma identidade política e cultural própria³³⁶.

Assim, a narrativa de *Homens ao Sol*, desenvolvida conforme a necessidade de assinalar aspectos e sentidos de uma história que foi sendo suprimida desde 1948, é parte de uma proposta de Kanafani para não apenas registrar a história mas, também, reagir diante dela. Em face das diversas tentativas de se privilegiar a narrativa sionista, a população não-judia que permaneceu ou que, em algum momento, pertenceu àquele território, teve sua experiência preterida frete ao poder estabelecido com a criação de um novo Estado-nação.

Os exilados Abu-Qays, Assaad e Marwan, bem como o abscindido Abul-Khayzuran potencializaram o significado do que é uma vida interrompida e, no limite, uma história intermitente. Ao não conseguirem decifrar o próprio tempo presente, foram incapazes de encontrar um futuro. Kanafani reivindicou uma postura diante da injustiça sofrida com a *Nakba*, porque tinha consciência de que a infinita espera por transformação de suas vidas era um caminho sem qualquer destino. A questão despontada “Ainda há caminhos neste mundo?” por Assaad é respondida pelo autor com sua proposta de uma reescrita da história: o caminho só existe a partir da crítica, a inércia diante da realidade resulta em supressão.

Ilan Pappé notou um acontecimento curioso que simboliza a relação entre objetividade e subjetividade, tão inter-relacionados no diálogo entre história e literatura. As árvores, símbolos da resistência palestina e objeto de memória, muitas vezes arrancadas de antigos vilarejos palestinos para dar lugar a uma paisagem similar a europeia seguem tendo

335 Sobre a recorrente ameaça que a história sofre da literatura ao propor um debate sobre a narrativa, ver: VASCONCELOS, José A., *Quem tem medo de teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.

336 HARLOW. *After Lives...*, p. 55.

importante representação:

Visitas posteriores feitas por parentes de alguns dos moradores originais de Mujaydial revelou que alguns dos pinheiros haviam literalmente se dividido em dois e, de alguma forma, no meio de seus troncos quebrados, oliveiras tinham surgido em desafio à flora exótica plantada sobre eles cinquenta seis anos atrás³³⁷.

Como a inspiração das oliveiras, a literatura se apresenta como opção para um caminho às vezes pouco claro. Entrelaçada com a história, ela amplia não só as possibilidades daquele que a produz mas, especialmente, daqueles que a leem. Compreender a intangibilidade do exílio palestino não é possível por meio de uma leitura restrita. É, portanto, mais proveitoso poder criar associações e imaginar os caminhos percorridos pelos protagonistas palestinos sobre uma história que foi contada e se quer conhecer.

Finalmente, se “ainda há caminhos neste mundo” para a Palestina, seguiremos perseguindo as diversas possibilidades de os encontrar, desenvolvendo condições que favoreçam as conexões entre o passado e o presente de seus agentes, bem como entre as diversas narrativas produzidas por eles, tão determinantes para o que virá no futuro, conforme os estudos em história insistem em nos lembrar.

337 PAPPE. *The Ethnic Cleansing...*, pp. 227-228.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante os “anos perdidos”, entre 1948 e meados da década de 1960, quando ainda se tentava compreender as bruscas transformações pelas quais a Palestina estava passando sob a liderança do movimento sionista, Ghassan Kanafani, por meio de sua atividade literária, foi precursor de uma concepção de resistência nacional. A partir de textos de ficção, o autor criou sua interpretação para a história da Palestina e de sua população árabe sugerindo ação no lugar da inércia provocada nessas duas primeiras décadas.

Abu-Qays, Assaad e Marwan insistem, a todo momento, na defesa de suas escolhas, como se o sucesso do futuro dependesse de justificativas individuais sobre as opções feitas no presente. Sobrevivem entre as tentativas de chegar no Kuwait e a vontade de voltar para casa, tal como ela existia no passado. A impossibilidade do retorno, no entanto, impulsiona o desânimo e o sentimento de humilhação onde o destino que lhes sobra, a morte, é esvaziado de sentido. Todos os esforços e tentativas de negar o exílio provocaram o pior resultado, uma morte sem significados e projetada para o total esquecimento alheio. A única pessoa que teria lembrança dessas mortes, Abul-Kkayzuran, já estava embrutecido o bastante para tanta catástrofe. A procura por uma vida distante da Palestina não traz, de nenhuma forma, qualquer tipo de êxito, conforme a narrativa de *Homens ao Sol* revela.

A produção de *Homens ao Sol* não foi apenas uma leitura do autor sobre sua própria realidade mas, também, a sua proposta de mudança para ela. Enquanto revela a complexa relação entre o exilado palestino e suas memórias sobre um passado permanente, Kanafani projeta a viabilidade de um futuro digno para o seu povo por meio do engajamento político. Para ele, também um exilado, a condição imposta em um presente intermitente deve ser combustível para o motor da sublevação. A escolha de sua própria trajetória de vida foi traduzida para seus textos: resistir era o sintoma natural do exílio.

Portanto, a imaginação textual do autor, ao ser colocada em diálogo com uma produção historiográfica sobre o contexto, pode ser lida como uma outra narrativa da história, uma narrativa que considera as aflições, desejos, medos e esperança dos exilados e orienta formas de pertencer à história. Morrer e deixar ser jogado numa pilha de lixo como ocorre com os protagonistas exilados do romance é admitir o esquecimento alheio. Kanafani busca um rompimento com atitudes como essas, ele prefere o caminho da resistência, para assegurar a existência.

Considerando as diversas tentativas de obliterar a versão palestina da história, especialmente por esforços sionistas, é justo que se experimente novas formas de redigi-la. Kanafani, junto com a sua obra, perdurou justamente porque ousou arriscar nessa ideia. Este trabalho buscou reforçar a importância dessas perspectivas para a produção do conhecimento histórico. *Homens ao Sol* evidencia que o exílio palestino tem historicamente se caracterizado como uma permanência e, por isso, o esquecimento do passado e do presente não é viável, a história da Palestina é sustentada por tal continuidade, que deve ser considerada nas suas infinitas leituras.

Cabe ainda destacar que escrever sobre a Palestina é confrontar-se constantemente com um engajamento político, pois afirmar a sua existência e a dos palestinos tem sido motivo de questionamento em diversos espaços de debate público, especialmente quando constatamos que há poderes que concebem como ameaça falar em Palestina, reiterando uma visão hegemônica da narrativa, como é o caso do sionismo. Ademais, a própria universidade insiste, muitas vezes, em separar as atividades científicas do comprometimento político. A Palestina parece estar muito mais na pauta dos movimentos sociais e do ativismo político e menos nos textos científicos ou acadêmicos. Essa percepção gera, frequentemente, indagações sobre a escolha do pesquisador, que parece possuir menor autonomia intelectual quando escolhe a Palestina, esse lugar incerto e em disputa, como seu objeto de investigação. É claro, no entanto, que há certa recorrência com outros temas que seguem à margem. A Palestina, porém, ao ser referência para movimentos de resistência pela sua longa experiência, parece ser simbólica da dificuldade em desvincular militância política e reflexão científica, o que nos faz sempre voltar à pergunta sobre qual é o papel do intelectual. *Homens ao Sol* parece sugerir caminhos para respondê-la.

Por fim, produzir um texto entrecruzando a materialidade histórica e uma produção literária que dialoga com ela não foi tarefa simples, demandou um exercício de iniciativa de criação que esteve o tempo todo pendendo entre dúvidas e incertezas. Mas, insistir nessa proposta movimentou o processo formativo com o qual a pesquisa em nível de mestrado deve significativamente contribuir. Assim, o desafio colocado exigiu tempo, reflexão e investida que poderia ter gerado inúmeros resultados e, inclusive, com distintas abordagens, porém, essa foi a versão que se compôs aqui e esperamos que seja uma entre tantas possíveis.

ANEXO I



Fotografia de autoria de Gabriel Mathias Soares, em 05 de março de 2014, na rua Shuhada, na cidade de Hebron (*al-Khalīl*), Cisjordânia. A faixa é assinada por um grupo religioso da comunidade judaica que vive na cidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABUFARHA, Nasser. Land of symbols: Cactus, poppies, orange and olive trees in Palestine. In: KING, Diane E. (Ed.). *Middle Eastern Belongings*. London & New York: Routledge Taylor & Francis Group, 2010, pp. 85-110.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexiones sobre el origen y la difusión del nacionalismo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

BADIL – Resource Center for Palestinian Residency and Refugee Rights. Closing Protection Gaps: A Handbook on Protection of Palestinian Refugees in States Signatories to the 1951 Refugee Convention. Handbook. Bethlehem, August 2005. Disponível em: <<https://www.badil.org/en/lawyers-resources/itemlist/category/206-2005handbook>> (acesso em 05/06/2015).

BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento* Petrópolis: Vozes, 1985

B'Tselem (The Israeli Information Center for Human Rights in the Occupied Territories). *Routine Torture: Interrogation Methods of The General Security Service*. Jerusalem, 1998 (Report).

B'Tselem & Hamoked. *Absolute Prohibition: The Torture and Ill-treatment of Palestinian Detainees*. Jerusalem. May, 2007 (Report).

BOKAE'E, Nihad. Palestinian Internally Displaced Persons inside Israel: changing the solid structures. Bethlehem: Badil Resource Center for Palestinian Residency and Refugee Rights, February, 2003. Disponível em: <<http://www.badil.org/en/documents/category/52-other-papers?download=15%3Apalestinian-internally-displaced-persons-inside-israel-challenging-the-solid-structures&start=10>> (acesso em: 27/06/2015).

FINKELSTEIN, Norman G., *Imagem e realidade do conflito Israel-Palestina*. Rio de Janeiro:

Record, 2005.

HAMMER, Juliane. *Palestinians born in exile: diaspora and the search for a homeland*. Austin: University of Texas Press, 2005.

HARLOW, Barbara. *Literatura de Resistencia*. Santiago de Compostela: Edicións Laiovento, 1993.

HARLOW, Barbara. *After Lives: legacies of revolutionary writing*. London, New York: Verso, 1996.

HOBBSAWM, Eric. *A Era dos Impérios 1875-1914*. Rio de Janeiro: Terra & Paz, 2007.

HOBBSAWM, Eric. *Nações e nacionalismos desde 1780: programa, mito e realidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

HOBBSAWM, Eric & TANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

KAMM, Shira et al. The Arab Minority in Israel - Implications for the Middle East Conflict. *Middle East & Euro-Med Project*. Centre for European Policy Studies. Working Paper No. 8, July 2003. Disponível em <<http://www.ceps.eu/system/files/book/1045.pdf>> (acesso em: 05/06/2015).

KANAFANI, Ghassan. *The 1936-39 Revolt in Palestine*. New York: Committee For Democratic Palestine, 1972.

KANAFANI, Ghassan. *Contos da Palestina: o povo sem terra*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

KANAFANI, Ghassan. *Men in the Sun and Other Palestinian Stories*. Boulder & London : Lynne Rienner Publishers, 1999.

KANAFANI, Ghassan. *Palestine's Children: Returning to Haifa and Other Stories*. Boulder: Lynne Rienner Publishers, 2000.

KANAFANI, Ghassan. *All that's left to you: a novella and short stories*. Northampton : Interlink Books, 2004.

KANAFANI, Ghassan. "Palestinian Literature". *Poetry of Resistance in Occupied Palestine*. Tradução: HIJJAWI, Sulafa. Ministry of Culture Baghdad-Iraq: Baghdad, 2009, pp. 3-8. Disponível em: <http://www.sulafahijjawi.ps/poetryofresistance_sulafa_hijjawi.pdf> (acesso em 15/01/2015).

KANAFANI, Ghassan. *Homens ao Sol*. São Paulo: Bibliaspa, 2012.

KANAFANI, Ghassan. *A Revolta de 1936-1939 na Palestina*. São Paulo: Sundermann, 2015.

KHALIDI, Rashid. *Palestinian Identity: the construction of modern national consciousness*. New York: Columbia University Press, 2010.

KHALIDI, Walid. "Plan Dalet Revisited: Master Plan for the Conquest of Palestine". *Journal of Palestinian Studies*. Vol. 18, N° 1, Autumn. 1988, pp. 3-37.

KHOURY, Elias. "Remembering Ghassan Kanafani, or How a Nation was Born of Storytelling". *Journal of Palestine Studies*, Vol. 42, N° 3. 2013, pp. 85-91. University of California Press/Institute for Palestine Studies .

KILPATRICK, Hilary. "Tradition and Innovation in the Fiction of Ghassān Kanafānī". *Journal of Arabic Literature*. Vol. 7, 1976, pp. 53-64. BRILL.

KILPATRICK, Hilary. "Commitment and Literature: The Case of Ghassan Kanafani".

Bulletin: British Society for Middle Eastern Studies. Vol. 3, No. 1, 1976, pp. 15-19. Taylor & Francis, Ltd.

KIMMERLING, Baruch & MIGDAL, Joel S. *Palestinians: the making of a people*. Harvard University Press, 1998

LACAPRA, Dominick., “Rethinking intellectual history and reading texts”. In: LACAPRA, Dominick & KAPLAN, Steven L. (ed.), *Modern European Intellectual History: reappraisals and new perspectives*. Ithaca: Cornell University Press, 1982.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*, São Paulo, v. 17, nov. 1998.

MAGRATH, Douglas R., “A Study of 'Rijāl fī al-Shams' by Ghassān Kanafānī”. *Journal of Arabic Literature*, BRILL. Vol. 10, 1979. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/4183014>> (Acesso em 13/07/2015).

MASALHA, Nur. *Expulsion of the Palestinians: The concept of 'transfer' in Zionist Political Thought, 1882-1948*. Washington: Institute for Palestine Studies, 2009.

MASALHA, Nur. *The Palestine Nakba: Decolonising history, narrating the subaltern, reclaiming memory*. London & New York: Zed Books, 2012.

MORRIS, Benny. *The Birth of the Palestinian Refugee Problem Revisited*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

PAPPÉ, Ilan. *The Ethnic Cleansing of Palestine*. Oxford: Oneword Publications Limited, 2006.

PAPPÉ, Ilan. *The Forgotten Palestinians: A history of the Palestinians in Israel*. New Haven & London: Yale University Press, 2011.

PELED-ELHANAN, Nurit. *Palestine in Israeli School Books: ideology and propaganda in education*. New York: I. B. Tauris & Co Ltd., 2012.

ROGAN, Eugene L. & SHLAIM, Avi (eds.). *The War for Palestine: Rewriting the History of 1948*. Cambridge University Press, 2007.

ROLLEMBERG, Denise. *Exílio. Entre raízes e radares*. Rio de Janeiro. Record, 1999.

SAID, Edward. “The Moring After”. *London Review of Books*. Vol. 15 N°. 20. 21 October 1993, pp. 3-5. Disponível em: <<http://www.lrb.co.uk/v15/n20/edward-said/the-morning-after>> (Acesso em: 30/04/2016).

SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SAID, Edward. *Fora do lugar: memórias*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SAID, Edward. *Representações do intelectual: as conferências de Reith em 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.

SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SAID, Edward. *A questão da Palestina*. São Paulo: Ed. Unesp, 2012

SAID, Edward. *A pena e a espada: diálogos com Edward Said e David Barsamian*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SALGADO NETO, Luiz. “Muito além do Mufti: líderes e organizações árabes na Palestina sob controle britânico (1917-1937)”. *Tempos Históricos*. Vol 19. N. 1, 2015, pp. 378-412.

Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/temposhistoricos/article/view/11637>>
(Acesso em: 10/09/2015).

SEGEV, Tom. *One Palestine, complete: Jews and Arabs under the British Mandate*. New York: Holt Paperbacks, 2001.

SHAFIR, Gershon. *Land, Labor and the Origins of the Israeli-Palestinian conflict, 1882-1914*. Berkeley, Los Angeles & London: University of California Press, 1996.

SIDDIQ, Muhammad. *Man is a Cause: political consciousness and the fiction of Ghassān Kanafānī*. Seattle: University of Washington Press, 1984.

VASCONCELOS, José A., *Quem tem medo de teoria? A ameaça do pós-modernismo na historiografia americana*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2005.